

MEMORIAL

Prof. ARMANDO BOITO JÚNIOR

**Concurso Professor Titular
Departamento de Ciência Política
Unicamp, abril de 2003**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

PRIMEIRA PARTE DESCRIÇÃO DA TRAJETÓRIA INTELECTUAL

I. FORMAÇÃO ESCOLAR, PRODUÇÃO CIENTÍFICA, ATIVIDADE DOCENTE E

INTERVENÇÃO CULTURAL

- I.1 Curso colegial
- I.2 Interregno no teatro
- I.3 Curso de graduação
- I.4 Curso de mestrado
- I.5 Início do doutorado no exterior
- I.6 Interregno no jornalismo militante
- I.7 Mudança no doutorado e defesa da tese
- I.8 Docência e pesquisa na Unicamp
- I.9 Pós-doutoramento em Paris
- I.10 A livre-docência
- I.11 Nova fase

II CARGOS ACADÊMICOS E ADMINISTRATIVOS NA UNICAMP

III CONCLUSÃO DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE CURRICULUM VITAE

INTRODUÇÃO

O memorial acadêmico é um gênero difícil. Sem a ambição de estabelecer qualquer padrão nessa matéria, optei por alguns critérios que nortearam a produção deste texto.

Acima de tudo, este memorial é descritivo. Não há nele nenhum exercício de análise sociológica de minha trajetória intelectual. Resisti à tentação de entremeá-lo de observações que procurassem relacionar fatores como a minha origem social e familiar, o sistema universitário público paulista no qual se insere o meu trabalho intelectual, as diferentes etapas da história brasileira recente e tantos outros fatos pertinentes para tornar inteligível minha trajetória. Preferi um texto descritivo e penso que é isso que o concurso para titularidade exige.

Não alimento a ilusão de que minha trajetória tenha sido o resultado da implementação de um projeto pessoal consciente e de longo prazo. Claro que sempre tive minhas preferências e inclinações. Porém, apresentar uma trajetória de vida como resultado de um projeto pessoal é um exagero. Constatado que o ambiente circundante pesou muito na definição do rumo de minha vida, um ambiente formado tanto por tendências históricas e pessoais, quanto por circunstâncias criadas ao acaso.

Eu dividi este memorial em três partes. A primeira parte é o memorial propriamente dito. Nela, faço um relato geral dos principais fatos de minha vida escolar, acadêmica e intelectual, comentando, de modo sucinto, o conteúdo das principais atividades de ensino, de pesquisa, culturais e administrativas que desenvolvi. Essa primeira parte seleciona as principais atividades, relata-as em ordem cronológica e considera o conteúdo de cada uma delas – o conteúdo de um curso, de um livro, de uma atividade de pesquisa.

A segunda parte do memorial é a parte estritamente quantitativa. Nela, enumero, no formato de um *curriculum vitae*, todas as atividades que realizei e cujos dados e provas consegui reter.

A terceira e última parte é estritamente documental. Ela é composta por quatro anexos que contêm as provas das atividades relatadas - um primeiro volume com as fotocópias dos principais trabalhos científicos, um segundo com as fotocópias dos principais ensaios publicados na imprensa e com material que produzi para fins didáticos ou de divulgação, um terceiro com as fotocópias de certificados de palestras e de

participações em eventos acadêmicos e um quarto volume com fotocópias de certificados de atividades docentes, de pesquisa, administrativas e outras. Esses quatro volumes de anexos estão organizados na mesma seqüência de temas do memorial, de modo a facilitar seu manuseio pelo leitor.

Acompanham o presente memorial exemplares dos livros que publiquei.

PRIMEIRA PARTE

DESCRIÇÃO DA TRAJETÓRIA INTELECTUAL

I. FORMAÇÃO ESCOLAR, PRODUÇÃO CIENTÍFICA, ATIVIDADE DOCENTE E INTERVENÇÃO CULTURAL

I.1 Curso colegial

Eu me escolarizei numa pequena cidade do interior do Estado de São Paulo, a cidade de Pirassununga. Minha mãe era professora da escola primária, filha de imigrantes libaneses que atuavam no comércio, e meu pai era funcionário público da Caixa Econômica do Estado de São Paulo, e filho de imigrantes italianos que vieram para o Brasil trabalhar nas fazendas de café. Fiz meus estudos de primeiro e segundo graus no Instituto de Educação Pirassununga (IEP) entre 1957 e 1967. Residindo em Pirassununga, acompanhei apenas de longe os acontecimentos políticos nacionais e os movimentos culturais que ocorreram no Brasil ao longo da década de 1960.

No curso médio, optei pela então chamada Escola Normal, denominação do antigo curso para a formação de professores primários. O Colegial naquela época estava subdividido em três cursos: o Científico, que abarcava as áreas de ciências exatas e biológicas, o Clássico, que abarcava a área de humanidades, e a Escola Normal, que, além de ser profissionalizante, tinha um currículo centrado em humanidades. Minha preferência era pela área de humanidades. Talvez eu tivesse optado pelo Clássico, não fosse o fato de estar preocupado em obter um diploma que me habilitasse para ingressar no mercado de trabalho. No curso ginásial e no colegial, interessei-me por disciplinas de humanidades (história, filosofia, sociologia, psicologia e pedagogia) e também por matemática.

Entre o ensino médio e o ensino universitário, durante os anos de 1968 e 1969, eu permaneci fora do sistema escolar, dentre outras razões porque fui obrigado a servir o Exército por motivo de perseguição política e familiar. Esse fato revela a face provinciana da ditadura militar brasileira e merece ser relatado. Em Pirassununga, existem duas unidades das Forças Armadas: um Regimento de Cavalaria do Exército e a Escola de Cadetes da Aeronáutica. Na época da ditadura militar, a pressão dos militares sobre a vida civil da cidade era grande e vinha misturada com questões pessoais. O meu pai, Armando Boito, era presidente do Diretório Municipal do partido legal de oposição - o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) - e eu tivera participação no Grêmio Estudantil do IEP. O comandante do Regimento de Cavalaria na época, um Coronel de sobrenome Castro, determinou que o meu caso fosse enquadrado na rubrica “incorporação

obrigatória” ao serviço militar, explicitando tratar-se de uma espécie de punição devido às idéias e atitudes minhas e... de meu pai! Após essa punição pré-capitalista, fiz dez meses de serviço militar, obtendo a baixa em maio de 1969.

I.2 Interregno no teatro

No decorrer do segundo semestre de 1969 e primeiro semestre de 1970, dediquei-me exclusivamente à atividade teatral, à qual me encontrava ligado desde a adolescência. Pirassununga tem uma certa tradição nesse campo. Alguns profissionais importantes do teatro brasileiro vieram de lá – a mais importante sem dúvida é a atriz Cacilda Becker. A atividade teatral estava ligada a um processo de politização do nosso grupo estudantil. Em 1969, realizamos uma montagem da peça “Arena conta Zumbi” e, no segundo semestre daquele ano, percorremos várias cidades do interior do Estado de São Paulo apresentando a peça de Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri. A peça, como se sabe, enaltecia a luta do quilombo de Palmares, funcionando, naquele contexto, como uma alegoria da luta armada contra a ditadura militar e o imperialismo – o texto da peça destaca a luta dos escravos pela liberdade e a subordinação da colônia à metrópole lusitana. Talvez valha a pena retomar a questão da face provinciana da ditadura militar brasileira. Uma das componentes do nosso grupo era filha de um coronel da Escola de Cadetes da Aeronáutica. Tratava-se de uma pessoa muito afável e liberal no relacionamento com a filha e com os jovens “de esquerda” da cidade. Sem a intervenção e a “proteção” desse coronel, de sobrenome Ferraz, não teríamos obtido o certificado de censura para a nossa montagem da peça “Arena Conta Zumbi”. Participamos do festival de teatro amador do Estado de São Paulo do ano de 1969, que, naquela época, mobilizava mais de quinhentos grupos de teatro amador em todo Estado de São Paulo. O festival era uma seqüência de etapas nas diversas regiões do Estado que selecionava os grupos que iriam para a etapa final. Vencemos as duas primeiras etapas da nossa região, cuja sede era a cidade de Campinas, e, na etapa final, que teve lugar na cidade de Ribeirão Preto, obtivemos uma colocação razoável – o sexto lugar, se não me falha a memória. Eu participava do nosso grupo como ator e fui muito bem sucedido nessa atividade, a ponto de ter cogitado seriamente de passar ao teatro profissional. Obtive o prêmio de melhor ator nas duas etapas regionais do festival e conquistei, na etapa final, o Prêmio Governador do Estado de Melhor Ator do ano de 1969. Tal prêmio me valeu uma vaga no Curso de Artes Cênicas da ECA/USP sem necessidade de prestar exame

vestibular, uma bolsa de estudos do Governo do Estado de São Paulo para os quatro anos do curso de graduação e alguns convites do corpo de jurados do festival para fazer teatro profissional em São Paulo – faziam parte do corpo de jurados o teatrólogo Lauro Cesar Muniz, o produtor Paschoal Carlos Magno e outros profissionais cujos nomes não me recordo.

Ingressar na USP sem vestibular e com bolsa de estudo era uma oferta muito tentadora, inclusive porque minha família não dispunha de recursos para custear residência e estudos para mim na cidade de São Paulo. Porém, eu não tinha intenção de fazer uma graduação em Artes Cênicas. Fui me informar se eu poderia ingressar em outro curso. Diante da resposta negativa, desisti, com pesar, da vaga e da bolsa de estudos que estava ligada a ela. Eu gostava de teatro, fiquei muito tentado a ingressar na ECA, mas o fato é que ser ator profissional não me animava muito. Eu tinha a aspiração, ainda difusa, de me dedicar a uma atividade de estudo na área de ciências humanas. Ademais, o meio teatral em São Paulo estava vivendo um péssimo momento.

A cena teatral paulistana estava polarizada entre, de um lado, as companhias tradicionais, algumas delas estritamente comerciais, e, de outro lado, os grupos de vanguarda, entre os quais despontavam o Teatro de Arena e o Teatro Oficina. O Arena era visto como o grupo teatral simpático à luta armada contra a ditadura militar e o Oficina representava o setor da classe média intelectualizada que tinha optado pela despolitização. Na virada dos anos sessenta, a conjuntura teatral paulistana era desanimadora para mim. O Teatro de Arena, para o qual ia toda a minha simpatia, estava em processo de desintegração devido às perseguições políticas, já as companhias tradicionais e estritamente comerciais estavam recuperando sua força, graças a um novo programa de financiamento ao teatro criado pelo governo do Estado de São Paulo em sintonia com a política da ditadura militar. A desintegração, o medo e a cooptação imperavam no meio teatral paulistano.

Após desistir da bolsa na ECA-USP ainda cogitei, por algum tempo, usar o trabalho como ator para custear meus estudos no curso que eu escolhesse. Contudo, esse plano não vingou. Recusei algumas propostas de trabalho. Lembro-me que uma delas era para participar da encenação paulistana de *O balcão*, montagem que teve grande repercussão cultural na época. Foi-me oferecido o papel do jovem revolucionário. Fui desaconselhado a aceitar o papel e recusei. Perdi, por motivos diversos e casuais, duas oportunidades muito interessantes – uma delas era para fazer o papel título da peça *Jorginho machão* da teatróloga paulista Leilah Assumpção, cuja peça *Fala baixo senão eu grito* acabara de receber muitos prêmios. Em poucos meses, graças à repressão

ditatorial, a situação dos grupos e companhias de teatro que desenvolviam um trabalho crítico em São Paulo se deteriorou muito. Em meados de 1970, acabei abandonando definitivamente o plano de fazer teatro como meio de custear os estudos. Ao tomar conhecimento da criação da Unicamp, matriculei-me num curso pré-vestibular da cidade de Campinas e, no final daquele ano, prestei vestibular para o curso de Ciências Sociais daquela universidade e fui aprovado.

I.3 Curso de graduação

Optei pelo Curso de Ciências Sociais por interesse intelectual e político. Como vários de meus colegas, estava motivado para conhecer o capitalismo e fazer a crítica desse sistema. Minha formação intelectual era pequena. Enquanto estive fora do sistema escolar, eu lera livros de história e de filosofia, além de alguns textos conhecidos de Marx e de Lenin – *Manifesto do Partido Comunista*, *O Estado e a revolução* e outros. Minha experiência política era mínima. Eu não tinha participado do movimento estudantil de 1968 e não participei tampouco dos agrupamentos clandestinos que existiam na época. Eu fora, contudo, politizado “à distância” ou de “modo indireto” pela ditadura e pelo movimento de 1968.

Fiz o curso de graduação entre 1971 e 1974. A situação e o currículo do curso de Ciências Sociais da Unicamp eram, no início da década de 1970, muito diferentes da situação e do currículo de hoje.

No Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, havia um ciclo básico para todos os alunos ingressantes. Os estudantes interessados em fazer os cursos de Economia, de Lingüística e de Ciências Sociais eram obrigados a passar por um tronco comum de três semestres. Somente no quarto semestre os estudantes confirmavam sua opção de curso. O curso de ciências sociais me abriu um amplo horizonte. Muitos professores acabavam de chegar de seus cursos de pós-graduação na Europa. O ambiente era cosmopolita, a despeito do caráter provinciano da cidade de Campinas. Foi na graduação também que realmente iniciei - muito motivado - minha formação em ciências humanas.

Disciplinas de economia, lingüística, história e filosofia ocupavam um grande espaço na grade curricular do ciclo básico. Em economia, estudávamos as grandes teorias econômicas (os clássicos, Marx, os neoclássicos e Keynes), a formação econômica do Brasil e a crítica cepalina ao denominado “milagre econômico brasileiro” – tivemos como professores Luiz Gonzaga Belluzo, Maria da Conceição Tavares, Wilson

Cano, Rui Graziera e outros que não me recordo. Em lingüística, estudávamos matérias introdutórias, a escola estruturalista e disciplinas como análise do discurso, que era muito útil para o estudante de Ciências Sociais – tivemos como professores Haquira Osakabe, Rodolfo Ilari e Carlos Vogt. Em filosofia estudávamos algumas correntes filosóficas, como a fenomenologia, e filosofia da história – Fausto Castilho e Luiz Benedito Lacerda Orlandi foram os nossos professores. Em história, estudávamos Europa e América Latina, sob responsabilidade, respectivamente, dos professores Fernando Novaes e Carlos Guilherme Mota.

O curso de Ciências Sociais não apresentava, na época, a rica desagregação temática que suas disciplinas básicas (Antropologia, Política e Sociologia) passaram a apresentar a partir dos anos 80. Hoje, para exemplificar com o caso da Ciência Política, o currículo contém várias disciplinas específicas sobre temas fundamentais dessa área. Há dois cursos sobre teoria do Estado, quatro cursos sobre pensamento político, e diversos cursos sobre regimes e partidos políticos, política internacional, cultura e política, movimentos sociais e outros. As áreas de ciências sociais no currículo dos anos 70 eram formadas por disciplinas com temas mais gerais, o que representava uma desvantagem para a formação do cientista social. Mas essa desvantagem estava ligada a uma característica positiva do currículo de então. O estudante tinha um contato mais duradouro com as demais áreas de humanidades (economia, história, filosofia e lingüística) e todo o curso de ciências sociais girava em torno da discussão das grandes teorias e correntes das ciências sociais, com destaque para o estruturalismo, o marxismo, o funcionalismo e a fenomenologia. Desenvolvemos, graças a isso, a capacidade de desvendar, rapidamente, a filiação teórica das teses e análises que nos eram apresentadas e de reconhecer e discutir essas teorias em campos de aplicação diversos - o estruturalismo na lingüística e na antropologia, o marxismo na economia e na história e assim por diante. As discussões em sala de aula, na maioria dos cursos, eram rápida e invariavelmente transpostas para o plano das grandes teorias. Nos corredores, dada a conjuntura política de então, a discussão teórica era transposta para o terreno da discussão política. Nossos professores de Sociologia foram Manoel Tosta Berlinck, André Villalobos, Cesar Ignacirini, Irineu Dias Daniel Hogan e outros; os professores de Antropologia eram, na época, Verena Stolcke, Peter Fry e Antonio Augusto Arantes; na Política, tínhamos aula com Michel Debrun, Décio Saes, Paulo Sérgio Pinheiro, Carlos Estevam Martins Roberto Gambini e outros. O Curso de Graduação em Ciências Sociais representou um grande avanço intelectual para mim.

Quando eu fazia o curso de graduação tive a oportunidade de participar ativamente de duas pesquisas.

Fui auxiliar de pesquisa da antropóloga Verena Stolcke, que realizava, então, um estudo sobre os trabalhadores rurais conhecidos como “bóias-frias”. Trabalhei com ela por mais de um ano. Foi um aprendizado importante. A profa. Verena orientava a pesquisa com segurança e confiava no trabalho que eu fazia. Realizei entrevistas com os trabalhadores rurais, fiz observação de campo nos cafezais de Jaguariúna (SP), efetuei levantamento em arquivos, levantei e organizei bibliografias e fiz discussão de textos. Como resultado de meu trabalho de auxiliar de pesquisa, elaborei um pequeno estudo sobre os “turmeiros”, os intermediários da mão-de-obra empregada pelas fazendas. Esse estudo foi o primeiro trabalho que apresentei em um congresso científico - na Reunião Anual da SBPC, realizada em 1975, em Belo Horizonte.

Da pesquisa sobre os trabalhadores rurais resultou, ainda, um estudo, escrito em parceria com a profa. Verena, sobre a atitude dos “bóias-frias” da região de Jaguariúna frente à eleição senatorial de 1974. Essa eleição foi o marco político-eleitoral do início da crise do regime militar. Nos dois últimos meses da campanha eleitoral, o eleitorado deslocou-se, de modo aparentemente abrupto e em massa, para os candidatos do partido de oposição, o MDB. Em São Paulo, esse deslocamento expressou-se na queda das intenções de voto em Carvalho Pinto, o candidato da ARENA que na fase inicial da campanha eleitoral liderava com enorme folga as pesquisas de intenção de voto, e na ascensão de Orestes Quércia, que acabou vencendo com grande margem a eleição. Mostramos em nosso estudo que os “bóias-frias” de Jaguariúna não acompanharam o movimento geral do eleitorado. Eles desconfiavam dos dois candidatos e, inclusive, do processo eleitoral tal qual ele se passava. Pelas evidências de nossa pesquisa, a maioria deles votou em branco ou anulou o voto. Procuramos localizar as razões dessa atitude na situação sócio-econômica daqueles trabalhadores, na memória política que possuíam e na tradicional desorganização desse setor social. Procuramos evidenciar, como indica o título do nosso ensaio (“1974: Enxada e Voto”), título que alude ao clássico *Coronelismo, enxada e voto* de Victor Nunes Leal, que a época do coronelismo estava sendo superada pelo processo de expulsão do trabalhador rural das fazendas, expulsão que era parte do processo de conversão dos antigos agregados, colonos e moradores em trabalhadores assalariados. Esse trabalho foi minha primeira publicação de certa importância no Brasil e, também, minha primeira publicação internacional - publicamos uma versão modificada e vertida para o inglês no conhecido *The Journal of Peasant Studies*. O resultado maior

da pesquisa sobre os trabalhadores rurais foi o importante livro da profa. Verena Stolcke, *Cafeicultura, homens, mulheres e capital (1850-1980)*.

A outra pesquisa em que trabalhei como auxiliar foi a do prof. Antonio Augusto Arantes sobre a literatura de cordel. Minha participação nesse trabalho foi mais curta e mais modesta. Minha função consistia em ler e classificar os livretos, além de auxiliar o prof. Arantes na análise das entrevistas de campo. O prof. Antonio Augusto Arantes escreveu, como resultado dessa sua pesquisa, o livro *O Trabalho e a Fala*.

Durante o curso de graduação, eu e alguns colegas organizamos um grupo de estudos, ao qual demos o nome de Oficina, que foi importante para eu aumentar meus conhecimentos em teoria marxista e sobre a sociedade e a política brasileiras, os dois temas que estudávamos. Participavam desse grupo estudantes que, hoje, são professores, na Unicamp, na USP e na PUC-SP – Luiz Marques, Francisco Foot Hardman, Malu Gitay, Lúcio de Almeida e outros. Líamos o filósofo marxista francês Louis Althusser, que despertava muita polêmica no grupo, e sua discípula e vulgarizadora Martha Harnecker. Sobre o Brasil, líamos livros de história do período republicano e trabalhos de sociólogos e economistas - como os trabalhos de Thomas Sdimore, Warren Dean, Fernando Henrique Cardoso, Paul Singer, Ruy Mauro Marini e outros. Utilizamos muito a coletânea *Brasil em Perspectiva*, que reunia ensaios de jovens sociólogos e historiadores da USP.

Ainda na condição de estudante de graduação, iniciei meu trabalho como professor. Lecionei História do Brasil e Geografia Geral e do Brasil em um curso pré-vestibular (O CURSO VESTIBULARES) e em três cursos de madureza de Campinas. Tal atividade ajudou muito na minha formação como cientista social. Meus estudos de História do Brasil no colégio tinham sido deficientes. Na Unicamp, os cursos de Ciências Sociais eram, como já disse, teóricos, e nas disciplinas de História não estudávamos o Brasil. Lecionar História do Brasil propiciou-me o estudo dos trabalhos de Caio Prado Júnior, Nelson Werneck Sodré, Boris Fausto, José Honório Rodrigues e outros, além dos trabalhos de historiadores mais tradicionais e de maior penetração no ensino de segundo grau, como José Maria Belo e Hélio Viana.

Durante a graduação participei ativamente do movimento estudantil. Todo ME estava em refluxo na época. Nosso trabalho era uma atividade miúda, voltado para a reconstituição das entidades estudantis destruídas pela ditadura militar e para a organização de pequenas e raras ações reivindicativas dentro dos campi universitários. O ponto alto da nossa atuação foi a greve estudantil do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp em 1974. Era uma greve reivindicativa por melhores condições de

estudo – instalações e material didático. A greve acabou se mantendo por várias semanas entre março e abril de 1974, logo no início do governo Geisel, redundou em passeatas no campus e se politizou com aprovação de moções contra a prisão de estudantes da USP. Parece que essa foi a primeira greve estudantil nas universidades paulistas no pós-68. No ano seguinte, em 1975, ano em que ingressamos no curso de mestrado, participamos dos protestos contra o assassinato do jornalista Vladimir Herzog nas salas de tortura do DOI-COD.

I.4 Curso de mestrado

No final de 1974, quando obtive meu Bacharelado em Ciências Sociais, já tinha uma opção vocacional e profissional clara pelo trabalho acadêmico e intelectual. Decidi, então, prestar concurso para um programa de mestrado. Optei pela Ciência Política porque me interessava pelo estudo do poder de Estado e das revoluções. Elaborei um projeto de pesquisa sobre a crise política de 1954 e fui aprovado para o Programa de Mestrado em Ciência Política da Unicamp. Meu orientador era o prof. Décio Saes.

No programa de mestrado, tínhamos de cursar muitas disciplinas no Mestrado de Política - cerca de doze disciplinas e, como eu tinha feito o curso de graduação na mesma universidade, parte dessas disciplinas não representava muita novidade para mim. Decidi, então, concentrar meu esforço na elaboração de minha dissertação de mestrado, de modo a concluí-la rapidamente e poder pleitear uma bolsa de doutorado para o exterior. Essa opção, exigiu que eu deixasse em segundo plano a leitura e estudo para algumas disciplinas que eu cursava, o que acarretou alguns conceitos B no meu histórico escolar. Em compensação, terminei minha dissertação em apenas um ano e sete meses: eu ingressei no programa de mestrado em março de 1975 e em outubro de 1976 defendi minha dissertação, na qual obtive nota máxima. Os professores do programa eram Michel Debrun, Décio Saes, Maria Hermínia Tavares de Almeida, Sônia Draibe, Sérgio Silva, Haqira Osakabe, Evelina Dagnino, Nelson Bueira e outros.

Minha dissertação de mestrado é um estudo monográfico do populismo brasileiro. Parte dos intelectuais progressistas de São Paulo, principalmente aqueles ligados à USP ou influenciados pela produção dessa instituição, estava realizando, na década de 1970, um balanço crítico da experiência populista. Esse balanço crítico tinha duas fontes inspiradoras. Era, de um lado, e talvez majoritariamente, o reflexo, no interior da universidade, da crítica que as organizações de esquerda tinham feito à aliança do

Partido Comunista Brasileiro com os governos populistas - com Vargas, no final do Estado Novo, com Juscelino, na década de 1950 e com Goulart, até 1964; mas, de outro lado, uma outra vertente dessa crítica, parecia ser, ainda, um eco do liberalismo udenista, que rejeitava o populismo de um ponto de vista elitista e conservador.

Eu decidi examinar uma crise do populismo, a crise de 1953-1955, para testar as análises divergentes que existiam sobre esse fenômeno. No decorrer da pesquisa, abandonei o enfoque do qual partira, que tratava o populismo como a política da burguesia nacional, e assumi a análise que concebia a política populista como expressão de uma situação de crise de hegemonia no interior do bloco no poder – tese lançada por Francisco Weffort e retrabalhada por Décio Saes. Acredito que logrei comprovar e desenvolver essa análise no exame da crise de 1953-1955, acrescentando elementos novos para a compreensão do bloco no poder, das crises políticas, da ideologia nacionalista e do sindicalismo do período populista.

Tentei mostrar que no bloco no poder dos anos 50, havia três principais forças em equilíbrio e em disputa: a indústria, o grande comércio de importação e exportação, que denominei burguesia compradora, e a burocracia de Estado – civil e militar. A burocracia de Estado foi pensada como força social autônoma que retirava sua força tanto do equilíbrio entre indústria e burguesia compradora, equilíbrio que ampliava a margem de autonomia decisória dos burocratas, quanto do apoio que que a burocracia obtinha junto a parte dos trabalhadores urbanos. A burguesia industrial apoiava o industrialismo da burocracia de Estado, mas rejeitava o seu populismo. No campo popular, critiquei a bibliografia que julga poder explicar a crise de 1954 restringindo-se ao exame dos conflitos entre os setores dominantes. Valorizei a luta reivindicativa do operariado urbano e a campanha do “Petróleo é nosso!”. A crise de 1954 provinha, na minha dissertação, de uma complexa articulação das contradições entre indústria, grande comércio e burocracia de Estado, de um lado, com a contradição dessas frações burguesas com o movimento reivindicativo do operariado urbano, de outro lado. Atribuí à Greve dos 300.000, ocorrida no Estado de São Paulo início do ano de 1953, o papel de desencadeador da crise política que levou à deposição de Vargas. O nacionalismo de Vargas aparecia na minha dissertação, de um lado, como um discurso que aludia a uma real resistência do imperialismo norteamericano à política de industrialização varguista mas, de outro lado, como um discurso ilusório sobre a soberania nacional e um suposto projeto de industrialização autônoma. O sindicalismo corporativo de Estado aparecia como um sindicalismo populista, em grande medida funcionando como elo de ligação entre a burocracia de Estado industrialista e a classe-apoio que esta força social construiu entre o

operariado urbano e os trabalhadores de classe média. No estudo da crise de 1954, fiz também um esforço de periodizar a conjuntura, procurando, inspirado teoricamente na obra *Dezoito Brumário de Luis Bonaparte* de Marx e no texto de Mao Zedong *Sobre a contradição*, escandir o processo político em etapas e fases de acordo com o jogo das contradições típicas daquela conjuntura. Caracterizei o golpe de 1954 como a ação vitoriosa de uma frente burguesa heterogênea (burguesia nacional e burguesia compradora unidas), frente essa que se formara devido à insatisfação do conjunto da burguesia com a política da burocracia do Estado populista naquela conjuntura de ascensão da luta reivindicativa do operariado. Essa primeira e pequena pesquisa marcou boa parte de minha produção posterior¹.

Algumas semanas antes de eu realizar a defesa de minha dissertação, Décio Saes, que era meu orientador, partiu em viagem para a França. Paulo Sérgio Pinheiro o substituíra desde então. A banca examinadora da minha dissertação de mestrado foi composta pelos professores Carlos Estevam Martins, Luiz Orlandi e Paulo Sérgio Pinheiro. Fui aprovado com a nota máxima.

I.5 Início do doutorado no exterior

Em outubro de 1976, poucos dias depois de defender o meu mestrado, viajei para França, com o objetivo de fazer um doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales, sob a orientação do professor Alain Touraine. Eu já tinha obtido uma bolsa de estudos de doutoramento para o exterior e devia, por isso, estar em Paris no mês de outubro.

Motivos políticos, intelectuais e acadêmicos determinaram minha decisão de ir para a França. A primeira geração de professores do curso de Ciências Sociais da Unicamp era, na sua maioria, de formação francesa. Esses professores vinham da USP, que como se sabe tem forte tradição francesa na área de humanidades, e tinham feito, no final da década de 1960 e início dos anos 70, seus cursos de pós-graduação na França. Formei-me nesse meio, sob influência francesa. Ademais, como um intelectual de esquerda em formação, eu tinha Paris como principal referência intelectual e política, e pretendia também livrar-me, ainda que temporariamente, da pobreza cultural e da repressão política que caracterizavam o Brasil da ditadura militar.

¹ Uma versão modificada de minha dissertação de mestrado foi publicada em livro, intitulado *O Golpe de 1954: a Burguesia Contra o Populismo*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1982. Um exemplar desse livro acompanha este memorial.

Uma vez em Paris, segui os cursos de Alain Touraine, meu orientador, mas me interessei mais pelos cursos dos marxistas franceses, dentre os quais cabe destacar Charles Bettelheim e Nicos Poulantzas. Acompanhei os cursos de Poulantzas sobre o Estado, na época em que ele publicou e preparou os livros *La crise de l'État*, uma coletânea sob sua direção, e a obra de sua autoria *L'État, le pouvoir et le socialisme*, na qual ele reviu as teses que desenvolvera no livro *Pouvoir politique et classes sociales*. Poulantzas estava operando, então, uma mudança radical na sua concepção sobre o Estado. No seu grande tratado de 1968 – *Pouvoir politique et classes sociales*, a principal contribuição de Poulantzas para a teoria do Estado capitalista foi a idéia segundo a qual a natureza de classe do Estado capitalista está inscrita nas suas próprias instituições – o direito formalmente igualitário e as instituições de Estado aparentemente universalistas, típicas do moderno Estado capitalista, produziram efeitos necessários e funcionais para a reprodução das relações capitalistas de produção. Tais efeitos seriam o efeito de isolamento e o efeito de representação da unidade – o Estado burguês unificaria num todo imaginário, o Estado-nação, os átomos produzidos pelo direito burguês, os indivíduos-cidadãos. Logo, a transição ao socialismo exigiria a destruição dessa estrutura estatal. Em *L'État, le pouvoir et le socialisme*, Poulantzas abandona a idéia da determinação estrutural da natureza de classe das instituições do Estado e lança a tese de que tais instituições são condensações materiais de relações de forças, podendo, portanto, mudar de natureza de classe de acordo com a conjuntura. Ficava aberta a possibilidade de a transição socialista dispensar a revolução política. Poulantzas efetuou essa mudança em meio a uma profunda crise teórica, política e - soubemos depois – uma crise pessoal. Os auxiliares de Poulantzas não acompanharam a revisão que ele estava fazendo e fustigavam permanentemente, durante as aulas, as suas exposições. O debate teórico era rico, mas o mal-estar foi se tornando cada vez maior.

Segui também os cursos de Charles Bettelheim, quando ele elaborava os volumes II e III do seu monumental *Les luttes de classes en URSS*. Sua análise rompia tanto com o marxismo hegemônico, corporificado na historiografia oficial soviética sobre 1917, quanto com o principal marxismo de oposição à URSS, aquele das correntes trotskystas. Bettelheim não aceitava a idéia de que os resultados inesperados da Revolução Russa fossem resultados acidentais, oriundos de circunstâncias aleatórias ou de erros dos dirigentes soviéticos. Aplicava a tese marxista segundo a qual a história é a história da luta de classes para o próprio marxismo e para o processo político ao qual o marxismo esteve ligado na União Soviética. A análise de Bettelheim mudou não só minha concepção das revoluções do século XX e das sociedades pós-revolucionárias, como

também o meu marxismo. Bettelheim criticava a concepção tecnicista das forças produtivas e do seu papel no socialismo, examinava as relações dos produtores diretos com os meios de produção para verificar o caráter da economia soviética, analisava criticamente a coletivização forçada da terra e a industrialização acelerada e unificava todos esses elementos numa reflexão sobre as condições de passagem do capitalismo para o socialismo de uma maneira original. Sua heterodoxia frente aos marxismos hegemônicos e sua ousadia eram mais surpreendentes ainda porque ele recorria a conceitos e teses tradicionais de Marx. Considero que a utilização feita por Bettelheim do marxismo instaurava, na linha já iniciada por Althusser, um marxismo que refletia, de modo científico e crítico, sobre os seus próprios fundamentos e a sua própria história – no caso refletindo sobre a história da Revolução de 1917 e sobre as teses e concepções (marxistas) que informaram os dirigentes dessa revolução.

Um fato me chamou atenção nas aulas de Bettelheim. Uma enorme platéia de estudantes dos cursos de pós-graduação da École des Hautes Études en Sciences Sociales seguia calada e atenta as suas exposições. Eu, vindo de um país periférico e marcado por uma tradição elitista e autoritária, surpreendia-me ao ver que, após a exposição, todos estudantes, inclusive os mais jovens, dirigiam, sem qualquer cerimônia, pesadas críticas à exposição desse professor que, já então, era bem idoso. Bettelheim ouvia as perguntas e críticas, anotava-as, e em seguida, com serenidade, cuidado e um discurso marcado por sincera modéstia, respondia uma a uma. Essa atitude impressionou-me muito.

Procurei também conhecer a vida intelectual e cultural parisiense, participar das atividades das organizações da esquerda francesa e latino-americana, representada pelos milhares de militantes exilados em Paris - a década de 1970 foi, como se recorda, a década das ditaduras militares nos países do chamado Cone Sul da América Latina. Havia uma pequena livraria, que se não me engano tinha pertencido ao conhecido socialista português Mário Soares, que vendia todo material da esquerda brasileira. Ia comprando tudo que podia, estudando, e me inteirando do debate teórico e estratégico que os socialistas e revolucionários brasileiros travavam no exílio. Para quem tinha chegado de um país sob ditadura militar, aquele material e aqueles ricos e importantes debates impressionavam e interessavam muito. Aproximei-me das organizações maoístas, que eram fortes na França, e, especialmente, dos maoístas chilenos, com quem cheguei a militar naquele período. As discussões na esquerda brasileira (ainda) diziam respeito à luta armada contra a ditadura, ao caráter da revolução brasileira

(burguesa? democrática? democrático-popular? socialista?), à justeza de se votar no MDB e à questão da luta por uma Assembléia Nacional Constituinte.

Eu estava muito impressionado com a França. Aproveitei a estada para visitar com tempo e cuidado os principais museus de artes de Paris. Segui, inclusive, um curso no Museu do Louvre, que consistia em mais de trinta visitas guiadas às dependências do museu. No dia-a-dia, eu observava e admirava o sentimento de igualdade cultivado pelos franceses, sentimento que aparecia nos mínimos detalhes do relacionamento entre as pessoas e que os brasileiros, acostumados a serem cercados de símbolos de distinção social, estranhavam ou repeliam grosseiramente. Impressionou-me muito também a organização e a força do movimento operário francês e a amplitude e instabilidade das franquias democráticas vigentes na França. Recordo-me de um caso exemplar. Poucas semanas após minha chegada, em dezembro de 1976, a polícia utilizou a força para evacuar uma empresa jornalística que tinha sido ocupada pelos trabalhadores em greve – se não me falha a memória tratava-se de uma greve no jornal *Parisien Libéré*. Isso se passou numa sexta-feira. Sábado e domingo, em todas estações de metrô de Paris, encontravam-se militantes da CGT e da CFDT distribuindo panfletos que convocavam para uma manifestação na segunda-feira, que seria um ato de protesto contra o governo e a polícia. Eu cheguei a estranhar a virulência daquela agitação sindical, pois, na verdade, o ato repressivo da polícia me parecia “banal”. Estranhei mais ainda quando, na segunda-feira, tendo ido ver a manifestação, ao sair da boca do metrô, deparei com uma verdadeira maré humana - avaliada depois pela imprensa em cerca de 250.000 trabalhadores! E eles tinham feito tudo aquilo em 72 horas! Reforcei a minha convicção de que as franquias democráticas dependiam, mesmo numa democracia burguesa avançada, da luta dos trabalhadores e, comparando aquela demonstração de forças com o sindicalismo brasileiro, reforcei minha convicção de que o Brasil era um país populista e o nosso sindicalismo um verdadeiro arremedo de movimento social.

Nesse meu primeiro período parisiense - digo primeiro porque, vinte anos depois, eu voltaria a Paris para realizar meu pós-doutorado - eu estudei muito e avancei na minha formação intelectual. Meus estudos, contudo, contemplavam fundamentalmente a teoria marxista e a história das revoluções do século XX, o que me afastava da elaboração de minha tese de doutorado, que deveria versar sobre a ideologia nacionalista no Brasil. Em 1978, obtive o Diplôme d'Études Approfondies da E. H.E.S.S., com um texto sobre a ideologia nacionalista no Brasil. Esse diploma capacitava-me para concluir e apresentar minha tese de doutorado.

Os acontecimentos, contudo, tomaram um rumo inesperado. No início de 1978, quando eu ainda me encontrava na França, abriu-se a segunda fase da crise da ditadura militar brasileira. No ABC paulista, renasceu o movimento sindical de massa, introduzindo na cena política uma nova força social, que viria se revelar mais conseqüente na oposição à ditadura que a oposição burguesa reunida no antigo MDB. De Paris, eu acompanhava a conjuntura brasileira e comparecia às reuniões e debates das organizações de esquerda brasileira que tinham militantes no exílio. O meu interesse em participar diretamente da luta contra a ditadura cresceu. A minha tese de doutorado, ao contrário do que eu imaginara no início, demandava pesquisa empírica - não seria possível concluí-la valendo-me apenas de fontes secundárias. Fui amadurecendo, por razões acadêmicas e políticas, a idéia de que seria mais interessante, naquela situação, retornar ao Brasil. Comecei, então, a organizar a minha volta, que acabou se dando em outubro de 1978.

I.6 Interregno no jornalismo militante

Uma vez no Brasil, reiniciei o trabalho de pesquisa sobre o nacionalismo. Verifiquei, contudo, que eu havia me desinteressado pelo tema. Cabe, aqui, uma observação.

Olhando retrospectivamente, noto que os temas que me interessaram e que eu pesquisei - no mestrado, no doutorado e na tese de livre-docência - são, todos, temas vinculados a debates políticos e intelectuais presentes na conjuntura em que minhas pesquisas foram produzidas. A dissertação sobre o populismo, produzida cerca de dez anos após o golpe militar de 1964, está inserida no debate estratégico que a esquerda brasileira realizava sobre o seu passado recente - o caráter da revolução brasileira, o papel da burguesia nacional, o papel do campesinato, a natureza da Revolução de 1930, do desenvolvimentismo e do nacionalismo econômico etc. Minha dissertação se perguntava sobre o que era o populismo. Levantar essa pergunta, no campo dos intelectuais de esquerda, já significava um distanciamento crítico frente à estratégia implementada pelo PCB até 1964 e à herança política e intelectual desse partido. Já a minha tese de doutorado, depois de eu ter desistido de pesquisar o nacionalismo, acabou tomando como tema a estrutura sindical corporativa brasileira, uma questão posta na ordem-do-dia pela conjuntura de crise da ditadura militar, crise marcada pelo ressurgimento do movimento sindical de massa. A estrutura sindical era, de resto, um tema muito importante e presente nos debates entre os ativistas sindicais e os militantes

de esquerda naquele período e ela me permitia mobilizar os conhecimentos que eu adquirira na elaboração do mestrado, já que tratei, no meu doutorado, a estrutura sindical como um aparato institucional construído pela política e pela ideologia populista. Minha tese de livre-docência tomou como tema a atualidade política e sindical brasileira de então. Elaborada ao longo da segunda metade da década de 1990, tomou como objeto as relações da política neoliberal da década de 1990 com o movimento sindical desse mesmo período. Em suma, grande parte de minha produção acadêmica, sem que eu tivesse concebido e planejado que deveria ser assim, acabou permanecendo colada nos debates de conjuntura.

Voltando, então, ao fato de eu ter perdido o interesse pelo tema do nacionalismo. Quando regressei ao Brasil em 1978, esse tema pareceu-me muito desvinculado da realidade política de então. Não era mais a discussão sobre o desenvolvimentismo, o populismo ou o nacionalismo que estava galvanizando os intelectuais críticos. Passei a considerar a hipótese de mudar de objeto de tese, mas adiei qualquer decisão. Entre 1979 e 1981, suspendi a pesquisa de doutorado, e tratei de me inserir no trabalho de intervenção política e intelectual contra a ditadura militar.

Participei, nessa época, de duas iniciativas político-intelectuais que me pareceram importantes. Fui um dos criadores e editores de uma revista teórica marxista (*Teoria e Política*) e editor, editorialista e conselheiro de um semanário democrático de oposição à ditadura militar (*Movimento*). Fui também um dos fundadores e dirigentes do *Movimento de Defesa da Amazônia*, movimento ecológico e antiimperialista que teve uma vida curta mas muito ativa nos anos 1978-1981.

O semanário *Movimento* era publicado por uma cooperativa de jornalistas profissionais, com a participação de militantes e intelectuais de esquerda. Ele foi publicado de 1976 a 1981. O seu idealizador e diretor Raimundo Rodrigues Pereira, conhecido jornalista da imprensa democrática que, no início dos anos 70, criara e dirigira o jornal *Opinião*. Outros jornalistas importantes de *Movimento* eram: Duarte Pereira, Antonio Carlos Ferreira, Antonio Carlos Queiroz, Otto Filgueiras, Marcos Gomez, Márcio Bueno e Flávio Dieguez. *Movimento* era apoiado por uma ampla frente política que contava com a participação de partidos como o Partido Comunista do Brasil, parte do que restava da antiga Ação Popular (AP), de deputados combativos (conhecidos como “autênticos”) do MDB, parte dos agrupamentos trotskystas e do Partido Comunista Brasileiro – posteriormente, essas duas últimas correntes desligaram-se do jornal e criaram os seus próprios órgãos de imprensa, o *Voz da Unidade* e o jornal *Em Tempo*. *Movimento* contava também com apoio de sindicalistas e lideranças do movimento

estudantil e de outros movimentos sociais, principalmente dos movimentos ligados à ala esquerda da Igreja Católica. O jornal publicava grande variedade de matérias informativas sobre política, economia, sociedade e cultura e matérias analíticas sobre esses mesmos temas; mantinha um convênio com o *Le Monde*, que enriquecia a sua cobertura internacional. *Movimento* tinha um programa político, aprovado por sua assembléia de acionistas, que orientava sua linha editorial. O ponto principal do seu programa era a oposição à ditadura militar. Minha atividade no jornal aumentou meu interesse e meus recursos para o acompanhamento e análise de conjuntura.

Inicialmente, publiquei alguns artigos no jornal, como colaborador eventual. Esses artigos versavam, na sua maioria, sobre temas da conjuntura de então - partidos políticos, militares, anistia, constituinte e sindicalismo. Isso me aproximou do pessoal do jornal. Pouco tempo depois, assumi a função de “editor de ciências sociais” - eu propunha temas relativos à política e à sociedade brasileira que seriam de interesse do jornal aprofundar e encomendava artigos a sociólogos, cientistas políticos e antropólogos sobre tais temas. Muitas vezes, o tema era tratado sob a forma de debate, com o jornal publicando duas ou três análises distintas sobre eles. Democracia, partidos políticos, militares, sindicatos, sociedade soviética e a esquerda brasileira foram alguns dos temas tratados. Contemplei também temas históricos, como a Revolução de 1930, sobre a qual publicamos, por ocasião do cinquentenário daquele movimento, em outubro de 1980, um caderno com artigos de historiadores que possuíam teses divergentes sobre o 1930. Por último, no início do ano de 1981, assumi a função de editorialista do jornal. Eu elaborava uma proposta de tema para o editorial e esboçava a posição e os argumentos que o jornal teria de defender no exame daquela matéria; em seguida, submetia minha proposta à reunião de pauta do jornal, que era aberta a todos jornalistas e funcionários. Os editoriais que escrevi analisavam a conjuntura nos seus múltiplos aspectos. Havia um esforço da equipe de *Movimento* para produzir um jornal com matérias analíticas e fundamentadas. A linha política dos editoriais consistia em combater a ditadura militar e fazer a crítica dos setores da oposição que tendiam a conciliar com o governo Figueiredo, por terem sido atraídos por sua política de abertura².

Em dezembro de 1981, o *Movimento*, por decisão majoritária de sua assembléia anual, deixou de ser publicado. Houve uma crise política interna agravada pela ação da direita contra nossa publicação. A frente política que apoiava o jornal esgarçou-se, devido ao acúmulo de suas contradições internas. Com a crise do regime militar, as diferentes correntes políticas adquiriram condições de colocar em pé seus

² O Anexo 2 deste memorial traz as fotocópias dos editoriais que escrevi.

próprios órgãos de imprensa, fazendo prosperar a imprensa chamada “nanica” ou “alternativa”. Permaneceram apoiando *Movimento*, apenas intelectuais não organizados, uma parte remanescente da Ação Popular (AP), o Partido Comunista Revolucionário (PCR), que se originara de uma fração fundamentalmente paulista do Partido Comunista do Brasil e alguns poucos deputados do recém-criado Partido dos Trabalhadores e da ala dos “autênticos” do MDB. Mesmo essas forças remanescentes encontravam-se divididas entre um programa estritamente democrático (luta pelo Estado democrático de direito) e um programa democrático-popular (luta pela democracia unida à luta pela reforma agrária e pela independência nacional) na definição da estratégia de combate à ditadura. A todas essas dificuldades internas, devemos acrescentar a perseguição da censura e as ações terroristas da direita, que passou a lançar bombas de fabricação caseira contra as bancas de jornal que vendiam *Movimento* ou outras publicações de oposição ao regime militar. A perseguição da censura e as bombas do terrorismo de direita criaram dificuldades financeiras insuperáveis para um jornal como o nosso que dependia muito da venda em banca.

Minha segunda atividade nesse interregno, foi a participação no grupo que criou e editou, entre 1981 e 1985, a revista *Teoria e Política*. Publicávamos, principalmente, textos teóricos vinculados ao marxismo, textos de análise do capitalismo no início da década de 1980 e textos debatendo a questão da estratégia da luta popular e socialista. O núcleo que efetivamente editava a revista era composto pelos colegas e companheiros Caio Navarro de Toledo, Décio Saes, Carlos Manoel Magalhães e Ozéas Duarte. Alguns dirigentes políticos e intelectuais socialistas como José Genoíno, Duarte Pereira, Octávio Ianni, Márcio Naves, Vladimir Pomar e outros também participaram desse trabalho. Adelmo Genro Filho, Aldo Fornazieri e outros companheiros gaúchos também colaboravam com a revista. A partir de 1985, divergências teóricas levaram-me a me afastar da revista que, a partir de então, sob a direção dos ex-companheiros gaúchos e de Ozéas Duarte foi assumindo uma orientação humanista e liberal, afastando-se de sua proposta original, que definia a revista como uma publicação marxista. Na *Teoria e Política*, procurei trazer para o Brasil as discussões teóricas e políticas que eu conhecera dois ou três anos antes em Paris. Publicamos textos que analisavam a questão da transição socialista da perspectiva que vinha sendo desenvolvida por Charles Bettelheim; discutimos muito a questão das “sociedades pós-revolucionárias”, a estratégia da luta contra a ditadura e a questão da revolução socialista no Brasil. A observação crítica que faço é que o movimento de massas que renascia não recebeu a devida atenção da nossa revista.

A terceira iniciativa militante que me ocupou nesse período foi o *Movimento de Defesa da Amazônia (MDA)*, cujo manifesto foi redigido por mim. Tinha na sua direção dirigentes políticos como José Genuíno, na época recém-saído da prisão, Fábio Feldman, o jornalista Jair Amorim, os dirigentes estudantis Volnei (Siqueira?) e Madalena Peixot e vários outros políticos e intelectuais cujos nomes não me recordo. Contávamos também com a participação e o apoio de renomados geógrafos e cientistas, como o professor Aziz Ab'Sáber, Antonio Queirós e vários outros. Realizávamos seminários, palestras e atos públicos denunciando a devastação da Floresta Amazônica e a presença crescente de grupos econômicos estrangeiros na região. Nosso movimento obteve repercussão na imprensa e junto ao movimento estudantil. Ele começou a se esvaziar na medida em que avançava a abertura política do General Figueiredo e que todas, ou quase todas, forças e correntes de oposição iam se concentrando exclusivamente na luta pelas liberdades democráticas. Em tal situação, O *Movimento de Defesa da Amazônia*, por levantar a questão ecológica e nacional, foi perdendo terreno.

Durante esse período, que foi mais um período de intervenção militante que de pesquisa, eu fiz minha estréia como docente do ensino superior - lecionei durante dois anos na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Nessa instituição, que tinha sido muito importante na história da sociologia e da antropologia no Brasil, mas que se encontrava já então em decadência, ministrei cursos para alunos de graduação sobre Teoria dos Partidos Políticos. Eu utilizava uma bibliografia variada, mesclando marxistas militantes (Lenin, Rosa Luxemburgo), marxistas acadêmicos, como Humberto Cerroni, institucionalistas, como Maurice Duverger, para desenvolver, junto aos alunos, a tese geral de que a função e a estrutura dos partidos burgueses e operários eram, como se podia observar na história dos séculos XIX e XX, fundamentalmente distintas. Para a burguesia, o principal instrumento de organização política é o próprio Estado capitalista; os partidos burgueses são complementos, que permitem a expressão dos interesses de frações burguesas. Para o proletariado, o principal instrumento de organização são os partidos políticos operários (na época eu dizia: "o partido operário", no singular). Essa diferença funcional de fundo estaria na base das diferenças organizacionais, de método de luta, etc. existentes entre os partidos burgueses e os partidos operários.

O ambiente na Escola de Sociologia e Política de São Paulo era muito diferente daquele que iria encontrar, três anos mais tarde, como professor da Unicamp. A Escola era controlada por um grupo de professores sem qualificação acadêmica, o que contrastava com excelência daquela instituição nas décadas anteriores. Os professores novos eram motivados e estavam quase todos empenhados na elaboração de seus

trabalhos de mestrado ou de doutorado, mas concebiam seu vínculo com a Escola como algo efêmero – os colegas da ala jovem e crítica nessa época eram Márcia Leite, Guido Mantega, Misa Boito, Gildo Marçal Brandão, Nadai, o professor argentino Horácio Gonzales e outros que não me recordo. Não havia na Escola de Sociologia e Política um ambiente acadêmico estimulante.

No ano de 1981, fui também professor na Faculdade de Direito da Universidade Franciscana de Bragança Paulista, onde ministrei a disciplina de Introdução à Teoria Sociológica. Esse curso era, na verdade, um curso introdutório às teorias da estratificação social e das classes sociais. O curso era voltado para os alunos de direito e de administração, que não tinham interesse nem preparo para discutir tais temas. A classe possuía mais de cem alunos e a universidade, como é regra nas instituições privadas de ensino superior, não tinha vida acadêmica. Procurei interessar os estudantes pela matéria e oferecer um curso de qualidade, mas o motivo para eu trabalhar em Bragança era a necessidade financeira.

I.7 Mudança no doutorado e defesa da tese

A redefinição do objeto de minha tese de doutorado resultou, em parte, do meu engajamento intelectual na revista *Teoria e Política* e no semanário *Movimento*.

Escrevendo sobre sindicalismo e, particularmente, sobre a estrutura sindical, dei-me conta de que o populismo e a estrutura sindical corporativa criada pelos governos populistas ainda atraíam inúmeras tendências de esquerda, inclusive aquelas que, no nível do discurso, proclamavam fazer a crítica da herança varguista e das concepções do PCB. Escrevi, juntamente com o colega Décio Saes, alguns artigos de análise e de crítica da estrutura sindical no jornal *Movimento* e, para minha surpresa, verifiquei que os intelectuais e ativistas de esquerda recebiam de modo crítico, ou no mínimo reticente, minhas idéias sobre o assunto. Na época, havia uma disputa política entre o jornal *Movimento* e o jornal do Partido Comunista Brasileiro, o *Voz da Unidade*. Nós, do jornal *Movimento*, criticávamos o PCB devido à sua política de conciliação com a ditadura militar, o que fazia do jornal deles uma publicação que caminhava a reboque da política de abertura do General Figueiredo. Um dos principais redatores do *Voz da Unidade*, David Capistrano Filho, publicou uma crítica aos textos que eu e Décio Saes havíamos escrito sobre sindicalismo. Isso originou uma longa polêmica que se concentrou na questão da alternativa: o que convém mais aos trabalhadores, a unicidade sindical legal

ou o direito ao pluralismo sindical? Nós defendíamos o direito ao irrestrito pluralismo sindical, que é uma bandeira muito indigesta para a esquerda brasileira – especialmente a esquerda comunista – acostumada, a despeito do discurso genérico a favor da liberdade sindical, com a tutela “protetora” do Estado sobre os sindicatos. Aprofundei esse problema num artigo sobre a incidência da ideologia populista no movimento sindical, que foi publicado na revista *Teoria e Política*. Nesse artigo, que denominei *A ideologia do populismo sindical*, eu procurava demonstrar que o apego à estrutura sindical corporativa de Estado, ou a hesitação em combatê-la, era indicador de que a esquerda e o movimento operário brasileiro não tinham, ainda, rompido com o populismo³.

Devido a essas intervenções no debate teórico e político, passei a ser convidado para dar palestras em sindicatos e movimentos populares da Grande São Paulo sobre o assunto. A recepção à crítica da estrutura sindical era algo complexo e contraditório. De um lado, havia a posição majoritária de rejeitar a crítica e tomar a defesa, mesmo que velada, da estrutura; mas, de outro lado, tal crítica despertava interesse nas correntes sindicais de oposição que não detinham cargos nas diretorias dos sindicatos oficiais, mesmo que tais correntes visassem apenas ganhar a diretoria do sindicato oficial, e não suprimir a estrutura sindical corporativa de Estado. Fiz dezenas de palestras que, sem que eu me desse conta, foram adquirindo importância como atividade militante e se convertendo, ao mesmo tempo, numa espécie de pesquisa de campo sobre a relação do sindicalismo operário com a estrutura sindical. Ajudei a criar e participei da direção de um comitê de luta contra a estrutura sindical⁴. Pude constatar, então, o interesse que o tema despertava nos movimentos sindical e popular. Aquela era uma conjuntura de ressurgimento do movimento sindical de massa e a questão da estrutura sindical estava na ordem do dia, devido ao obstáculo anteposto pelo peleguismo à luta grevista e também à ascensão das correntes sindicais mais combativas. Nas palestras e debates, com dirigentes e ativistas sindicais, enriqueci meu conhecimento sobre a matéria. O assunto continha um desafio intelectual: verificar se de fato, e ao contrário do que proclamava a maioria dos intelectuais críticos, o populismo ainda era uma força viva na formação social brasileira. Decidi, então, tomar o tema como objeto de minha tese de doutorado. Em parte, eu estava retomando o problema do populismo no Brasil, questão

³ Ver cópia desse artigo no Anexo 1 deste memorial.

⁴ Redigi o manifesto desse comitê, que se denominava *Comitê de Luta Pela Construção do Sindicato Livre*. Nesse manifesto condensei as teses que vinha defendendo sobre a estrutura sindical e apontei as conseqüências políticas decorrentes de tais teses. (Ver a fotocópia desse manifesto no Anexo 3 deste memorial.). Participavam do comitê operários metalúrgicos da região sul da cidade de São Paulo, onde o tínhamos a nossa sede, e intelectuais interessados na defesa da liberdade sindical. Entre os dirigentes do comitê tínhamos os operários Fernando do Ó - o principal dirigente metalúrgico do nosso comitê -, Jorge (Silva?), (Antonio?) Ferreira, Augusto Portugal e outros, além de intelectuais como Lúcio de Almeida, Décio Saes, um jornalista, hoje professor da Unesp, chamado Fernando, cujo sobrenome não me recordo, e outros.

que já abordara no mestrado, mas por um caminho inesperado e, agora, estudando a atualidade do problema no terreno sindical.

Àquela época, a Unicamp e a USP não estavam mais reconhecendo Doctorat de Troisième Cycle, que era o programa no qual eu estava inscrito na E.H.E.S.S. de Paris, como equivalente do doutorado brasileiro. Em decorrência disso, entrei em contato com meu orientador na França, expus-lhe o problema e comuniquei-lhe que iria me inscrever num programa de doutorado no Brasil. Ingressei no Programa de doutorado em Sociologia da USP em 1982, tendo como orientador o prof. Leônico Martins Rodrigues. Em 1988, concluí a tese, mas não pude defendê-la devido à grande greve do funcionalismo naquele ano; defendi então minha tese no início de 1989.

O meu trabalho de doutorado faz uma análise sistemática da estrutura sindical corporativa de Estado implantada no Brasil a partir de 1931. Considera as características e as funções sociais dessa estrutura no longo período que vai da década de 1930 à década de 1980. A tese analisa os laços jurídicos, políticos e ideológicos que vinculam essa estrutura ao aparelho de Estado; caracteriza a ideologia, que eu chamei ideologia da legalidade sindical, que é típica dessa estrutura e que oculta o seu modo de funcionamento; detecta os efeitos dessa estrutura e dessa ideologia sobre a organização e a luta sindical, procurando evidenciar a função moderadora da estrutura sindical (detectei três efeitos fundamentais da estrutura sindical corporativa de Estado na organização e na ação sindical dos trabalhadores: os efeitos de dispersão da base sindical, de seleção das lideranças e de inibição da luta reivindicativa); a minha tese sustenta, ainda, que o apego à estrutura corporativa de Estado, refletido e, ao mesmo tempo, ocultado na e pela ideologia da legalidade sindical, é uma sobrevivência da ideologia populista e, finalmente, faz um estudo estatístico e sociológico das bases sociais do sindicalismo de Estado no Brasil⁵.

A banca examinadora de minha tese de doutorado foi composta pelos professores Caio Navaro de Toledo, Décio Saes, Heloísa Helena Teixeira de Souza Martins, Maria Célia Paoli e pelo orientador e presidente da banca Leônico Martins Rodrigues. Fui aprovado com a nota 9,9 e obtive a menção “com distinção”.

I.8 Docência e pesquisa na Unicamp

⁵ Minha tese de doutorado foi publicada em livro, com o título *O Sindicalismo de Estado no Brasil - uma análise crítica da estrutura sindical*. Um exemplar desse livro acompanha este memorial.

Vou retornar ao ano de 1982, para tratar do meu ingresso na Unicamp e de minha atuação na universidade na década de 1980.

Quando eu começava meu programa de doutorado na USP, o antigo Conjunto de Ciência Política da Unicamp (hoje, Departamento de Ciência Política) abriu um processo seletivo público para a contratação de professores, exigindo dos candidatos apenas o título de mestre. Não se tratou de um concurso público, pois a Unicamp ainda não tinha se institucionalizado. Porém, o Conjunto de Ciência Política deu ampla publicidade ao processo seletivo e ele foi muito concorrido. Participaram desse processo quase cinquenta candidatos; fui aprovado em primeiro lugar e, em maio de 1983, assumi o cargo de professor assistente mestre do Conjunto de Ciência Política da Unicamp. Desde então, minha vida intelectual adquiriu um caráter mais estritamente acadêmico.

Até o ano de 1989, ministrei cursos apenas na graduação, pois não possuía o título de doutor exigido para os que pretendessem ministrar cursos na pós-graduação. Fiquei responsável pelos cursos de *Formação do Estado Moderno* e *Teoria da Ação Sindical*.

O curso sobre a história do Estado moderno já existia quando ingressei como professor. Ele continha uma ementa sucinta e genérica que estabelecia um enfoque de história política para a formação dos chamados Estados nacionais europeus. Dediquei-me ao estudo da matéria e acredito que cheguei a um programa com idéias originais. Organizei o curso em torno da tese segundo a qual o Estado monárquico-absolutista era um Estado feudal. Apoiei-me nos seguintes elementos teóricos e historiográficos principais: a) a teoria marxista do Estado, que eu estudara na França com Nicos Poulantzas; b) a discussão sobre a transição, tanto sobre o problema da teoria geral da transição, que é discutido por Etienne Balibar na parte que ele escreveu para a obra *Lire le Capital*, quanto sobre o problema da transição do feudalismo para o capitalismo, que mobilizou historiadores e economistas marxistas, como Maurice Dobb e Paul Sweezy; c) os estudos sobre as revoluções burguesas, principalmente os trabalhos de Albert Soboul sobre a revolução francesa e de Christopher Hill sobre a Revolução Inglesa.

A maioria dos historiadores e cientistas políticos, marxistas ou não, quando se colocam a questão da natureza social dos Estados nacionais europeus da chamada Era Moderna, qualificam-no como um Estado capitalista ou em transição para o capitalismo. Uma notável exceção é o excelente trabalho de Perry Anderson intitulado *Linhagens do Estado Absolutista*. Anderson entende que o Estado absolutista era um Estado feudal. Mas ele empreende essa caracterização considerando apenas a política implementada pelas monarquias absolutistas. A originalidade do meu curso consistia em considerar,

também, a organização institucional desse Estado e demonstrar a natureza feudal de suas instituições. Feito isso, eu procurava caracterizar as revoluções burguesas, como a francesa de 1789 e a inglesa de 1640, como revoluções políticas, cujo principal resultado fora a criação de um novo tipo de Estado, o Estado capitalista ou burguês, composto por instituições de tipo novo. Inspirava-me, aqui, nas análises de Regine Robin, sobre o processo revolucionário francês, e de Décio Saes, sobre a revolução política burguesa no Brasil. Produzi um texto sobre essa matéria, onde desenvolvo as idéias centrais que apresentava em meu curso⁶.

O curso denominado *Teoria da Ação Sindical* foi concebido e montado por mim. Nele, eu analisava as relações do sindicalismo com o capitalismo e sua transformação. Na primeira parte do curso, eu procurava estabelecer as relações entre, de um lado, o modo de produção capitalista, entendido, à maneira althusseriana, como uma articulação complexa entre a estrutura econômica e a estrutura jurídico-política, e, de outro lado, a ação de tipo sindical. A tese principal consistia em demonstrar que apenas no modo de produção capitalista, dadas as características da sua estrutura econômica e do seu Estado (estrutura jurídico-política), é possível a existência de um movimento reivindicativo regular e permanente da classe dominada fundamental - o movimento sindical. Procurava indicar as conseqüências importantes que esse fato trazia para a luta de classes sob o capitalismo. Um destaque especial era dado, também, às relações entre sindicalismo e direito burguês, através do estudo da complexa questão do direito do trabalho. Na segunda parte, eu analisava as relações entre a luta sindical reivindicativa e a luta pelo poder de Estado - a questão das articulações entre reforma e revolução. Nessa segunda parte, eu considerava as diferentes análises existentes sobre o tema. Destaque especial era dado para os trabalhos de André Gorz e para os escritos de Lênin, Kautsky e Rosa de Luxemburgo sobre as relações entre reforma e revolução. Procurava demonstrar as relações complexas e variáveis entre o movimento sindical e o movimento socialista. As idéias centrais desse curso, eu as expus em um texto intitulado "Pré-capitalismo, capitalismo e a resistência dos trabalhadores – nota para uma teoria da ação sindical"⁷.

Ainda na década de 1980, antes de obter o título de doutor, orientei alguns trabalhos de Iniciação Científica. Esses trabalhos versavam sobre temas como movimento operário, direito do trabalho, sindicalismo, populismo e classes sociais. Considerava - e ainda considero - importante o trabalho de Iniciação Científica. O estudante que se sai

⁶ Ver meu artigo "Os tipos de Estado e os problemas da análise poulantziana do Estado absolutista", revista *Crítica Marxista*, São Paulo, n. 7, segundo semestre de 1998. Há uma cópia desse artigo nos Anexos deste memorial.

⁷ Ver revista *Crítica Marxista*, São Paulo, Boitempo, n. 12, primeiro semestre de 2002. Há uma cópia desse texto nos Anexos que acompanham este memorial.

bem nessa experiência pode vir a ser um bom pesquisador. Grande parte de meus orientandos de Iniciação Científica tornaram-se, mais tarde, orientandos de mestrado e, alguns deles, de doutorado. Ainda nessa época, formei, com seis estudantes, um grupo de estudo da obra *O Capital*, de Karl Marx. Orientei a leitura integral do volume I dessa obra, ao longo dos anos de 1989 e 1990 – faziam parte desse grupo os então estudantes Adriano Nervo Codato, Ângelo José da Silva, Renato Perissinotto e Patrícia Trópia, hoje professores na Universidade Federal do Paraná e na PUC de Campinas.

Após obter o título de doutor, assumi dois cursos novos na graduação - *Pensamento político liberal e Sindicalismo e política no Brasil (1978-1995)*.

No curso sobre pensamento político liberal, eu procuro fazer uma caracterização restrita do liberalismo político, vinculando-o às idéias de liberdade individual e de representação política, e distingo o liberalismo econômico do liberalismo político. Mostro a evolução desse pensamento político: liberalismo clássico do início do século XIX, neoliberalismo progressista do início do século XX e o neoliberalismo reacionário do momento atual. Apresento, ainda, algumas variantes de cada uma dessas fases do pensamento liberal. Esse curso apresenta e desenvolve a tese segundo a qual o liberalismo é uma ideologia burguesa.

Trabalho com uma adaptação livre do conceito de ideologia que se pode encontrar em autores como Althusser e Bettelheim, segundo o qual a ideologia é, ao mesmo tempo, um discurso alusivo e ilusório, e cujo conteúdo deve ser desmembrado naquilo que tem de superficial e de profundo – de minha parte, aplico essa idéia para a análise da ideologia burguesa, e não para a ideologia em geral. O liberalismo alude, de fato, a um aspecto fundamental da sociedade capitalista: a existência de um direito igualitário e individualisante. Essa alusão permite desenvolver as idéias de indivíduos racionais, liberdade e pluralismo político. Porém, ao mesmo tempo, o liberalismo é uma ilusão, uma vez que ele oculta que a igualdade jurídica é apenas formal, negada que se encontra pela desigualdade sócio-econômica da estrutura de classes. Esse jogo da alusão-ilusão é melhor desvendado quando se distingue duas camadas no discurso ideológico liberal. De um lado, um conteúdo superficial e explícito, que denomino ideologia teórica, no qual se proclamam os princípios da igualdade e da liberdade, e, de outro lado, um conteúdo profundo e latente, no qual o discurso liberal é obrigado a deixar entrever, para poder apresentar propostas práticas realistas, a existência das desigualdades de classe e tomar partido pela manutenção de tal desigualdade. Esse conteúdo latente, podemos denominar ideologia prática. Esse jogo entre conteúdo explícito e conteúdo latente, no qual o discurso ideológico, ao mesmo tempo, representa e

dissimula interesses de classe, esse jogo lembra, de algum modo, a análise que Freud faz do fenômeno do sonho – o trabalho do sonho consiste em disfarçar o seu conteúdo latente através dos mecanismos de formação de imagem, de condensação e deslocamento.

Aplicada ao pensamento de John Stuart-Mill, essa análise resulta numa distinção entre, de um lado, o livro *Da liberdade*, no qual domina o conteúdo superficial e teórico da ideologia liberal, com o seu conteúdo latente emergindo apenas de modo ocasional e breve, e, de outro lado, a obra *Considerações sobre o governo representativo*, na qual o conteúdo latente aparece com mais força. No *Considerações*, a oposição entre o conteúdo superficial e explícito e o conteúdo latente e oculto realiza uma estranha dialética, na qual a segunda metade do livro negando tudo que foi proclamado na primeira parte.

No curso *Sindicalismo e política no Brasil*, analisei a inserção do movimento sindical brasileiro no processo político nacional. Procurei mostrar os limites das análises, muito freqüentes nas pesquisas sociológicas, que restringem o exame do movimento sindical ao universo restrito das empresas e dos sindicatos. Tento mostrar que para analisar o sindicalismo deve-se partir do processo político nacional e, também, internacional. Privilegio, no decorrer do curso, as relações do movimento sindical com a ditadura militar, com o processo de democratização e com o processo sub-seqüente de implantação do modelo capitalista neoliberal no Brasil.

A crise da ditadura militar, iniciada com as eleições senatoriais de 1974, propiciou o ressurgimento do movimento sindical de massa no ABC paulista e este, por sua vez, colocou a crise da ditadura numa fase nova e mais aguda. Um ponto importante a ser discutido é o de saber como a existência da ditadura influenciou no perfil do sindicalismo dos metalúrgicos. Todos os documentos do período anterior à greve dão razão às análises que, até 1978, destacavam o corporativismo e o economicismo do sindicalismo “renascente” no ABC. Mas, o sindicalismo do ABC, em pouco tempo, passou a agir de modo consciente como vanguarda da reativação e da reunificação do sindicalismo brasileiro – deve-se aos metalúrgicos do ABC a fundação da CUT em 1983. Tais desenvolvimento e desenlace impeliram grande parte dos analistas, principalmente depois da publicação dos textos de John Humphrey sobre o sindicalismo do ABC, a considerar improcedentes as teses referentes ao corporativismo e ao economicismo do sindicalismo metalúrgico do ABC. Procuro mostrar no meu curso, que aquele sindicalismo nasceu, de fato, corporativo e economicista – Lula, então presidente do sindicato, desdenhava a luta democrática pela constituinte, argumentando que para resolver o problema dos

trabalhadores bastava a instituição da livre-negociação entre patrões e empregados; mas mostro também que o sindicalismo do ABC se desviou dessa postura inicial após as reações da ditadura militar e do movimento popular diante das greves de 1978 e 1979. Foram a repressão ditatorial a essas greves dos metalúrgicos e o apoio prestado pelas organizações populares de todo o país aos grevistas que fizeram o sindicalismo do ABC mudar de rumo e se politizar – em pouco tempo, e também devido à influência da esquerda trotskysta, Lula passou a defender a criação do Partido dos Trabalhadores e se integrou à luta pela democracia.

As relações do sindicalismo com o processo de implantação do modelo capitalista neoliberal também servem para realçar a importância do processo político na determinação do perfil e da força do movimento sindical. Na década de 1990, a maior parte da bibliografia sobre sindicalismo foi tomada por uma abordagem estritamente economicista. O sindicalismo vinha, desde a década de 1980, num processo de refluxo e de mutações. A tendência dominante da bibliografia foi a de explicar tal situação pelas mudanças na tecnologia, no processo de trabalho, na forma de gestão das empresas e no mercado de trabalho: novas tecnologias, métodos de envolvimento do trabalhador, fragmentação dos trabalhadores – estáveis e precários – e outros aspectos foram arrolados para explicar a crise – para alguns terminal – do movimento sindical. O meu curso, tomando o caso do Brasil, desloca essa discussão. Avanço a idéia segundo a qual a situação política nacional e internacional têm um grande peso nesse processo. O declínio e a desagregação da antiga União Soviética, o surgimento do poder incontrastável dos EUA, a reunificação da burguesia brasileira após o fim da ditadura militar, sua mobilização em torno da plataforma neoliberal, as mudanças na orientação da Igreja Católica no papado de João Paulo II, as taxas baixas de crescimento econômico, o desemprego e o avanço da ideologia neoliberal inclusive entre setores das classes trabalhadoras são os elementos privilegiados na minha análise. Analiso, também, a divisão do movimento sindical frente ao neoliberalismo – a resistência, não isenta de contradições, da CUT a esse programa e a adesão da Força Sindical a ele.

No ano de 1998, criei outro curso para a graduação - *Política neoliberal e classes sociais no Brasil* e um curso novo para a pós-graduação - *Teoria da organização sindical: classe média e sindicalismo*.

Classe média e sindicalismo, o curso que ministrei na pós-graduação, faz uma discussão teórica sobre o conceito de classe média e procura, a partir daí, detectar as relações complexas das diferentes frações da classe média com o movimento sindical. Procuro mostrar a pertinência de uma determinada noção de classe média e a

possibilidade de compatibilizá-la com a teoria marxista das classes sociais e, em seguida, tiro as conseqüências desse enfoque para a análise do movimento sindical. A idéia central é a de que as situações de trabalho dos diferentes setores de classe média e a ideologia meritocrática, que define a “consciência média”, repercutem de modo específico no sindicalismo dos trabalhadores não-manuais, diferenciando tal movimento do sindicalismo operário. Tais fatores, articulados às diferentes conjunturas, produzem efeitos contraditórios. A ideologia meritocrática pode tanto ensejar a rejeição a todo sindicalismo, afastando o trabalhador de classe média do movimento sindical, quanto pode estimular a prática de um sindicalismo de tipo particular, que eu denomino sindicalismo meritocrático. Dependendo da conjuntura, o individualismo da ideologia meritocrática, no geral avesso à organização e à luta coletiva, pode transmutar-se num corporativismo de tipo particular, o corporativismo de profissão, e estimular a prática do sindicalismo meritocrático⁸.

Na verdade, eu pensava em fazer minha tese de livre-docência sobre esse tema. Acabei desistindo da idéia e – uma vez mais - porque não estava suficientemente motivado, do ponto de vista político, para pesquisar tal tema. Quatro estudantes da pós-graduação interessaram-se pelo tema e pelo enfoque teórico que eu havia elaborado e produziram, sob minha orientação, quatro dissertações de mestrado sobre o sindicalismo de classe média - Patrícia Trópia, *Classe média, situação de trabalho e sindicalismo: o caso dos comerciários de São Paulo*; Liráucio Girardi Júnior, *Classe média, meritocracia e situação de trabalho: o sindicalismo bancário em São Paulo de 1923 a 1944*; Márcia Corsi Moreira Fantinatti, *Sindicalismo de classe média e meritocracia: o movimento docente nas universidades públicas* e Silvana Soares de Assis, *O Sindicalismo dos professores da rede pública do Estado de São Paulo frente às reformas neoliberais*.

Ainda nos anos 90, orientei outras dissertações de mestrado e pesquisas de Iniciação Científica. Os temas de tais trabalhos são aqueles que venho estudando nos últimos anos: populismo, sindicalismo, estrutura sindical brasileira, movimento operário no Brasil, partidos e organizações da esquerda brasileira, neoliberalismo e teoria das classes sociais. Esse trabalho de orientação está arrolado na segunda parte deste memorial. Também nos anos 90, tendo o meu trabalho de pesquisa sobre o sindicalismo se tornado conhecido, fui eleito coordenador do Grupo de Trabalho *Classe Operária e Sindicalismo*, da ANPOCS. Utilizei o período que estive à frente do grupo para organizar uma obra

⁸ Esse curso me motivou a produzir o artigo “Classe média e sindicalismo: uma nota teórica” In Luciano A. Prates Junqueira (org.), *Brasil e a Nova Ordem Internacional*, Anais do IX Congresso Nacional dos Sociólogos, Edição do Sindicato dos Sociólogos do Estado de São Paulo, São Paulo, 1994. Há uma fotocópia deste artigo no s Anexos deste memorial.

coletiva de balanço do sindicalismo brasileiro, intitulada *O sindicalismo brasileiro nos anos 80*⁹.

Quanto ao segundo curso que, como disse, criei no ano de 1998, o curso *Política neoliberal e classes sociais no Brasil*, esse cirsp foi motivado pela minha tese de livre docência, cujo conteúdo exporei a seguir.

I.9 Pós-doutoramento em Paris

Quando ainda preparava minha tese de livre-docência, tive a oportunidade de realizar um pós-doutoramento em Paris. Passei todo o ano de 1997 na capital francesa, na condição de Pesquisador Convidado da *Fondation Nationale de Science Politque*. Essa estada foi muito importante para o desenvolvimento do meu trabalho.

Voltando à França quase vinte anos após minha primeira estada, encontrei, como já esperava, uma conjuntura teórica e ideológica muito distinta daquela que encontrara no final da década de 1970. Em 1997, o “marxismo francês” havia quase desaparecido da universidade e Paris se tornara um dos centros do pensamento conservador de toda Europa. O campo marxista ligado à leitura althusseriana encontrava-se, como ainda se encontra, devastado. Fruto das críticas convergentes dos antimarxistas e de algumas correntes do marxismo, o pensamento althusseriano está quase desaparecido do meio acadêmico francês – algo semelhante ocorre, como se sabe, no Brasil.

Vale a pena abrir um parênteses para indicar – apenas indicar - as correntes marxistas que se congregaram na crítica a Louis Althusser, isso ajudará a situar, no interior do campo heterogêneo e complexo que é o marxismo, os conceitos e teses teóricas com os quais tenho trabalhado.

Deixando de lado as críticas antimarxistas, foram as correntes do marxismo criticadas por Louis Althusser que, numa reação normal de revide, abriram fogo contra ele: o marxismo historicista, o marxismo economicista e o marxismo tributário do humanismo teórico, particularmente do “humanismo crítico” de Feuerbach. O marxismo historicista reúne, com variações de autor para autor, elementos como a visão teleológica do processo histórico, a posição relativista no plano da teoria do conhecimento, o acento unilateral na ação humana e a idéia de sujeito histórico; o marxismo economicista - que

⁹ São Paulo, Editora Paz e Terra, 1991. Um exemplar desse livro acompanha o presente memorial.

também está presente nas correntes historicistas, no caso dos autores que admitem que o reino da ação humana termina na fronteira da economia - pretende reduzir os mais variados fenômenos sociais e políticos – as classes, a política de Estado, as crises políticas – a diferentes e variados aspectos da economia – interesses econômicos, crises econômicas, modelos de acumulação etc.; por último, o marxismo humanista caracteriza-se, fundamentalmente, pela inexplicável constatação de que a sociedade capitalista - que é, evidentemente, uma sociedade organizada por seres humanos – impede a realização da essência humana, que, nela, estaria alienada. Herdeiros de uma espécie de senso comum marxista do século XX, esses três enfoques concebem a obra teórica de Marx como algo fundamentalmente homogêneo e transparente. As teses althusserianas sobre a história, concebida como um processo sem sujeito, sobre o papel ativo das estruturas - inclusive da estrutura jurídico-política, sobre a possibilidade de uma ciência da história e sobre a ruptura do Marx da maturidade com o humanismo teórico feuerbachiano do período juvenil, idéia de ruptura que Althusser vincula à idéia de heterogeneidade da obra de Marx, essas teses são alvos constantes da crítica dos demais marxismos¹⁰.

Acrescente-se que, além dos críticos sérios, surgiu também a crítica adjetiva: a utilização do *estilo de clichê*, para retomar uma noção de Mao Zedong, para estigmatizar e desqualificar a obra de Althusser – positivista, estruturalista, perturbado mental etc etc. Ocorreu também o fenômeno da revoada dos intelectuais que são do tipo “maria-vai-com-as-outras”: aqueles que eram althusserianos ortodoxos e doutrinários quando a obra de Althusser estava em alta na “moda acadêmica” e, em pouco tempo, trataram de realizar um giro de 180 graus, assim que começaram a perceber a mudança dos ventos.

De minha parte, não estou convencido da procedência das críticas – refiro-me às críticas sérias, evidentemente - e permaneci trabalhando com conceitos provenientes da leitura estrutural do marxismo. Quero anotar que não assimilo o conjunto da obra de Althusser – rejeito, por exemplo, alguns dos seus conceitos básicos de sociologia e de ciência política, como o conceito de ideologia em geral e o de aparelhos ideológicos de Estado. Considero que, em sociologia, em política e em antropologia, no geral, os discípulos ortodoxos ou heterodoxos de Louis Althusser, como N. Poulantzas, E. Terray, M. Godelier, C. Bettelheim e outros são mais consistentes que o mestre.

Retomando os acontecimentos de minha estada em Paris, devo dizer que foi muito importante ter sido recebido por René Mouriaux, professor da *Fondation Nationale de Science Politque*, um pesquisador marxista francês especializado em sindicalismo.

¹⁰ Vale a pena ressaltar que, diferentemente do que ocorre na França e no Brasil, a obra de Louis Althusser tem sido, ao longo dos últimos anos, muito valorizada e estudada no mundo anglo-saxão, principalmente nos Estados Unidos.

Mouriaux tem uma copiosa produção sobre o movimento operário e sindical francês e europeu. Ele preside uma associação de estudiosos do movimento operário que tem a singularidade de reunir tanto pesquisadores universitários quanto dirigentes sindicais. Essa associação, conhecida pela sigla Ressay – *Recherches en Economie, Société et Syndicalisme* -, é muito ativa, realiza seminários regulares envolvendo pesquisadores e sindicalistas no debate sobre os problemas atuais do movimento sindical europeu. A participação regular em tais atividades forneceu-me uma ampla gama de informações, de idéias e de pistas sobre analisar os problemas enfrentados pelo movimento operário e sindical europeu diante da política neoliberal. A reflexão comparativa com a situação brasileira contribuiu muito para a análise que realizei em minha tese de livre-docência.

I.10 A livre-docência

A tese de livre-docência é, como se sabe, uma especificidade das universidades estaduais paulistas. Na minha avaliação, essa particularidade contribui muito para que a produção dessas instituições se destaque no cenário acadêmico brasileiro. Infelizmente, a Unicamp criou, no início da década de 1990, a possibilidade de o professor obter o título de livre-docente sem a necessidade de produzir e defender uma tese. O professor pode, se quiser, reunir os textos que publicou aqui e ali após o doutorado e apresentar esse material como substituto da tese. De minha parte, optei por realizar uma pesquisa original e produzir uma tese para o meu concurso de livre-docência.

Inicialmente, eu havia pensado, como escrevi mais atrás, em fazer uma tese sobre o sindicalismo de classe média no Brasil. Duas motivações me afastaram dessa proposta inicial. De um lado, eu queria voltar ao estudo de política brasileira, área em que trabalhara no meu mestrado, e, de outro lado, o tema do neoliberalismo, pela sua importância política, estava me mobilizando mais que a pesquisa sobre sindicalismo de classe média. Decidi, então, pesquisar as relações da política neoliberal com o movimento sindical brasileiro. O título de minha tese ficou sendo *Política neoliberal e sindicalismo no Brasil*.

Nessa tese, examino, em primeiro lugar, o quadro geral do neoliberalismo no Brasil e suas relações com o imperialismo e a burguesia brasileira.

Apresento as características gerais da ideologia e da política neoliberal; insisto na diferença entre a política neoliberal no centro do sistema capitalista e na sua periferia e

procuro destacar o papel da luta política e das circunstâncias históricas na transição brasileira para o modelo capitalista neoliberal. Dedico um capítulo à particularidade da transição brasileira – um neoliberalismo periférico e tardio.

Na análise das relações da burguesia com a política neoliberal eu penso que se encontra uma das contribuições de minha tese, pois creio ter produzido uma análise original do bloco no poder neoliberal. Polemizo, com duas teses correntes – a tese segundo a qual o neoliberalismo atende, indistintamente, os interesses do conjunto da burguesia e a tese segundo a qual tal política atende apenas os interesses do capital financeiro. O esforço aqui é evidenciar a complexidade da relação entre a burguesia e o neoliberalismo. Lanço mão do conceito de bloco no poder elaborado por Nicos Poulantzas para examinar as contradições existentes no seio da burguesia frente à política neoliberal. Distingo os três aspectos básicos da política neoliberal e procuro demonstrar as relações de cada um deles com as distintas frações burguesas que integram o bloco no poder. Mostro, em primeiro lugar, que a desregulamentação do mercado de trabalho e a redução dos direitos sociais atende o interesse de todas as frações burguesas. Esse é o elemento da política neoliberal que unifica a burguesia em torno do neoliberalismo. Examino, em seguida, a política de privatização, para argumentar que ela atende apenas o interesse do grande capital nacional e estrangeiro. Por último, analiso a política de abertura comercial e de desregulamentação financeira, procurando evidenciar que esse último elemento da política neoliberal atende, apenas, os interesses do setor financeiro do grande capital. São essas relações complexas entre neoliberalismo e burguesia que explicam, ao mesmo tempo, a grande frente burguesa em defesa do neoliberalismo e as fissuras existentes nessa frente – fissuras que aparecem no Congresso Nacional, nas relações do governo federal com os governos estaduais, e no interior do próprio governo federal.

Examino, em seguida, a relação da política e da ideologia neoliberal com as classes trabalhadoras. Em primeiro lugar, procuro sistematizar os efeitos dessa política sobre as condições de trabalho e de vida das classes trabalhadoras e, também, sobre a organização e o movimento sindical. Destaco a mudança no perfil da política social, provocada pela privatização, pela focalização e pela descentralização, a radical mudança na política salarial, o declínio do salário médio, a concentração de renda e o crescimento e o perfil do desemprego. Abre-se, então, outro ponto polêmico do meu trabalho, ponto no qual acredito ter logrado apresentar uma contribuição para o debate. Trata-se do seguinte: diante do quadro econômico e social profundamente desfavorável aos trabalhadores, a idéia corrente no pensamento crítico brasileiro é que esses estariam, na

sua quase totalidade, lutando ou predispostos a lutar contra o neoliberalismo. Polemizo com essa percepção.

De minha parte, desenvolvo a tese de que o neoliberalismo, apesar de seu conteúdo antipopular, converteu-se na ideologia política hegemônica na formação social brasileira dos anos 90 – uma hegemonia que denomino regressiva, justamente por não estar ancorada em concessões econômicas às classes trabalhadoras. Sustento que a ideologia neoliberal difundiu-se entre os trabalhadores por vias distintas e graças a uma complexa mescla com outras ideologias presentes no meio popular. O modelo capitalista de desenvolvimento periférico, que orientou a política do Estado brasileiro da Revolução de 1930 à recessão de 1981, acumulou frustrações entre os trabalhadores. Os direitos sociais permaneceram restritos a apenas uma parte das classes trabalhadoras e, entre os contemplados, o usufruto de tais direitos sempre foi muito desigual. No Brasil, não chegamos a construir um Estado de bem-estar social. A frente neoliberal soube explorar esse fato, apresentando os direitos como privilégios e logrando converter uma revolta popular difusa *contra o caráter restrito dos direitos sociais* em base de apoio para uma política reacionária de *supressão e redução* de tais direitos. Essa complexa operação possibilitou que setores dos trabalhadores, como os operários organizados na central Força Sindical, aderissem, ainda que pela negativa, à política de *Estado mínimo*.

Outro trunfo da política neoliberal foi a sua articulação com a ideologia populista, ainda amplamente presente, apesar da descrença de muitos intelectuais críticos, entre os trabalhadores brasileiros. O modelo de política social neoliberal baseado na focalização – principalmente os programas de bolsas (bolsas escola, alimentação, renda e outros) -, tal modelo, sem nunca resolver o problema da pobreza, da saúde, da baixa escolaridade e das más condições de vida em geral, interpela os trabalhadores como “pobres”, que devem ser, não portadores de direitos, mas, sim, alvo da ação benemerente do Estado, e cria, entre eles, a ilusão de que há uma “preocupação” do governo com os “excluídos”¹¹.

¹¹ No momento em que escrevo, o governo Lula completou três meses de existência. Hoje, a pergunta que se pode fazer com base nessa análise é se tal governo não está mantendo o mesmo tipo de relação com os trabalhadores. A política e o discurso do governo Lula para a Previdência consiste em jogar os trabalhadores do setor privado contra o “privilégio” da aposentadoria dos trabalhadores do setor público. O governo Lula, em vez de unir ambos os setores em torno de um novo modelo de previdência que atenda os interesses e as necessidades de todos os trabalhadores brasileiros, propõe, como já haviam feito os governos neoliberais que o antecederam, o nivelamento por baixo e explora, para tanto, como também já fizeram FHC e Collor, o ressentimento de trabalhadores privados de direitos contra os trabalhadores que os possuem. Já o Programa Fome Zero, carro chefe da política social do novo governo, mantém intocado o assistencialismo anódino dirigido aos excluídos por um governo protetor encarnado na figura do Presidente da República. Uma das diferenças entre esse populismo e o populismo de Vargas é que o populismo dos anos 50 mimetizava o Estado de bem-estar, enquanto o dos anos 90 e 2000 mimetiza a filantropia pura e simples. A hegemonia neoliberal não apenas existe, como está se revelando mais forte do que eu julgava.

Analisando, por último, as relações específicas do neoliberalismo com o movimento sindical.

Mostro como o desemprego atingiu profundamente dois dos setores mais ativos do sindicalismo brasileiro, os operários metalúrgicos e os empregados do setor bancário, concorrendo para um enfraquecimento geral do movimento sindical. Outro setor muito ativo, o sindicalismo do servidor público, foi colocado na defensiva e no isolamento graças à luta ideológica, encampada pelos meios de comunicação, que logrou apresentar esse setor das classes trabalhadoras como parasitas e privilegiados. Boa parte do trabalho é dedicada ainda a examinar a resposta das principais centrais sindicais à política neoliberal. Mostro que, diferentemente do que ocorreu em outros países, o sindicalismo brasileiro dividiu-se frente à ofensiva neoliberal. Parte dele, representado pela CUT, resistiu a essa ofensiva, enquanto a outra parte, congregada especialmente na Força Sindical, aderiu ao neoliberalismo. Retomando a ideia da existência de uma hegemonia ideológica do neoliberalismo, mostro que a adesão da Força Sindical não pode ser compreendida como uma simples “traição” de sindicalistas pelegos. O fenômeno parece ser mais profundo: há um sentimento contra o intervencionismo estatal do período desenvolvimentista e contra o servidor público no próprio meio operário, que é onde viceja o sindicalismo da Força Sindical. Quanto à CUT, também mostro que a resistência dessa central ao neoliberalismo não a deixou isenta de contaminação pelas ideias liberais – analiso, como exemplo, as convergências entre a proposta cutista de contrato coletivo de trabalho e ambição dos governos neoliberais de flexibilizarem os direitos trabalhistas.

A banca examinadora do meu concurso de livre-docência foi composta pelos professores Caio Navarro de Toledo, Paulo Singer, Sebastião Velasco e Cruz, Sedi Hirano e Wolfgang Leo Maar. O concurso compreendeu prova didática, prova de títulos e a defesa de tese. Fui aprovado com a nota máxima.

I.11 Nova fase

Assim que me tornei professor livre-docente, iniciei uma nova fase na minha atuação acadêmica no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.

O primeiro ponto a destacar é que a minha pesquisa de livre-docência ensejou a formação de um grupo para pesquisar as relações entre a política neoliberal e os movimentos de trabalhadores no Brasil. Essa foi uma experiência de pesquisa muito

importante e produtiva. Reuni dez pesquisadores – três graduandos, três mestrados e quatro doutorandos – em torno de um projeto coletivo de pesquisa que foi aprovado como Projeto Integrado no CNPq¹². Um fator que também possibilitou a formação desse coletivo de pesquisa foi a existência do Centro de Estudos Marxistas do IFCH-Unicamp, centro sobre o qual falarei mais à frente.

O projeto *Neoliberalismo e trabalhadores no Brasil* examina as múltiplas relações do neoliberalismo com os movimentos de trabalhadores. A idéia geral do projeto, que funcionou como hipótese norteadora das pesquisas individuais, é a idéia de que o neoliberalismo logrou construir uma hegemonia de tipo regressivo na sociedade brasileira ao longo da década de 1990. Iniciamos nosso trabalho de pesquisa coletiva no ano 2000 e, dois anos e meio depois, em meados de 2002, concluímos uma obra coletiva intitulada *Neoliberalismo e lutas sociais no Brasil*, cuja publicação está prevista para abril de 2003. Essa obra é o primeiro resultado de nossa pesquisa.

No texto que publiquei nessa obra coletiva, faço uma análise das transformações que o modelo capitalista neoliberal promoveu nas relações de classe vigentes na sociedade brasileira. Desenvolvo no texto a tese geral da hegemonia regressiva do neoliberalismo e, analiso, de um lado, as relações de classe que permitiram a implantação dessa hegemonia e, de outro lado, avalio o impacto da implantação do modelo capitalista neoliberal na composição e na força política das classes e frações de classe presentes na sociedade brasileira. No segundo capítulo da obra, o doutorando Claudinei Coletti analisa a ascensão e o refluxo da luta pela terra e do Movimento dos Sem-Terra (MST) ao longo da década de 1990. Mostra que as dificuldades enfrentadas pelo MST no final dos anos 90 tem algo a ver com a força política e ideológica do neoliberalismo. A doutoranda Andréia Galvão analisa a estratégia sindical da CUT ao longo da década de 1990, evidenciando as hesitações e contradições da estratégia dessa central sindical frente à política neoliberal. A professora da PUC-Campinas, Patrícia Vieira Trópia, examina, a seguir, a adesão da Força Sindical ao neoliberalismo. A sua pesquisa utiliza um rico material empírico para demonstrar que a adesão da Força Sindical ao neoliberalismo não é, apenas, uma opção de sua direção, mas reflete, também, aspirações difusas dos trabalhadores da base dessa central. Sandra Zarpelon, mestranda da Unicamp, apresenta o resultado de sua pesquisa sobre as ONGs e o sindicalismo. Mostra como o movimento sindical e parte da intelectualidade progressista próxima desse movimento acabaram por coonestar a política de flexibilização e redução dos direitos

¹² O texto desse projeto, que se intitula *Neoliberalismo e trabalhadores no Brasil: política, ideologia e movimentos sociais*, está inserido no sítio do Centro de Estudos Marxistas (Cemarx) do IFCH-Unicamp. Ver www.unicamp.br/cemarx

sociais com um discurso que, muitas vezes, tem motivação democrática: uma certa aspiração por uma democracia participativa foi utilizada pelos governos neoliberais para privatizar as políticas sociais através do incentivo ao chamado terceiro setor. Por último, três estudantes, que no início do nosso projeto coletivo de pesquisa encontravam-se ainda na graduação – Andriei Gutierrez, Danilo Martuscelli e Fernando Corrêa, examinaram a evolução programática de três partidos de esquerda ao longo dos anos 90: o Partido dos Trabalhadores (PT), o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU). A conclusão desses pesquisadores foi que o PT e o PCdoB foram, por vias distintas, aceitando ou permitindo, graças a alterações em suas concepções e estratégias, o avanço da política neoliberal. O conjunto da obra converge, portanto, para a tese geral da hegemonia regressiva do neoliberalismo.

Coordenei esse trabalho de pesquisa de modo a garantir que ele fosse desenvolvido de maneira realmente coletiva. Todos estudantes participaram da elaboração do projeto geral e, em seguida, dos seminários de discussão de textos gerais; por último, cada pesquisador submeteu o seu projeto individual e os resultados de sua pesquisa à apreciação crítica do conjunto do grupo. À medida que avançávamos na pesquisa, mais se consolidava a idéia da existência de uma hegemonia regressiva do neoliberalismo. Para intelectuais críticos e socialistas, como são os membros do grupo de pesquisa, essa era uma convicção pouco animadora. De qualquer modo, para fazer uma referência à conjuntura política na qual escrevemos este memorial, a conclusão de nossa pesquisa permite afirmar que o continuísmo que se nota nos três primeiros meses de governo Lula não é resultado apenas da decisão da cúpula do PT. Esse continuísmo tem algo a ver com uma penetração mais ampla e profunda do neoliberalismo na sociedade brasileira.

Nessa nova fase, posterior à livre-docência, criei dois novos cursos na pós-graduação.

Um dos cursos, denominado *Teoria das classes sociais e movimento operário*, examina a teoria marxista das classes sociais e sua aplicação no estudo do movimento operário. Ele se encontra dividido em duas partes. A primeira parte aborda a teoria marxista das classes sociais e da luta de classes e examina as classes trabalhadoras no capitalismo contemporâneo. São abordados temas como as classes nos modos de produção capitalista e pré-capitalistas, as diferenças entre classes, ordens e estamentos, as formas de luta dos produtores diretos no capitalismo e nos modos de produção pré-capitalistas. No que tange ao capitalismo contemporâneo, é examinado o debate

conceitual sobre as classes trabalhadoras – proletariado, classe operária, pequena burguesia, classes médias, situações contraditórias de classe e outros conceitos presentes no debate marxista contemporâneo.

A segunda parte do curso aborda o problema teórico de saber em que condições a classe operária pode organizar-se como um coletivo de classe anticapitalista.

Destacamos, nessa parte, três enfoques. Um primeiro enfoque, tipicamente historicista, que concebe a formação do proletariado como classe como um processo de formação do sujeito consciente. Os operários evoluem da luta reivindicativa, mais ou menos espontânea, para a luta consciente pelo socialismo e, nesse processo, convertem-se em classe-sujeito do processo histórico.

Um segundo enfoque, que valoriza o desenvolvimento das forças produtivas como fator de desequilíbrio e crise dos modos de produção, apresenta a formação da classe operária como resultado do aguçamento da contradição entre o caráter crescentemente socializado das forças produtivas e a estreiteza privada da sua apropriação sob o capitalismo. O trabalho de Jean Lojkine sobre o proletariado da informática é um exemplo importante desse enfoque – o proletariado da informática, situado na ponta do desenvolvimento das forças produtivas, teria condições e interesse em resolver a contradição entre a socialização das forças produtivas e o caráter privado de sua apropriação. Nesse enfoque, a consciência e a transição socialista teriam maior possibilidade de se desenvolver nos países centrais do sistema, onde a revolução informacional é mais ampla e profunda.

Finalmente, contemplamos um enfoque, inspirado nos estudos de Louis Althusser sobre a dialética materialista em *Pour Marx*, nos estudos de Mao Zedong sobre a contradição e nas análises política de Lenin, todos estudos e análises que permitem pensar a formação do proletariado como classe como resultado de crises revolucionárias. Os historicistas afirmam que a classe operária, como sujeito consciente, faz a revolução. Nesse terceiro enfoque, diferentemente, podemos afirmar, segundo me parece, que, em larga medida, é a revolução que faz a classe operária. Althusser contrasta a dialética hegeliana, que opera com uma única contradição, com a dialética materialista ou marxista, que opera com um conjunto de contradições de eficácia e importância desiguais – Althusser recorre explicitamente a Mao Zedong. Ele recupera e revaloriza também o conceito leninista de crise revolucionária, conceito que opera com a idéia de multiplicidade das contradições, e dá pistas para se pensar a situação revolucionária como a situação que permite a formação da classe operária como força social anticapitalista. Como se sabe, o conceito leninista de crise revolucionária está vinculado a outro: o conceito de elo

mais fraco da cadeia imperialista. As crises revolucionárias tendem a ocorrer nos elos mais fracos da cadeia imperialista e, portanto, nos países da periferia ou da semi-periferia do sistema capitalista mundial. As conseqüências políticas desse enfoque, no que respeita à estratégia revolucionária, são grandes e o contraste com o segundo enfoque, onde o centro do sistema é pensado como principal palco do movimento socialista, é evidente.

Aquilo que já denominei neste memorial de “senso comum marxista do século XX” tinha por procedimento dirimir conflitos teóricos recorrendo a citações dos “pais fundadores” do marxismo. Verbalmente, muitos condenavam tal procedimento, mas não questionavam o pressuposto básico que o sustentava: a idéia de que a obra de Marx seria, no fundamental e no seu conjunto, transparente e homogênea, idéia criticada pelos conceitos althusserianos de leitura sintomal e de ruptura epistemológica. No caso que nos ocupa, destacamos que o conflito entre os três enfoques sobre a formação da classe operária não pode ser dirimido com recurso à obra de Marx, e isso porque os três podem, igual e legitimamente, encontrar amparo nessas obras. O primeiro enfoque, que denominei historicista, encontra guarida num trabalho como *A miséria da filosofia*, publicado em 1847, em que Marx discorre sobre o papel dos sindicatos na unificação do movimento operário; o segundo enfoque inspira-se diretamente no consagrado *Prefácio*, datado de janeiro de 1859, da obra *Contribuição à crítica da economia política*, onde, resumindo as suas teses, Marx sustenta que o conflito entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção abre uma era de revolução social e é resolvido no nível da superestrutura, onde os homens tomam consciência desse conflito e se colocam a tarefa de solucioná-lo; já o terceiro enfoque, tipicamente leninista, encontra fundamentação no *Manifesto do Partido Comunista*, de 1848, onde Marx observa que a revolução socialista deverá começar pela Alemanha, país que, embora industrialmente atrasado em relação à Inglaterra, está às vésperas de uma crise revolucionária, por não ter ainda feito a sua revolução burguesa – a Alemanha é apresentada no *Manifesto* como uma espécie de elo mais fraco do capitalismo europeu. A presença dessa tese protoleninista no *Manifesto* é, normalmente, omitida pelos comentadores que apresentam a análise do problema da constituição do proletariado em classe no *Manifesto* como se ela fosse uma análise economicista e historicista – o proletariado se formaria como classe graças a uma evolução gradativa da fase das lutas reivindicativas à fase superior da luta pelo poder¹³.

¹³ As reflexões para este curso ensejaram a produção de alguns ensaios sobre a formação da classe operária. Alguns deles estão publicados, outros se encontram no prelo ou na “gaveta” à espera de melhoramentos e revisões. Destacaria os seguintes: “A Constituição do proletariado em classe - a propósito do *Manifesto Comunista* de Marx e

O outro curso para a pós-graduação é o curso de *Teoria política contemporânea*. Esse é um curso obrigatório e básico do mestrado em Ciência Política da Unicamp. Fiz parte do grupo de professores do Departamento de Ciência Política que criou esse curso e assumi a responsabilidade por ministrar um de seus módulos, que é o módulo de *Teoria política marxista*.

Esclareço, de saída, aos alunos que não existe uma única teoria política marxista, porém várias. A obra de Marx é heterogênea, como também o são as interpretações dessa obra, existindo, na verdade, vários marxismos. O meu curso dá prioridade a algumas correntes do marxismo em detrimento de outras. O seu objetivo é extrair, discutir e desenvolver o conceito de política presente na obra de maturidade de Karl Marx, principalmente nas suas obras históricas e, subsidiariamente, em obras históricas de Friederich Engels.

Recorto e desenvolvo uma definição geral de política, aplicável a todas sociedades conhecidas, que, sinteticamente, designa a atividade de direção de uma sociedade. Essa é a política em geral, atividade que está presente tanto nas sociedades tribais, quanto nas sociedades de classe, e que pode ser pensada como uma atividade incontornável da vida social. Após a discussão e aprofundamento da definição da política em geral, passo para a definição de política nas sociedades de classe, onde a atividade de direção está marcada pelos interesses de classe e se realiza em torno de uma estrutura institucional específica, que é o aparelho de Estado.

Considerando, então, apenas as sociedades de classe, apresento o seguinte conceito marxista de política: *a política é a luta (de classes) para conquistar, influenciar ou preservar o poder de Estado*. Em tal definição, destaco, diversos elementos.

Em primeiro lugar, que a política é concebida como uma atividade específica, voltada para um objetivo específico (a manutenção ou conquista do poder de Estado). Essa tese se apoia em outra que também desenvolvo com os estudantes: a tese segundo a qual o Estado é o principal centro de coesão de uma formação social – tese que explica porque a política gira em torno do Estado. Na discussão dessa tese apresento duas vertentes distintas: a vertente leninista, na forma como a desenvolveu Nicos Poulantzas em *Poder político e classes sociais*, e a vertente gramsciana, conforme os conceitos de Estado ampliado, de hegemonia e de guerra de posição desenvolvidos por Antonio Gramsci.

Engels”, revista *Crítica Marxista*, n. 6, São Paulo, Editora Xamã, primeiro semestre de 1998; “A (difícil) formação da classe operária”, texto apresentado ao II Colóquio Marx e Engels, a sair no livro *Marxismo e Ciências Humanas*, Editora Xamã, no prelo; “Crise da crise do sindicalismo”, a ser publicado em *Sindicalismo no século XXI*, editora Boitempo, no prelo. Esses textos e outros que versam sobre esse tema estão disponíveis num volume à parte aos membros da banca examinadora do concurso.

Em segundo lugar, destaco o elemento da definição que indica que, embora a política seja uma atividade específica, ela está, ao mesmo tempo, indissolivelmente ligada, na obra de Marx e Engels, às demais práticas sociais – a luta política como luta de classes exige que o analista trate das classes e, portanto, da economia e da sociedade. Isso é verdadeiro, a despeito de as relações entre política e interesses de classe serem, normalmente, uma relação, ao mesmo tempo, de representação e de dissimulação¹⁴.

Em terceiro lugar, essa atividade específica que é a política, é concebida como uma luta porque seu campo de ação é constituído por interesses contraditórios de classes e frações de classe: a política é luta pelo poder de Estado que, no limite, pode transformar-se em guerra.

Procuró evidenciar para os estudantes que tal definição da atividade política, com os seus três elementos constitutivos apontados acima, não é óbvia nem consensual. Para tanto, procuró contrastar, ainda que de modo breve, alguns aspectos desse conceito com os conceitos de política elaborados por autores e escolas não-marxistas – como: a) Michel Foucault e seu conceito de poder difuso que sustenta que a política está indistintamente em todo e qualquer lugar, b) Gaetano Mosca e a teoria das elites, na qual se nega, justamente, a conexão entre a política e a sociedade ao se negar a idéia de representação política e c) Jürgen Habermas e sua concepção de política como prática comunicativa e não como luta e confronto de interesses e de valores que são, no limite, inconciliáveis. Repito que privilegio tais teses e autores justamente porque eles contrastam com os elementos citados mais atrás da concepção marxista de política, o que permite aos estudantes se apoderarem de elementos teóricos que podem ser utilizados para criticar a teoria política marxista. Considero que é dever do professor armar teoricamente os estudantes contra a sua própria posição teórica.

O Centro de Estudos Marxistas (Cemarx) do IFCH-Unicamp tem absorvido, desde que defendi minha tese de livre-docência, uma parte importante do meu trabalho intelectual. Em junho de 1996, fui um dos criadores desse centro, juntamente com um grupo de professores do nosso Instituto. A partir de 1998, eu me engajei mais na atividade do centro. Além do trabalho do projeto de pesquisa coletiva *Neoliberalismo e trabalhadores*, que está sediado no Cemarx e que já mencioneis mais atrás, assumi o cargo de diretor do centro e participei da concepção e organização de diversos seminários e grupos de estudos sobre marxismo e temas afins.

¹⁴ Desenvolvi esse ponto em um ensaio que intitulei “Cena política e interesses de classe na sociedade capitalista - comentário em comemoração ao sesquicentenário da publicação de *O Dezoito Brumário de Luis Bonaparte*”, revista *Crítica Marxista*, n. 15, São Paulo, Boitempo, segundo semestre de 2002. Esse texto faz parte do volume entregue à banca examinadora do concurso.

Em 1999, organizamos o 1º Colóquio Marx e Engels, que teve por tema e título *A obra teórica de Marx – atualidade, problemas e interpretações*. Estabelecemos os pontos que interessava discutir no colóquio e reunimos na Unicamp quase 60 pesquisadores de doze Estados do Brasil para debatê-los, em diversas mesas redondas e sessões de comunicações coordenadas. Os participantes das mesas redondas foram convidados com um ano de antecedência, o que permitiu encomendar um texto sobre o tema que abordariam. Tais textos, que representam as contribuições e discussões das mesas redondas do colóquio, foram reunidos em um livro lançado em 2000 e que, hoje, se encontra na sua segunda edição¹⁵. O colóquio e o livro tinham como eixos: a discussão sobre a existência da ruptura epistemológica entre a obra de juventude e a obra de maturidade de Marx, as relações da obra de Marx com a obra de Engels (unidade? heterogeneidade?), as particularidades das diversas correntes do marxismo (pudemos contemplar Althusser, Lukács, Gramsci e Thompson) e, como último ponto, uma discussão sobre a atualidade ou a superação da teoria econômica de Marx. Para cada ponto, procuramos colocar palestrantes com perspectivas distintas, de modo a realizar um colóquio (e um livro) plural, ainda que, majoritariamente, formado por autores marxistas.

Em 2001, realizamos o 2º Colóquio Marx e Engels, tomando por tema as relações entre o marxismo e as ciências humanas. Procedendo com antecedência e cuidado, do mesmo modo que fizéramos no colóquio anterior, pudemos obter textos elaborados cuidadosamente pelos palestrantes. Esses textos já se encontram no prelo formando o livro *Marxismo e ciências humanas*, que deverá ser lançado neste ano de 2003. Esse colóquio teve dois grandes eixos. O primeiro tratou das relações do marxismo com diversas áreas do saber conhecido como “ciências humanas”, tendo abordado os seguintes temas: marxismo e história, marxismo e antropologia, marxismo e psicanálise, marxismo e os estudos da cultura e marxismo e educação – para cada um desses temas dedicamos uma mesa redonda com três participantes; o segundo eixo consistiu em examinar como o marxismo tem encaminhado a análise de alguns aspectos originais do capitalismo contemporâneo e de algumas questões recentes que têm sido discutidas nas ciências humanas, eixo que desagregamos em dois grandes temas: a nova configuração das classes sociais e a nova internacionalização da economia, comumente designada pelo conceito de globalização. O livro *Marxismo e ciências humanas* reserva um capítulo para cada tema tratado no colóquio.

¹⁵ Armando Boito Jr. e outros (orgs), *A Obra teórica de Marx – atualidade, problemas e interpretações*, São Paulo, Editora Xamã, 2000 – segunda edição pela mesma editora em 2002.

No momento em que escrevo – início de abril de 2003, estamos organizando o 3º Colóquio Marx e Engels. O tema deste colóquio está resumido no seu título provisório: *Marxismo e socialismo no século XXI*. Pretendemos analisar as condições da luta pelo socialismo no capitalismo do século XXI e discutir o papel que a teoria marxista pode desempenhar na reconstrução desse movimento.

Além dessa série de colóquios, que é um evento bienal, temos organizado no Cemarx diversos eventos acadêmicos – palestras, seminários, etc. Gostaria de destacar um desses eventos, o *Seminário internacional 130 anos da Comuna de Paris*.

Eu não sou especialista em história do movimento operário internacional. Porém, interpelado por colegas de São Paulo, aceitei o desafio de assumir a concepção desse evento. Discuti algumas idéias e fontes bibliográficas com colegas historiadores e tranquei-me na biblioteca do IFCH para atualizar meus conhecimentos sobre a Comuna – não tenho nenhuma dúvida em afirmar que a biblioteca do IFCH-Unicamp é, graças à atuação de alguns historiadores do nosso instituto e, particularmente, do colega Michael Hall, a biblioteca brasileira mais bem servida em títulos e documentos sobre o movimento operário europeu.

Acabei por conceber um evento sobre a Comuna de Paris com três eixos. O primeiro eixo foi o do “confronto interpretativo”. Os estudiosos marxistas brasileiros ignoram, em sua maioria, a existência de um grande debate historiográfico sobre o conteúdo social da Comuna de Paris. Não há consenso na interpretação desse movimento, sendo que alguns historiadores franceses e anglo-saxões dedicaram-se a contestar a interpretação marxista da Comuna. Trouxemos da França uma historiadora que é crítica da interpretação marxista da Comuna e um historiador que defende - seguindo uma conhecida tradição francesa - uma espécie de fusão entre a interpretação marxista e a interpretação popular e jacobina. Outro texto importante dessa parte é o texto do jovem pesquisador Luciano Martorano, que investiga o que seriam elementos de um Estado socialista na experiência da Comuna. Eu próprio intervim nesse debate com um ensaio que publiquei no livro que resultou desse evento¹⁶. O segundo eixo do colóquio sobre a Comuna foi a análise das teses e avaliações variadas e divergentes que o movimento operário possui daquele evento. Pudemos encontrar para tanto estudiosos brasileiros especializados na Segunda e na Terceira Internacional que se desembucaram dessa parte do seminário – os colegas Claudio Batalha, Marco Aurélio Garcia, Valério Arcary e João Quartim de Moraes. Finalmente, o terceiro eixo do evento

¹⁶ Ver meu ensaio “Comuna republicana ou operária? A tese de Marx posta à prova.” in Armando Boito Jr. (org.), *A Comuna de Paris na História*, São Paulo, Editora Xamã, 2001.

foi a análise da repercussão da Comuna de Paris no Brasil. Essa repercussão foi sabidamente pequena; porém, os especialistas com os quais pudemos contar, pesquisando os debates no Parlamento Imperial brasileiro e a produção da intelectualidade e dos literatos brasileiros do período puderam levantar, em fontes originais, muitos dados até então desconhecidos – o colega Francisco Foot Hardman descobriu, na pasta de manuscritos de Euclides da Cunha na Biblioteca Nacional, um poema inédito do autor de *Os sertões* que discorre sobre a figura de Louise Michel, uma das mais importantes dirigentes da Comuna; Fernando Lourenço descobriu, nos anais do parlamento imperial, iniciativas legais dos parlamentares brasileiros e inflamados discursos que visavam impedir a entrada de ex-comunardos no Brasil. A historiadora Maria Stella Bresciani fechou o seminário, e o livro que dele resultou, com um estudo sobre o impacto da Comuna no pensamento conservador.

Além dos seminários, coordenei no Centro de Estudos Marxistas dois grupos de estudo. Contando com cerca de doze estudantes de pós-graduação, esses grupos estudaram e debateram dois temas conexos.

O primeiro grupo, que funcionou ao longo do primeiro semestre de 2002, tinha como objeto a questão da ruptura epistemológica na obra de Marx. Partimos do “texto fundador” de todo o debate “Sur le jeune Marx” de Louis Althusser, e cotejamos com textos posteriores de Althusser no qual ele precisa e retifica a sua proposição inicial, sem abandonar a idéia de ruptura epistemológica que formulara no ensaio inicial. Discutimos em detalhe o conhecido conceito althusseriano de problemática - a “unidade profunda” de um determinado campo conceitual – e a aplicação desse conceito na leitura que Althusser faz da obra de Marx, em substituição ao método que ele denomina criticamente método de leitura analítico-teleológico.

O segundo grupo de estudos, que era uma continuação do primeiro e que funcionou ao longo do segundo semestre de 2002, tinha como objeto a questão da presença do humanismo teórico de Feuerbach na obra do jovem Marx e a polêmica sobre a persistência ou abandono desse humanismo teórico na obra de maturidade. Nesse segundo grupo, os conceitos de ser genérico do homem, alienação e emancipação humana, tríade conceitual em torno da qual se organizam os textos de Marx de 1843-1844, são contrastados com os conceitos de forças produtivas, relações de produção, luta de classes, ideologia e revolução proletária, conceitos *que começam a ser* produzidos a partir de 1845 em *A ideologia alemã*. Foi discutida a relação (de excludência? de

complementaridade?) entre esses dois conjuntos de conceitos e as implicações teóricas e políticas dessa questão¹⁷.

Uma parte importante do meu trabalho foi dedicada, após a minha livre-docência, à edição da revista *Crítica Marxista*. Nossa revista possui um Comitê Editorial, composto de nove intelectuais marxistas, que trabalha coletivamente na edição da revista. Porém, desde 1999, eu e o colega Caio Navarro de Toledo centralizamos esse trabalho e assumimos a responsabilidade pela edição.

O projeto intelectual da revista *Crítica Marxista* possui algumas características que julgamos importante destacar. Ela é uma revista marxista plural, isto é, a revista pretende congrega vários marxismos. O seu objetivo é contribuir para a) o desenvolvimento da teoria marxista, b) o conhecimento da história do capitalismo e do movimento operário, c) a análise científica e crítica do capitalismo contemporâneo e c) a análise e reorganização do movimento operário e socialista hoje. A revista é semestral e já publicou dezesseis números. Temos publicado textos de autores nacionais e, em número menor, de autores estrangeiros, sobre temas como teoria marxista da história, teoria das classes sociais, teoria do Estado e dos regimes políticos, teoria econômica, o modelo capitalista neoliberal, filosofia, filosofia política, crítica da cultura, história do capitalismo, economia capitalista contemporânea, globalização, o novo ciclo de guerras imperialistas, as transformações das classes trabalhadoras, movimento operário e socialista, movimento popular e outros assuntos. Nosso projeto editorial tem feito também um esforço para dialogar criticamente com as modernas correntes do pensamento sociológico. Nessa linha, temos publicado textos de pesquisadores marxistas sobre Habermas, Bourdieu, Antonio Negri e outros.

Gostaria de fazer uma consideração final sobre essa fase de minha vida acadêmica e intelectual posterior à defesa da livre-docência. Fiz meu mestrado, meu doutorado e minha livre-docência sobre o Brasil. Não me atrai a reflexão teórica desvinculada da análise histórica e penso que os intelectuais brasileiros devem – pois são eles que podem – contribuir para a compreensão do Brasil. Nos últimos anos, tenho acrescentado a essa reflexão sobre o Brasil um esforço maior no estudo da teoria marxista. O tema que me interessa mais de perto nesse amplo campo que é o marxismo é a teoria das classes sociais, tema sobre o qual estou elaborando um novo programa de pesquisa.

¹⁷ Estamos formando agora, no primeiro semestre de 2003, um terceiro grupo de estudos que, dando seqüência ao trabalho anterior, estudará a relação da obra de Marx com a obra de Hegel, concentrando o exame nas noções de processo histórico e de dialética.

Faço parte de uma minoria teórica na universidade brasileira. O marxismo está desprestigiado e, no interior do marxismo, a sua versão estrutural, inspirada em Althusser, é uma minoria dentro da minoria. O senso comum comunista do Século XX ainda é muito forte e o marxismo dominante no meio acadêmico é historicista, humanista e economicista. Meu projeto intelectual, se quiser defini-lo brevemente, eu diria que é contribuir para a renovação do marxismo, libertando-o de algumas das idéias herdadas do século XX, de modo que esse marxismo renovado possa contribuir para a renovação do socialismo do Século XXI. Constató que teoria e política continuam se amalgamando no meu trabalho e nas minhas motivações.

II - CARGOS ACADÊMICOS E ADMINISTRATIVOS NA UNICAMP

Entre 1989 e 1996, ocupei três cargos acadêmicos e administrativos no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Fui Coordenador do Curso de Graduação em Ciências Sociais, Chefe do Departamento de Ciência Política e Diretor Associado do Instituto. Das comissões das quais fui membro, quero destacar a Comissão Para Implantação dos Cursos Noturnos da Unicamp, cujo trabalho contribuiu para a grande expansão dos cursos de graduação noturnos que ocorreu na Unicamp nos anos 90.

Procurei explorar as possibilidades acadêmicas dos cargos que exerci: estimular a pesquisa, o debate intelectual, o engajamento dos docentes na instituição universitária e a integração dos estudantes. Nos anos 90, defrontamo-nos com a ofensiva política neoliberal e governamental contra o ensino e a universidade pública. Procurei, em cada esfera de atuação, contribuir para a resistência a essa ofensiva reacionária.

Na Coordenação de Graduação, procurei integrar os estudantes à vida universitária. Elaborei mecanismos para agilizar e estimular a orientação de pesquisas de Iniciação Científica pelos docentes. Juntamente com as chefias de Departamentos, instituímos a sistemática de avaliação pedagógica do trabalho dos docentes com a participação dos estudantes - um instrumento importante desse trabalho foi o questionário de avaliação da atividade docente a ser respondido pelos estudantes. Criei a praxe da realização de palestras sobre temas de atualidade para os estudantes (*Palestras do meio-dia*).

Na chefia do Departamento de Ciência Política, procurando vencer a inércia burocrática do cargo, criei o *Simpósio de Ciência Política*. O primeiro simpósio foi organizado em torno do tema sistemas de governo, no ano em que haveria o plebiscito sobre parlamentarismo e presidencialismo. O resultado desse simpósio eu publiquei em um livro que freqüentou, devido ao plebiscito sobre o parlamentarismo em 1993, a lista de livros mais vendidos dos grandes jornais¹⁸.

No terceiro cargo que ocupei, o de diretor associado do IFCH, dividi o trabalho com meu colega e diretor João Quartim de Moraes. Estabelecemos entre nós uma divisão igualitária do trabalho e das responsabilidades, formando uma efetiva direção coletiva do Instituto. Procuramos criar e melhorar as condições do trabalho de docência e pesquisa. Criamos a figura jurídica dos centros internos de pesquisa do IFCH e designamos espaço,

¹⁸ *Parlamentarismo e presidencialismo, a teoria e a situação brasileira*, São Paulo, Editora Paz e Terra, 1993. Um exemplar desse livro acompanha o presente memorial.

móveis e o acesso a uma verba mínima para todos os centros que fossem criados. Esses centros, hoje, congregam, em torno de temas variados de filosofia, história e ciências sociais, dezenas de professores e estudantes da Unicamp e de outras instituições¹⁹; lançamos um programa de publicações acadêmicas, com livros, revistas e cadernos, produzidos no próprio instituto graças ao reequipamento de nossa gráfica; construímos, graças a um projeto apresentado à Fapesp, um anexo ao prédio da biblioteca do IFCH e reequipamos nossa biblioteca; instituímos o financiamento para a participação dos estudantes de graduação e de pós-graduação nos eventos científicos nacionais, como os congressos da SBPC, ABA, ANPOCS, ANPUH e ANPOF; criamos uma secretaria especial para organizar e divulgar os eventos acadêmicos que os docentes quisessem promover, o que fez com que eventos como colóquios, seminários, conferências e outros mantivessem uma média superior a cem por ano.

Nossa gestão procurou democratizar o IFCH. Estabelecemos uma rigorosa transparência e igualitarismo nas condições de acesso a todos equipamentos e verbas do Instituto; canalizamos as verbas do instituto para os equipamentos coletivos – livros, maquinaria, instalações etc.; investigamos casos de corrupção e de descumprimento do tempo integral, que redundaram em desligamento de dois funcionários administrativos e na punição de um docente; estimulamos, com sucesso, a política de expansão de vagas e de abertura de novos cursos de Graduação no IFCH e no restante da Unicamp; instituímos as comissões de representação dos funcionários, procuramos fortalecer todos órgãos coletivos de decisão e tornamos públicos todos os problemas nas reuniões da Congregação, órgão colegiado máximo do instituto que tudo fizemos para fortalecer²⁰. No plano externo, quando as instituições privadas de ensino começaram a assediar a Fapesp, visando ampliar suas instalações e capital fixo com dinheiro público, combatemos publicamente essa pretensão das empresas de educação²¹. Hoje, infelizmente, esse repasse de verba pública, não para bolsas a estudantes e professores, mas para ampliar o patrimônio das faculdades e universidades privadas, esse repasse é praticado amplamente pela Fapesp.

¹⁹ Os centros criados pelos docentes durante nossa gestão e que funcionam até hoje com resultados animadores são os seguintes: Centro de Estudos Brasileiros, Centro de Estudos da Cidade, Centro de Estudos da Cultura Popular, Centro de Estudos Marxistas, Centro de Estudos das Migrações Internacionais, Centro de Estudos Rurais, Centro de História da Arte e Arqueologia, Centro de Pensamento Antigo, Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena e Centro de Pesquisa em História Social da Cultura.

²⁰ O Anexo 4 deste memorial contém uma fotocópia do nosso Relatório de Gestão, que presta conta à comunidade do IFCH do trabalho que realizamos na Direção do Instituto.

²¹ Ver a minha *Carta Aberta ao Reitor da Unimep*, no Anexo 2 deste memorial.

III. Conclusão da primeira parte

Acredito ter relatado o essencial de minha formação escolar e de minha atividade como docente, pesquisador, orientador de pesquisas e administrador universitário. O relato contemplou também minha intervenção política e cultural porque, de modos distintos, essa intervenção sempre esteve ligada à minha vida acadêmica.

Algumas características estiveram presentes ao longo de quase toda minha trajetória: a orientação socialista e marxista, a politização de minha produção intelectual, sempre envolvida em debates que remetem a questões estratégicas do movimento socialista, e a prioridade para temas da teoria marxista e de política brasileira contemporânea.

Apresento a seguir, na forma de um currículo, a lista completa das atividades que realizei e cujos dados e provas consegui preservar.

SEGUNDA PARTE

CURRICULO VITAE

CURRICULUM VITAE

ARMANDO BOITO JÚNIOR

ÍNDICE

I. DADOS PESSOAIS

II. OCUPAÇÃO ATUAL

III. FORMAÇÃO EDUCACIONAL E CARREIRA ACADÊMICA

IV. TRABALHOS CIENTÍFICOS

1. Livros e Teses
2. Artigos científicos em revistas, obras coletivas e publicação avulsas e seriadas
3. Artigos ensaísticos, de divulgação e de intervenção política em jornais e revistas
4. Resenhas bibliográficas
5. Brochuras e material didático
6. Apresentação e prefácio de livros
7. organização de obras coletivas
8. No prelo

V. CONFERÊNCIAS, SIMPÓSIOS E PALESTRAS

VI. ENTREVISTAS E PARTICIPAÇÃO EM PROGRAMAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL

VII. ATIVIDADES DOCENTES

1. Atividades docentes no primeiro e segundo graus
2. Atividades docentes no terceiro grau

VIII. OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS

1. Orientação de Pesquisa Concluída
2. Orientação de Pesquisa em curso
3. Bolsas de Estudo
4. Participação em Banca Examinadora
5. Assessoria Científica
6. Parecer Técnico sobre projeto de pesquisa e trabalho científico
7. Organização e coordenação de eventos científicos e culturais
8. Tradução
9. Concursos
10. Jornalismo

IX. SOCIEDADES E PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS E CULTURAIS

X. FUNÇÕES ADMINISTRATIVAS E ÓRGÃOS COLEGIADOS

XI. ORGANIZAÇÃO DE PROJETOS E GRUPOS DE PESQUISA

I. DADOS PESSOAIS

Nome: Armando Boito Júnior
Data de nascimento: 6 de dezembro de 1949
Localidade: Pirassununga, SP.
Nacionalidade: Brasileira
Estado civil: união estável
Residência: Rua Homem de Melo, 629, ap. 2011, 05007-001, São Paulo, SP.

Documentos

CIC: 778272608-53
Identidade: 4.408.354-3
Título de Eleitor: 18620501-75
Certificado Militar: 68.805

II. OCUPAÇÃO ATUAL

Professor Livre-Docente de Ciência Política no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

III. FORMAÇÃO EDUCACIONAL E CARREIRA ACADÊMICA

Curso Médio: Instituto de Educação Estadual de Pirassununga, SP
início e término: 1965-1967.

Curso de Graduação: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
grau obtido: Bacharel em Ciências Sociais
início e término: 1971-1974

Mestrado: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
grau obtido: Mestre em Ciência Política
título da tese: *O Populismo em Crise: 1953-1955*
Orientadores: Professores Décio Saes e Paulo Sérgio Pinheiro
Banca Examinadora: Professores Carlos Estevam Martins, Luis Benedito Lacerda Orlandi e Paulo Sérgio Pinheiro
início e término: 1975-1976

Especialização no exterior: École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris
curso: Sociologia dos Movimentos Sociais
grau obtido: Diplôme d'Études Approfondies (D.E.A.)
início e término: 1976/1978

Doutorado: Universidade de São Paulo (USP)
grau obtido: Doutor em Sociologia
título da tese: *O Sindicalismo de Estado no Brasil*
Orientador: professor Leôncio Martins Rodrigues
Banca Examinadora: Professores Caio Navarro Toledo, Décio Saes, Heloísa Teixeira de Souza Martins, Leôncio Martins Rodrigues e Maria Célia Paoli
início e término: 1982-1989

Pós-doutorado: Fondation Nationale de Sciences Politiques, Paris
professor anfitrião: René Mouriaux
atividade: pesquisa sobre neoliberalismo e sindicalismo no Brasil/
início e término: dezembro de 1996 - dezembro de 1997

Atividade de docência e pesquisa no exterior: Pesquisador Convidado (*Correspondant Scientifique*) da Fondation Nationale de Sciences Politiques, Paris - dezembro de 1996 a dezembro de 1997

Livre-Docência: Universidade Estadual de Campinas, Unicamp
título da tese: *Política Neoliberal e Sindicalismo no Brasil*
grau obtido: Professor Livre-Docente
Banca Examinadora: Caio Navarro de Toledo, Paulo Singer, Sebastião Velasco e Cruz, Sedi Hirano e Wolfgang Leo Maar
data do concurso e da defesa: 31 de novembro e 1^o de dezembro de 1998.

IV. TRABALHOS CIENTÍFICOS

1. Livros e teses

- *Política neoliberal e sindicalismo no Brasil*, Editora Xamã, São Paulo, 1999.
- *Política neoliberal e sindicalismo no Brasil*, tese de Livre-Docência, Unicamp, 1998.
- *O sindicalismo de estado no Brasil - uma análise crítica da estrutura sindical*, Editoras Hucitec e Unicamp, São Paulo, 1991.
- *O sindicalismo de estado no Brasil*, Tese de Doutorado, USP, São Paulo, mimeo, 1988.
- *O golpe de 1954: a burguesia contra o populismo*, Editora Brasiliense, São Paulo, 1982. Segunda edição publicada em 1984 pela mesma editora.
- *O populismo em crise: 1953-1955*, Tese de Mestrado, Unicamp, Campinas, mimeo., 1976.

2. Artigos científicos em revistas, obras coletivas e publicações avulsas e seriadas.

- “*Burguesia e neoliberalismo no Brasil*”. Revista PUCVIVA, ano 5, janeiro-março, 2003 pp. 52-56.
- “*Neoliberalismo e relações de classe no Brasil*”. in Neoliberalismo e Lutas Sociais no Brasil, número especial da revista Idéias, ano 9, nº 1, 2002, IFCH, UNICAMP, p. 13-48.
- “*Neoliberalismo e corporativismo de estado no Brasil*”. In Ângela Araújo (org.), Do Corporativismo ao Neoliberalismo–Estado e Trabalhadores no Brasil e na Inglaterra, Boitempo Editorial, 2002, São Paulo, Brasil, p. 58-89
- “*Lutas sociais no Brasil em 2001*”, escrito conjuntamente com Andréia Galvão, Claudinei Coletti e Patrícia Trópia, Revista Espaço Acadêmico, ano II, nº 9, fevereiro de 2002, www.espacoacademico.com.br
- “*Lutas sociais no Brasil em 2001*”, escrito conjuntamente com Andréia Galvão, Claudinei Coletti e Patrícia Trópia, Revista del Observatório Social de América Latina nº 6, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), Buenos Aires, Argentina, janeiro de 2002, p. 61-65
- “*Cena política e interesses de classe na sociedade capitalista*”, Revista Crítica Marxista nº 15, Boitempo Editorial, 2002, São Paulo, Brasil, p. 127-139
- “*O que está por trás da disputa presidencial?*”, Revista Debate Sindical, ano 16, nº 43, Centro de Estudos Sindicais, 2002, São Paulo, Brasil, p. 49-53
- “*Neoliberalismo, sistema educacional e os trabalhadores em educação*”, Revista Espaço Acadêmico, ano II, nº 14, julho de 2002, www.espacoacademico.com.br
- “*Comuna de Paris: um mito socialista?*”, revista Debate Sindical, ano 15, nº 41, dezembro de 2001 e janeiro-fevereiro de 2002, pp. 49-53.
- “*Comuna republicana ou Comuna operária. A tese de Marx posta à prova*” in Armando Boito Jr., organizador, A Comuna de Paris na História, 2001, São Paulo, Editora Xamã, pp. 47-66.

- "*Pré-capitalismo, Capitalismo e resistência dos trabalhadores*", revista Crítica Marxista, São Paulo, Editora Boitempo, n. 12, primeiro semestre de 2001, pp. 77-104
- "*O sindicalismo tem futuro?*", Revista PUCVIVA, ano 3, nº 11, janeiro-março de 2001, pp. 12-17.
- "*Classe social: teoria, história e política*", revista Debate Sindical, nº 38, junho/julho/agosto de 2001, pp. 48-51.
- "*Historiadores franceses debatem a Comuna de Paris*", revista Crítica Marxista, São Paulo, Editora Boitempo, n. 13, segundo semestre de 2001, pp. 119-121.
- "*Neoliberalismo e classes populares*". Revista Brasil Revolucionário, Ano XI, nº 28, out./dez. de 2000. pp. 43-49.
- "*Neoliberalismo e burguesia no Brasil*". Revista Brasil Revolucionário, ano XI, nº 27, julho / setembro de 2000. pp. 23-28.
- "*Refluxo e mutações do movimento sindical*". Debate Sindical, ano 14, nº 35, set./out./nov. de 2000. pp. 49-53.
- "*O sindicalismo está morrendo?*". Debate Sindical, ano 14, nº 34, jun./jul./ag. de 2000. pp. 50-53.
- "*Quem tem medo da liberdade sindical?*" in Altamiro Borges (org.) Administração Sindical em Tempos de Crise, Edição do Centro de Estudos Sindicais, São Paulo, 1999, pp. 75-88.
- "*Conhecer e combater o neoliberalismo*", revista Debate Sindical, ano 13, nº 31, set/out/nov. de 1999, pp. 47-51.
- "*A Presença do sindicalismo na história política do Brasil*", revista PUCVIVA, ano II, nº 7, dezembro de 1999, São Paulo, pp. 15-21.
- "*Cidadania: 'mito ou realidade' ou 'mito e realidade'*", revista Fragmentos de Cultura, vol. 8, nº 5, set/out, 1998, p. 1101-1114.
- "*Os tipos de estado e os problemas da análise poulantziana do estado absolutista*", Revista Crítica Marxista, nº 7, São Paulo, Editora Xamã, 1998, p. 67-88.
- "*A constituição do proletariado em classe, a propósito do manifesto comunista de Marx e Engels*", Revista Crítica Marxista, nº 6, São Paulo, Editora Xamã, 1998, p. 115-125.
- "*Neoliberal hegemony and unionism in Brazil*", revista Latin American Perspectives, vol. 25, nº 1, janeiro de 1998, p. 71-93.
- "*Politique néo-liberale et syndicalisme au Brésil*", revista Lusotopie, Paris, edição de 1997, p. 55-69.
- "*A questão do refluxo do movimento operário*", revista Debate Sindical, Centro de Estudos Sindicais, São Paulo, nº 23, out./dez. de 1996, p. 20-24.
- "*Hegemonia neoliberal e sindicalismo no Brasil*", revista Crítica Marxista, Editora Brasiliense, São Paulo, nº 3, agosto de 1996, p. 80-104.
- "*Etat et syndicalisme au Brésil*", Cahier du Celas, Centre d'Etudes Latino-Americaines de l'Institut de Sociologie, Université Libre de Bruxelles, Bruxelles, Belgique, nº 5, pp. 7-39, 1995.
- "*O economicismo oculta a revolução*", revista Crítica Marxista, Editora Brasiliense, São Paulo, nº 2, julho de 1995, p. 153-159.

- "*Classe média e sindicalismo: uma nota teórica*", in Luciano A. Prates Junqueira (org.): Brasil e a NOva Ordem Internacional, Anais do IX Congresso Nacional dos Sociólogos, Edição do Sindicato dos Sociólogos do Estado de São Paulo, São Paulo, 1994, p. 207-213.
- "*De volta para o novo corporativismo: a trajetória política do sindicalismo brasileiro*", revista São Paulo em Perspectiva, Fundação Seade, São Paulo, volume 8, nº 3, julho-setembro de 1994, p. 23-28.
- "*The state and trade unionism in Brazil*" (versão corrigida de artigo citado acima e pré-publicado pelo IFCH), Latin American Perspectives, Sage Publications, Thousand Oaks, Califórnia, Estados Unidos, Issue 80, volume 21, number 1, winter 1994, p. 7-23.
- "*Crise política e revolução: o 1789 de Georges Lefebvre*", Revista de Sociologia e Política, Grupo de Estudos Estado e Sociedade, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná, nº 1, 1993, p. 65-84.
- "*Estado e sindicalismo no Brasil*", Primeira Versão, nº 47, publicação interna do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 1992.
- "*Sindicalismo e estado no Brasil*", Teoria e Pesquisa, nº 1, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, junho de 1992.
- "*Crise política e revolução: o 1789 de Georges Lefebvre*", Primeira Versão, nº 44, publicação interna do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 1992.
- "*Reforma e persistência da estrutura sindical*" in Armando Boito Jr.(org.): O Sindicalismo Brasileiro nos Anos 80, Editora Paz e Terra, São Paulo, 1991, p. 43-91.
- "*O populismo no Brasil: natureza, formas de manifestação e raízes sociais*" in Anais da 1a. Semana do Instituto de Ciências Humanas e de Letras, Seminário: Populismo e Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1988, p. 13-28.
- "*Nacionalismo de Vargas: uma simples retórica?*", D.O. Leitura, nº 27, Publicação Cultural da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, agosto de 1984.
- "*Crise e tática da classe operária*", mesa redonda promovida pela revista Teoria e Política, nº 5/6, Editora Brasil Debates, São Paulo, 1984, p. 7-34.
- "*A ideologia do populismo sindical*", revista Teoria e Política, nº 2, Editora Brasil Debates, São Paulo, 1981, p. 29-54.
- "*The hoe and the vote: rural labourers and the national elections in Brazil in 1974*" in The Journal of Peasant Studies, vol. 4, nº 3, abril de 1977, Frank Cafs., Londres, p. 147-170.
- "*A eleição dos eleitos*", Revista de Cultura Vozes, nº 8, outubro de 1976, Editora Vozes, Rio de Janeiro, p. 29-34.
- "*1974: enxada e voto*" (escrito conjuntamente com Verena Martinez-Alier) in Cardoso, F.H. e Lamounier, B. (organizadores): Os Partidos e as Eleições no Brasil, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1975. Segunda edição publicada em 1978 pela mesma editora, p. 243-262.

3. Artigos ensaísticos, de divulgação e de intervenção política em jornais e revistas

- "*Em defesa do direito do trabalho*". Jornal da Adunicamp, ano XVIII, agosto de 2002.

- "A comuna dos trabalhadores", Jornal da Unicamp, edição de agosto de 2001, pp. 18-19. (Projeto de pesquisa: Classes sociais e movimento operário.).
- "Adeus ao Proletariado?", revista Debate Sindical, São Paulo, ano 11, nº 26, outubro/dezembro de 1997.
- "Ofensiva neoliberal e sindicalismo no Brasil", Revista do Sintaf, Fortaleza, Sindicato dos Servidores Públicos Cíveis do Grupo Tributação, Arrecadação e Fiscalização do Ceará, ano II, nº 3, setembro/outubro de 1996, pp. 14-15.
- "Contra o ensino privado - carta aberta ao reitor da Universidade Metodista de Piracicaba, Unimep", Jornal da AdUnicamp, Campinas, Associação de Docentes da Unicamp, maio de 1996, pp. 14-16.
- "Sindicalismo, reforma e revolução", semanário Ponto de Vista, Goiânia, Goiás, 11 a 17 de fevereiro de 1996, p. 8.
- "Declínio histórico ou refluxo temporário da revolução?", republicação de artigo citado acima, semanário Ponto de Vista, Goiânia, 17 a 23 de dezembro de 1995, p.8.
- "Faculdades Particulares Querem Privatizar a FAPESP", Jornal AdUnicamp, Campinas, Associação de Docentes da Unicamp, nº 14, outubro de 1995.
- "A ilusão corporativa", Suplemento Cultural do Jornal Opção, Goiânia, 14 a 20 de maio de 1995.
- "Declínio histórico ou refluxo temporário da revolução?", republicação do artigo acima, Quinzena, Centro de Pesquisa Vergueiro, São Paulo, 15 de junho de 1995.
- "Declínio histórico ou refluxo temporário da revolução?", jornal estudantil O Leopoldo, ano II, nº 7, maio de 1995.
- "Pelo pluralismo sindical", republicação do artigo acima, Quinzena, Centro de Pesquisa Vergueiro, São Paulo, 15 de abril de 1995.
- "Pelo pluralismo sindical", revista Debate Sindical, São Paulo, nº 18, abril/maio/junho de 1995.
- "1954: Uma Crise do Populismo", Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1994.
- "A Unicamp à Noite: democracia e qualidade II", jornal Folha de São Paulo, suplemento Folha Sudeste, Campinas, 10 de maio de 1992.
- "A Unicamp à noite: democracia e qualidade I", jornal Folha de São Paulo, suplemento Folha Sudeste, Campinas, 9 de maio de 1992.
- _____, republicado em A Classe Operária, órgão Central do Partido Comunista do Brasil, nº 69, 27 de outubro de 1991.
- "Uma ciência revolucionária", jornal Folha de São Paulo, suplemento Folha Sudeste, Campinas, 2 de outubro de 1991.
- "Curso noturno", jornal O Estado de São Paulo, suplemento Cola, São Paulo, 20 de dezembro de 1990.
- "Sindicato: discutir primeiro, votar depois", Boletim AdUnicamp, Unicamp, Campinas, 9 de dezembro de 1988.
- "Ditadura eleitoral", Jornal da Paridade, Unicamp, Campinas, 17 de março de 1986.
- "Reitoria: eleição direta e voto igual", Jornal da AdUnicamp, Campinas, agosto de 1985.
- "Sindicato livre é isto aqui", Folha Bancária Livre, São Paulo, 23 de janeiro de 1984.

- "*Cassação de sindicalistas: cortar o mal pela raiz*", Folha Bancária Livre, São Paulo, 6 de dezembro de 1983.
- "*Capitalismo de estado não é socialismo*", semanário Movimento, nº 332, São Paulo, 9 de novembro de 1981.
- "*Posseiros urbanos: apoiar as ocupações coletivas e uni-las à luta democrática*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 12 de outubro de 1981.
- "*Posse de Aureliano: presidente civil, estado militar*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 5 de outubro de 1981.
- "*Os pelegos em busca do acordo impossível*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 28 de setembro de 1981.
- "*Dia nacional de luta: preparação à batalha do exército trabalhador*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 28 de setembro de 1981.
- "*Discurso dos generais: aos amigos, tudo; aos inimigos, a lei*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 21 de setembro de 1981.
- "*Pela correção do programa do jornal*", semanário Movimento, São Paulo, 7 de setembro de 1981.
- "*Quebra-quebra de Salvador: a revolta contra a opressão e a miséria é um direito popular*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 31 de agosto de 1981.
- "*Os sindicatos e o regime militar*", assinado com o pseudônimo de M.A.Oliveira, semanário Movimento, nº 321, São Paulo, 24 de agosto de 1981.
- "*Unidade sindical ou não?*", assinado com o pseudônimo de M. A.Oliveira, semanário Movimento, nº 320, São Paulo, 17 de agosto de 1981.
- "*Por um Pacto de Luta e não de Conciliação*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 17 de agosto de 1981.
- "*O primarismo do mito Golbery*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 17 de agosto de 1981.
- "*Queda de Golbery abre espaço a conquistas da oposição*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 10 de agosto de 1981.
- "*Abertura social: um novo fracasso da ditadura militar*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 10 de agosto de 1981.
- "*Uma farsa que não resolve o drama da cultura nacional*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 3 de agosto de 1981.
- "*A importância das eleições*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 27 de julho de 1981.
- "*Por um programa de união contra o regime*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 20 de julho de 1981.
- "*União soviética já está intervindo na Polônia*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 20 de julho de 1981.
- "*Violência e crime: a difícil luta pelo cultivo da terra*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 13 de julho de 1981.
- "*O pelego Joaquim continua o mesmo*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 6 de julho de 1981.

- "*IPM do rio centro: e o jacaré não comeu a própria cauda*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 6 de julho de 1981.
- "*O falso dilema: defender as eleições ou punir o terror*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 29 de junho de 1981.
- "*Trabalhadores já pagam a crise*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 15 de junho de 1981.
- "*É dos militares liberais que Figueiredo tem medo*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 8 de junho de 1981.
- "*Os entreguistas e suas propostas velhas e injustas*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 1 de junho de 1981.
- "*Contra o terrorismo, a impunidade e o acobertamento*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 25 de maio de 1981.
- "*Os prejuízos não nos deterão: a verdade prevalecerá*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 18 de maio de 1981.
- "*Contra o terror e contra quem o acoberta*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 11 de maio de 1981.
- "*A lição de Brasília: opor a constituinte ao diálogo com o regime*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 4 de maio de 1981.
- "*A lição dos operários da Volks*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 27 de abril de 1981.
- "*O primeiro fruto do diálogo de Abi-Ackel*", semanário Movimento, editorial não assinado, São Paulo, 20 de abril de 1981.
- "*A longa conspiração, como foi ganha a guerra contra os militares nacionalistas*", semanário Movimento, artigo não assinado, São Paulo, 6 de abril de 1981.
- "*Os sindicatos devem recorrer à polícia?*", semanário Movimento, nº 296, São Paulo, 2 de março de 1981.
- "*ENTOES ou unidade sindical?*", semanário Movimento, São Paulo, 29 de dezembro de 1980.
- "*Os funcionários públicos e a estrutura sindical*", semanário Movimento, nº 286, São Paulo, 22 de dezembro de 1980.
- "*A aliança nacional libertadora: um movimento antiimperialista dirigido pela pequena burguesia*", semanário Movimento, nº 282, São Paulo, 24 de novembro de 1980.
- "*Autonomia sindical: resposta a David Capistrano Filho segunda parte*", (escrito conjuntamente com Décio Saes), semanário Movimento, nº 271, São Paulo, 8 de setembro de 1980.
- "*Autonomia sindical: resposta a David Capistrano Filho*", (escrito conjuntamente com Décio Saes), semanário Movimento, nº 269, São Paulo, 25 de agosto de 1980.
- "*O peleguismo e o sindicato unitário*" (escrito conjuntamente com Décio Saes), semanário Movimento, nº 262, São Paulo, 7 de julho de 1980.
- "*Gal. Serpa: o nacionalismo pró-imperialista*", semanário Movimento, nº 257, São Paulo, 02 de junho de 1980.
- "*Dando voz aos intelectuais*", semanário Movimento, artigo não assinado, São Paulo, 7 de abril de 1980.

- "Como formar o partido de massas?" semanário Movimento, nº 245, São Paulo, 10 de março de 1980.
- "A metamorfose do torturador. Um debate sobre a peça 'Fábrica de Chocolate'", semanário Movimento, nº 236, São Paulo, 7 de janeiro de 1980.
- "Arraes: um antipopulista? Réplica a Francisco de Oliveira", semanário Movimento, nº 225, São Paulo, 22 de outubro de 1979.
- "O Populismo em Crise", Revista Isto É, nº 139, São Paulo, agosto de 1979.
- "Três teses equivocadas a respeito de quem controla o estado brasileiro" (escrito conjuntamente com Décio Saes), semanário Movimento, nº 198, São Paulo, 16 de abril de 1979.
- "Novo sindicalismo: para que?" (escrito conjuntamente com Décio Saes), Diário do Povo, Campinas, 26 de novembro de 1978.

4. Resenhas bibliográficas

- "Jacob Gorender, *Marxismo Sem Utopia*". Crítica Marxista, São Paulo, Boitempo Editorial, nº 10, 2000. pp. 173-177.
- "História do Marxismo no Brasil/volume 3", revista Crítica Marxista, nº 8, Editora Xamã, São Paulo, 1999, pp. 145-151
- "Wilma Mangabeira: os dilemas do novo sindicalismo: democracia e política em volta redonda", Revista Brasileira de Ciências Sociais, Edição da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), ano 9, nº 25, julho de 1994.
- "Alex Callinicos: a vingança da história - o marxismo e as revoluções do leste europeu", revista Crítica Marxista, Editora Brasiliense, São Paulo, vol. I, nº 1, 1993.
- "Conversa à beira do abismo", resenha de Jacob Gorender: Marcino e Liberatore - Diálogos sobre Marxismo, Social-democracia e Liberalismo, Editora Ática, São Paulo, 1992, 166 pp., revista Teoria e Debate, nº 21, São Paulo, maio/junho/julho de 1993.
- "A periferia sob o olhar dos liberais", resenha de A. Hertoghe e A. Labrousse: Sendero Luminoso, Peru, Uma Reportagem, Editora Brasiliense, São Paulo, 1990, revista Leia, nº 151, São Paulo, maio de 1991.
- "Teoria pelas portas dos fundos", resenha de Castoriadis, C.: A Experiência do Movimento Operário, Brasiliense, São Paulo, 1985, 258 pp., revista Leia, nº 82, São Paulo, agosto de 1985.
- "Redefinindo o marxismo", resenha de Castoriadis, C.: Socialismo ou Barbárie, Brasiliense, São Paulo, 1984, 306 pp., jornal Novo Leia, nº 70, São Paulo, 15 de julho de 1984.
- "O garrote dos partidos", resenha de Citadini, A.R.: Lei Orgânica dos Partidos Políticos, Max Limonad, São Paulo, 1983, 288 pp., jornal Leia Livros, nº 66, São Paulo, 15 de março de 1984.
- "Concepções erradas", resenha de D'Araújo, M.C.S.: O Segundo Governo Vargas: Democracia, Partidos e Crises Políticas, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1982, 192 pp., jornal Leia Livros, nº 54, São Paulo, 15 de fevereiro de 1983.

- "*Duas visões sobre a greve dos 41 dias*", resenha dos livros ABC de 1980, de Hércules Correa, Civilização Brasileira, 1980, 122 pp. e O ABC da Classe Operária, de Octávio Ianni, Hucitec, 1980, 102 pp., semanário Movimento, nº 290, São Paulo, 19 de janeiro de 1981.

5. Brochuras e material didático

- Vídeo das nove mesas redondas e das três mesas de comunicações do *II Colóquio Marx e Engels: Marxismo e Ciências Humanas*, Edição: Centro de Comunicação da Unicamp, 2001.
- Vídeo das três mesas redondas e das duas conferências do *Seminário Internacional 130 Anos da Comuna de Paris*, Edição: Centro de Comunicação da Unicamp, 2001.
- Vídeo do *I Colóquio Marx e Engels*, Edição: Centro de Comunicação, Unicamp, fita n. 1: Mesa Redonda Obra de Juventude e Obra de Maturidade: Continuidade ou Ruptura, fita 2: Mesa Redonda As Obras de Marx e de Engels: Unidade ou Heterogeneidade Teórica, fita 3: Mesa Redonda Lukács e Althusser Diante de Marx, fita 4: Mesa Redonda Gramsci e Thompson Diante de Marx, fita 5: A Crítica da Economia Política: Teoria e Atualidade, obs. Há exemplares das fitas na Videoteca da Biblioteca do IFCH, Unicamp, 2000.
- *Contrato coletivo e organização sindical*, em colaboração, caderno editado pelo Gabinete do Deputado Federal Aldo Rebelo, Brasília, 1993.
- *O novo e o velho no sindicalismo brasileiro: um roteiro de leitura*, apostila, Centro de Formação dos Trabalhadores da Saúde, Secretaria Municipal de Saúde, São Paulo, 1991.
- *O fetiche da unidade sindical*, Autonomia Sindical, Dossiê, Edições Centro Pastoral Vergueiro, São Paulo, 1985.
- *Sem sindicatos livres, não Há Movimento Sindical Independente e de Massa*, Cadernos do Grupo de Trabalho Político da Região Sul, São Paulo, março de 1983.
- *Construir o sindicato livre*, caderno editado pelo Comitê de Luta Pela Construção do Sindicato Livre, trabalho não assinado, São Paulo, 1983.
- *O apogeu da república velha (1894-1922)*, apostila editada pelo curso Etapa Vestibulares, São Paulo, 1979.
- *O governo constitucional de Deodoro*, apostila editada pelo curso Etapa Vestibulares, São Paulo, 1979.
- *O Brasil republicano*, apostila editada pelo curso Etapa Vestibulares, São Paulo, 1979.
- *Do império à república*, apostila editada pelo curso Etapa Vestibulares, São Paulo, 1979.

6. Apresentação e Prefácio de livros

- Apresentação de Neoliberalismo e lutas sociais no Brasil, número especial da revista Idéias, ano 9, nº 1, 2002, IFCH, Unicamp, p. 7-11.
- Prefácio de A burocracia e os desafios da transição socialista de Luciano Cavini Martorano. Editoras Anita Garibaldi e Xamã, São Paulo, Brasil, 2002, pp. 15-19.

- “Outubro de 1930 segundo o movimento operário”, apresentação do livro Comunistas e trotskistas – a crítica operária à Revolução de 1930, de Ângelo José da Silva. Moinho do Verbo Editora, Curitiba, 2002, pp. V-VIII.
- Prefácio de A obra teórica de Marx – atualidade, problemas e interpretações, de Armando Boito Jr., Caio Navarro de Toledo, Jesus Ranieri e Patrícia Vieira Trópia (orgs). 2ª edição, ISBN85-85833-67-X. Editora Xamã, São Paulo, 2002, p. 7-9.
- Apresentação do livro A Comuna de Paris na História, São Paulo, Editora Xamã, 2001, 231 pgs, p. 7-11.
- Apresentação do livro A Estrutura Sindical no Campo, de Claudinei Coletti, Editora da Unicamp, Campinas, 1998, p. 11-22.
- Apresentação do livro 60 Anos, 1934-1994, Sindicato dos Bancários do Espírito Santo, vários autores, Edição do Sindicato dos Bancários do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, 1995, p. 19-21.
- Apresentação do livro de José Prata Araújo, A Construção do Sindicalismo Livre no Brasil, Editora Lê, Belo Horizonte, 1993, p. 9-10.
- Apresentação do livro Parlamentarismo e Presidencialismo, Editora Paz e Terra, São Paulo, 1993, p. 9-13.
- Apresentação do livro O Sindicalismo Brasileiro nos Anos 80, Editora Paz e Terra, São Paulo, 1991, p. 9-10.

7. Organização de Obras Coletivas

- Neoliberalismo e lutas sociais no Brasil, organizador, número especial da revista Idéias, ano 9, nº 1, 2002, IFCH, Unicamp, p. 7-11.
- Crítica Marxista, nº 15, segundo semestre de 2002, organizadores: Armando Boito Júnior e Caio Navarro de Toledo, Editora Boitempo, São Paulo, 190p.
- Crítica Marxista, nº 14, primeiro semestre de 2002, organizadores: Armando Boito Júnior. e Caio Navarro de Toledo, Editora Boitempo, São Paulo, 174p
- A Comuna de Paris na história, organizador, São Paulo, Editora Xamã, 2001, 231 pgs.
- Crítica Marxista, nº 13, segundo semestre de 2001, organizadores: Armando Boito Jr. e Caio Navarro de Toledo, São Paulo, Editora Boitempo, 183 páginas.
- Crítica Marxista, nº 12, primeiro semestre de 2001, organizadores: Armando Boito Jr. e Caio Navarro de Toledo, São Paulo, Editora Boitempo, 175 páginas.
- A obra teórica de Marx – atualidade, problemas e interpretações. Organizadores: Armando Boito Jr., Caio Navarro de Toledo, Jesus Ranieri e Patrícia Vieira Trópia, São Paulo e Campinas, Xamã Editora e Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. 2000. 294 páginas.
- Crítica Marxista, nº 11, organizadores: Armando Boito Jr. e Caio Navarro de Toledo São Paulo, Boitempo Editorial. 2000. 150 páginas.
- Crítica Marxista, nº 10, organizadores: Armando Boito Jr. e Caio Navarro de Toledo São Paulo, Boitempo Editorial. 2000. 188 páginas.
- Crítica Marxista, nº 9, organizador, dezembro de 1999, Editora Xamã, São Paulo 151 páginas.
- Crítica Marxista, nº 8, 1999, organizador, Editora Xamã, São Paulo, 183 páginas.

- Crítica Marxista, nº 8, organizador, novembro de 1998, Editora Xamã, São Paulo, 165 páginas.
- Crítica Marxista, nº 7, organizador, junho de 1998, Editora Xamã, São Paulo, 172 páginas.
- Parlamentarismo e presidencialismo: a teoria e a situação brasileira, organizador, Editora Paz e Terra, São Paulo, 1993
- O sindicalismo brasileiro nos anos 80, organizador, Editora Paz e Terra, São Paulo, 1991.

8. No prelo

- Marxismo e ciências humanas, Armando Boito Jr et alia (organizadores) Editora Xamã.
- “*A (difícil) formação da classe operária*”. In Marxismo e Ciências Humanas, São Paulo, Editora Xamã.
- “*Classe média e sindicalismo: uma nota teórica*”. In Classe média, ideologia meritocrática e Movimento Sindical, São Paulo, Editora Xamã.
- “*Cidadania: <Mito ou Realidade> ou <Mito e Realidade>?*”. IN Sívio Costa (org.) Mito e Política, Editora da Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- Poder, política e classes sociais, São Paulo, Editora Xamã.

V. CONFERÊNCIAS PROFERIDAS, TRABALHOS APRESENTADOS EM SIMPÓSIOS E PALESTRAS.

- “*A ruptura epistemológica na obra de Marx e a sociologia da educação*”, Universidade de Campinas, Faculdade de Educação, 29 de novembro de 2002.
- “*Cena política e interesses de classe na obra Dezoito Brumário de Luís Bonaparte de Karl Marx*”, Colóquio 150 Anos do Dezoito Brumário, Centro de Estudos Marxistas (Cemarx), IFCH-Unicamp, 13 de novembro de 2002.
- “*Elementos para uma teoria da política na obra Dezoito Brumário de Luís Bonaparte de Karl Marx*”, Colóquio 150 Anos do Dezoito Brumário, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 04 de novembro de 2002.
- “*O socialismo e as esquerdas contemporâneas*”, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Departamento de Ciências Sociais, 04 de novembro de 2002.
- “*Os anos JK*”, Ciclo Cinema e Política, Palácio dos Azulejos, Secretaria Municipal de Cultura de Campinas, 1º de outubro de 2002.
- “*Movimentos populares no Brasil contemporâneo*”, Semana de Ciências Sociais, Geografia e História, Fundação Santo André, 26 de setembro de 2002.
- “*O marxismo de Althusser e suas irradiações no Brasil – primeira parte*”, VI Feira Pan-Amazônica do Livro, Belém do Pará, 21 de setembro de 2002.
- “*O marxismo de Althusser e suas irradiações no Brasil – segunda parte*”, VI Feira Pan-Amazônica do Livro, Belém do Pará, 22 de setembro de 2002.
- “*A luta dos trabalhadores no contexto do capitalismo neoliberal*”, Centro de Estudos Sócio-econômicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 20 de setembro de 2002.
- “*A organização dos trabalhadores nos locais de trabalho*”, Primeira Conferência dos Funcionários da Companhia de Engenharia de Tráfego (CET) de São Paulo, 12 de setembro de 2002.
- “*Política neoliberal e movimentos sociais no Brasil*”, PUC-SP, 27 de agosto de 2002.
- “*O sindicalismo do servidor público na conjuntura nacional*”, Congresso da Confederação dos Servidores Públicos Federais, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), 22 de agosto de 2002.
- “*Universidade e trabalhadores no Brasil*”, XXII Encontro Nacional dos Estudantes de História (ENEH), Unicamp, 17 de julho de 2002.
- “*Neoliberalismo e educação*”, VI Seminário Municipal de Educação, Prefeitura Municipal de Catanduva, 17 de julho de 2002.
- “*O governo Hugo Chávez*”, Núcleo de Estudos Estratégicos, IFCH-Unicamp, 19 de junho de 2002.
- “*A esquerda hoje*”, Seminário 80 Anos de Fundação do Partido Comunista Brasileiro, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 14 de junho de 2002.
- “*Comunismo e democracia*”, Seminário Comunistas, ditaduras e democracias no Brasil, Secretaria Municipal de Cultura de Campinas, 13 de junho de 2002.
- “*Neoliberalismo e educação*”, Encontro dos Amigos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), PUC-Campinas, 11 de junho de 2002.

- “*A Comuna de Paris na história*”, Secretaria da Cultura do Município de São Paulo, 24 de maio de 2002.
- “*Necessidade e problemas da teoria da transição ao socialismo*”, Instituto Maurício Grabois, São Paulo, 23 de maio de 2002.
- “*O movimento `antiglobalização`*”, XI Semana de Ciências Sociais, PUC-SP, 08 de maio de 2002.
- “*A flexibilização da CLT*”, Centro Acadêmico de Ciências Humanas (CACH), IFCH-Unicamp, 30 de abril de 2002.
- “*Trabalhadores e trabalhadoras em educação*”, IV Congresso Nacional de Educação (Coned), Grande Auditório do Salão Anhembi, São Paulo, 24 de abril de 2002.
- “*A questão da violência nos campi universitários*”, Seminário Violência, Segurança e Democracia, IFCH-Unicamp, 04 de abril de 2002.
- “*O debate sobre a Revolução de 1930*”, Auditório do IFCH-Unicamp, 08 de abril de 2002.
- “*A Comuna de Paris na história*”, Salão Vermelho do Palácio dos Jequitibás, Prefeitura Municipal de Campinas, 03 de abril de 2002.
- “*O projeto-lei de flexibilização da CLT*”, Diretório Central de Estudantes da Unicamp, dia 20 de março de 2002.
- “*Neoliberalisme et travailleurs au Brésil*”, França, Université de Bourgogne, Campus de Dijon, 07 de dezembro de 2001.
- “*A (difícil) formação da classe operária*”, II Colóquio Marx e Engels: Marxismo e Ciências Humanas, Centro de Estudos Marxistas_(Cemarx), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 21 de novembro de 2001.
- “*Representação política e organização de interesses*”, II Encontro Nacional de Estudantes de Ciência Política (Enepol), Centro de Convenções da Unicamp, 02 de novembro de 2001.
- “*Neoliberalismo e movimento sindical no Brasil*”, VI Congresso do Sindicato dos Trabalhadores do Serviço Público Federal no Estado do Ceará (Sintsef), 26 de outubro de 2001.
- “*Trabalhadores, sindicatos e a nova questão social*”, XXV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais (Anpocs), 18 de outubro de 2001.
- “*A natureza social e política da Comuna de Paris*”, V Seminários de Atualização, Centro de Convenções da Unicamp, 29 de setembro de 2001.
- “*Hegemonia neoliberal e resistência popular no Brasil*”, Semana de Ciências Sociais, Faculdades Fundação Santo André, 28 de setembro de 2001.
- “*Política e movimento estudantil*”, Centro Acadêmico de Ciências Humanas (CACH), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 26 de setembro de 2001.
- “*A Comuna de Paris na história das revoluções*”, Universidade do Estado de Minas Gerais, Passos, 17 de agosto de 2001.
- “*As prefeituras de esquerda e o sindicalismo dos funcionários públicos municipais*”, Seminário nacional da Corrente Sindical Classista (CSC) da CUT, Sindicato dos Químicos de Santo André, 22 de junho de 2001.

- “*A Comuna dos trabalhadores*”, Secretaria Municipal de Cultura, Museu da Cidade de Campinas, 13 de junho de 2001.
- “*O neoliberalismo frente ao modelo universitário herdado do Estado desenvolvimentista*”, Instituto de Física Teórica da Unesp, cidade de São Paulo, 01 de junho de 2001.
- “*A natureza social e política da Comuna de Paris de 1871*”, Seminário Internacional 130 Anos da Comuna de Paris, Centro de Estudos Marxistas (Cemarx), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 22 de maio de 2001.
- “*Estratégia de alianças e independência de classe no Brasil atual*”, Seminário Socialismo e Revolução, Sede Nacional do Partido dos Trabalhadores (PT), cidade de São Paulo, 16 de maio de 2001.
- “*O marxismo renovado*”, Lançamento do livro A Obra Teórica de Marx, Anfiteatro da Faculdade de História da USP, 26 de abril de 2001.
- “*A experiência socialista no século XX*”, Seminário Movimento de Luta Socialista, Sala Caio Prado, Faculdade de História da USP, 24 de março de 2001.
- “*A classe operária e o socialismo hoje*”, Encontro da Corrente Sindical Classista (CSC) da CUT, Instituto Cajamar, 11 de fevereiro de 2001.
- “*Trabalho, consumo e sociedade*”, Curso Temas Transversais em Educação, Fundação Educacional Guaxupé, 02 de dezembro de 2000.
- “*A questão da atualidade do marxismo*”, Mesa Redonda a Atualidade do Marxismo, IFCH, Unicamp, 12 de dezembro de 2000.
- “*Pós-Graduação e política neoliberal*”, Mesa Redonda o Pós-graduando na Atual Conjuntura Político-Institucional das Universidades Brasileiras, VI Seminário de Teses em Andamento, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 21 de novembro de 2000.
- “*Sobre a crise do sindicalismo*”, Mesa Redonda Destino do Sindicalismo, XXIV Encontro Anual da ANPOCS, Petrópolis, RJ, 24 de outubro de 2000.
- “*Privatização e neoliberalismo*”, Seminários de Atualização para Professores da Rede Pública de Ensino, Pró-Reitoria de Extensão, Unicamp, 07 de outubro de 2000.
- “*Dificuldades e trunfos de uma campanha salarial na conjuntura atual*”, Reunião Geral da Campanha Salarial Unificada dos Sindicatos Cutistas, Sindicato dos Químicos de Valinhos, 05 de outubro de 2000.
- “*Trabalho e formação da classe operária no capitalismo atual*”, Seminário Horizontes do Trabalho, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), 18 de setembro de 2000.
- “*O impacto popular do neoliberalismo no Brasil*”, XV Encontro Regional de História, ANPUH/SP, Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP), 07 de setembro de 2000.
- “*O conceito de populismo*”, Mesa Redonda O Conceito de Populismo em Debate, XV Encontro Regional de História, ANPUH/SP, Departamento de História, Universidade de São Paulo (USP), 06 de setembro de 2000.
- “*Sindicalismo e Cooperativismo*”, Escola Sindical 7 de Outubro, Belo Horizonte, 07 de agosto de 2000.

- “*Notas teóricas para a análise do refluxo do movimento operário*”, Seminário Internacional Oficina de Pesquisa Comparativa Sobre Trabalho e Teoria Social, IFCH, Unicamp, 30 de agosto de 2000.
- “*Produção de conhecimento e desigualdade social*”, Universidade Federal de São Carlos, 28 de julho de 2000.
- “*Qual defesa da Universidade Pública?*”, Aula Pública, Promoção do DCE da Unicamp, Ciclo Básico II, 18 de julho de 2000.
- “*Universidade e neoliberalismo*”, Mesa Redonda Educação e Neoliberalismo, Programação do movimento grevista dos Professores da Unicamp, Auditório da Adunicamp, 12 de maio de 2000.
- “*O neoliberalismo no Brasil*”, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 22 de maio de 2000.
- “*O sindicalismo hoje*”, Universidade Federal de Uberlândia, 08 de maio de 2000.
- “*Estado neoliberal no Brasil*”, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus de Bauru, 04 de maio de 2000.
- “*Neoliberalismo no Brasil*”, IV Congresso da Federação dos Professores do Estado de São Paulo, 27 de abril de 2000.
- “*Hegemonia neoliberal e resistência popular*”, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza/CE, 17 de dezembro de 1999.
- “*A privatização, automação e desregulamentação dos portos no contexto da política neoliberal no Brasil*”, VIII Congresso Nacional dos Estivadores, Itajaí, Santa Catarina, 20 de novembro de 1999.
- “*Política neoliberal e sindicalismo*”, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Departamento de História, 10 de novembro de 1999.
- “*Política neoliberal e sindicalismo*”, Universidade de São Paulo, Departamento de Sociologia, Ciclo de Debates Sobre Sindicalismo, 04 de novembro de 1999.
- “*Ascensão e declínio do ciclo revolucionário do século XX – 1911-1979*”, V Encontro de Revistas Marxistas Latinoamericanas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 04 de novembro de 1999.
- “*Política neoliberal e sindicalismo no Brasil*”, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ciências Sociais, Universidade Federal do Espírito Santo, 28 de outubro de 1999.
- “*A privatização, automação e desregulamentação dos portos no contexto da política neoliberal no Brasil*”, Sindicato dos Estivadores de Vitória, Espírito Santo, 28 de outubro de 1999.
- “*500 anos de Brasil: ocupação, dominação e resistência popular*”, IV Semana Interdisciplinar de Debates sobre Concepções de Estado, Universidade Católica de Goiás, 25 de outubro de 1999.
- “*O neoliberalismo no Brasil*”, Encontro da Corrente Sindical Classista – Região de Campinas, Sede do Sindicato dos Bancários de Campinas, SP, 23 de outubro de 1999.
- “*O neoliberalismo e as centrais sindicais*”, Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 21 de outubro de 1999.

- “*A revolução chinesa e a esquerda ocidental*”, Cinqüentenário da Revolução Chinesa, Centro de Estudos Marxistas (Cemarx), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 05 de outubro de 1999.
- “*A revolução chinesa e a esquerda ocidental*”, Seminário China: Meio Século de Revolução e Perspectivas do Novo Milênio, Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília, 28 de setembro de 1999.
- “*A transição para o neoliberalismo no Brasil*”, IX Congresso Brasileiro de Sociologia, Sociedade Brasileira de Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, campus central de Porto Alegre, 3 de setembro de 1999.
- “*Os desafios atuais dos movimentos sociais*”, Seminário O Marxismo em Debate: Teoria e História, Universidade Federal Fluminense, 24 de junho de 1999.
- “*A política neoliberal no Brasil e os trabalhadores do setor público*”, II Congresso Estadual dos Fazendários do Ceará, Fortaleza, CE, 29 de abril de 1999.
- “*Quem tem medo da liberdade sindical?*”, Seminário: Administração Sindical em Tempos de Crise, Centro de Estudos Sindicais, São Paulo, 27 de março de 1999.
- “*Neoliberalismo e trabalhadores brasileiros na década de 1990*”, Center for Labour Studies, Department of Sociology, University of Manchester, UK, 03 de março de 1999.
- “*Recursos sindicais - uma questão estratégica*”, Seminário Administração Sindical em Tempos de Crise, Centro de Estudos Sindicais, São Paulo, 28 de novembro de 1998.
- “*A conjuntura política brasileira*”, A Conjuntura Brasileira, lançamento da revista Crítica Marxista, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 25 de novembro de 1998.
- “*A Crise e as perspectivas do movimento operário*”, O Capitalismo em Crise, lançamento da revista Crítica Marxista, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1998.
- “*Cidadania e luta de classes*”, Seminário Mito e Realidade, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 19 de outubro de 1998, período vespertino.
- “*Burguesia, trabalhadores e governos neoliberais nos anos 90*”, Seminário Sindicalismo Brasileiro: Dilemas e Propostas, Associação Mineira de Engenharia, realização do Instituto de Relações do Trabalho, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 16 de outubro de 1998.
- “*Política brasileira contemporânea*”, Programa do Convênio Universidade de Georgetown/Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 9 de junho de 1998.
- “*A luta de classes no manifesto do partido comunista*”, Câmara dos Vereadores de Diadema, SP, 24 de maio de 1998.
- “*As transformações do novo sindicalismo (1978-1998)*”, Seminário 1978-1998: O ABC da Democracia, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 8 de maio de 1998.
- “*As transformações do novo sindicalismo (1978-1998)*”, Seminário 1978-1998: O ABC da Democracia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 6 de maio de 1998.
- “*A constituição do proletariado em classe, a propósito do manifesto do partido comunista de Marx e Engels*”, Seminário Internacional 150 Anos do Manifesto do

Partido Comunista - Teoria e História, Centro de Estudos Marxistas do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (Cemarx), 28 de abril de 1998.

- "*O impacto popular do neoliberalismo*", Fórum Além do Capital: Provocativas Incidentais, Porto Alegre, 29 de março de 1998.
- "*O impacto popular do neoliberalismo*", I Congresso Internacional de Neo-socialismo, Florianópolis, 27 de março de 1998.
- "*Le syndicalisme brésilien sous le gouvernement FHC*", Sorbonne, Paris, Faculdade de Direito, 1º de abril de 1997.
- "*Politique néo-Liberale et syndicalisme au Brésil*", École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 12 de março de 1997.
- "*A crise do movimento operário*", Simpósio Desafios Atuais do Marxismo, Centro de Estudos Marxistas (Cemarx), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 21 de novembro de 1996.
- "*O neoliberalismo e os trabalhadores*", Simpósio Desafios Atuais do Marxismo, Centro de Estudos Marxistas (Cemarx), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 20 de novembro de 1996.
- "*A difusão da ideologia neoliberal entre os trabalhadores*", XV Congresso da APEOESP - Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo, Hotel Vale do Sol, Serra Negra, Estado de São Paulo, 06 de novembro de 1996.
- "*A difusão da ideologia neoliberal entre os trabalhadores*", Auditório Castelo Branco da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 31 de outubro de 1996.
- "*O neoliberalismo e os trabalhadores no Brasil*", 1º Conefaz -Congresso Estadual dos Fazendários do Ceará, Auditório da Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará, 31 de outubro de 1996.
- "*A proposta de criação de novos cursos de graduação na Unicamp e a defesa da universidade pública*", Auditório do Instituto de Física da Unicamp; promoção da Associação de Docentes da Unicamp (AdUnicamp), 21 de agosto de 1996.
- "*Ofensiva neoliberal e sindicalismo no Brasil*", Simpósio O Neoliberalismo no Brasil, 48ª Reunião Anual da SBPC, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 8 de julho de 1996.
- "*A chamada reestruturação produtiva e a situação política nacional e internacional: quais as causas do refluxo do movimento operário e sindical?*", Sindicato dos Bancários da Bahia, 16 de dezembro de 1995.
- "*Transformações recentes do movimento sindical*", Sindicato dos Bancários do Estado do Espírito Santo, 30 de novembro de 1995.
- "*Os condicionantes políticos do refluxo do movimento operário e sindical nos anos 90*", Seminário Nacional da Corrente Sindical Classista da Central Única dos Trabalhadores (CUT), São Paulo, SP, 25 de novembro de 1995.
- "*O movimento popular frente ao neoliberalismo*", Terceiro Congresso do Sindicato dos Servidores Públicos Federais do Ceará (SINTSEF), Fortaleza, 12 de outubro de 1995.
- "*O impacto da plataforma neoliberal no sindicalismo brasileiro*", Mesa Redonda A Plataforma Neoliberal e o Governo FHC, VIII Congresso Estadual dos Sociólogos, SP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 9 de outubro de 1995.

- "*O sindicalismo brasileiro e o governo FHC*", Seminário O País que Queremos, promovido pelos sindicatos dos servidores fazendários do Estado da Bahia, Salvador da Bahia, 27 de setembro de 1995.
- "*A ideologia neoliberal*", Congresso Nacional dos Previdenciários, Sindicato dos Previdenciários de São Paulo, 26 de agosto de 1995.
- "*O legado de Marx para as ciências sociais*", Seminário Acadêmico Karl Marx, Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (USP), 17 de agosto de 1995.
- "*O sindicato frente à reestruturação produtiva e a experiência das câmaras setoriais*", Departamento de Sociologia da FFLCH da Universidade de São Paulo (USP), 14 de junho de 1995.
- "*O conceito de classes sociais e a luta de classes na conjuntura do final do século XX*", Universidade Católica de Goiás, 19 de maio de 1995.
- "*As classes sociais: conceito e problemática*", Universidade Federal de Goiás, 19 de maio de 1995.
- "*Marxismo e reestruturação produtiva: declínio histórico do movimento operário?*", Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 4 de abril de 1995.
- "*O sindicalismo diante do governo Fernando Henrique Cardoso*", Curso para Dirigentes Sindicais, promovido pela Corrente Sindical Classista, da Central Única dos Trabalhadores (CUT), no Instituto Cajamar, SP, 12 de março de 1995.
- "*De volta para o novo corporativismo: a trajetória recente do sindicalismo brasileiro (1978-1994)*", XVIII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), Caxambu, Minas Gerais, 23 a 27 de novembro de 1994.
- "*O novo sindicalismo: a estratégia sindical de integração à política de Estado (1990-1994)*", Programas de Pós-Graduação em Sociologia, Política e História da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC 11 de novembro de 1994.
- "*O novo sindicalismo: a estratégia sindical de confronto (1979-1989)*", Programas de Pós-Graduação em Sociologia, Política e História da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 10 de novembro de 1994.
- "*O sindicalismo populista no Brasil*", Programas de Pós-Graduação em Sociologia, Política e História da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 9 de novembro de 1994.
- "*O populismo no Brasil*", Programas de Pós-Graduação em Sociologia, Política e História da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC 8 de novembro de 1994.
- "*Estratégias sindicais e processo político no Brasil - 1978-1994*", Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 5 de outubro de 1994.
- "*A sobrevivência do populismo no Brasil*", Primeiro Encontro de Estudos da Realidade Brasileira, promovido pelos Programas de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Araraquara, 24 de agosto de 1994.
- "*A estrutura sindical brasileira e as centrais sindicais*", Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), 18 de agosto de 1994.

- "*O sindicalismo de resistência ao regime militar*", Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP), 14 de abril de 1994.
- "*Populisme, syndicalisme et politiques sociales au Brésil*", Université de Paris 1, Panthéon-Sorbonne, conferência promovida pelo Institut d'Étude du Développement Économique et Social (IEDES), 9 de dezembro de 1993.
- "*Les mutations du syndicalisme brésilien: d'un corporatisme à l'autre?*", Panthéon-Sorbonne, Université de Paris 1, conferência promovida pelo Institut d'Étude du Développement Économique et Social (IEDES), 9 de dezembro de 1993.
- "*Syndicalisme, crise politique et démocratisation au Brésil*", Les Circonstances de la Démocratisation au Brésil, Université Libre de Bruxelles, conferência promovida pelo Centre d'Études Latino-Américaines do Institut de Sociologie da U.L.B., 2 de dezembro de 1993.
- "*As mutações do sindicalismo brasileiro (1978 - 1993)*", Maison des Sciences de l'Homme, École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, conferência promovida pelo Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain, 24 de novembro de 1993.
- "*As mutações do sindicalismo brasileiro (1978 - 1993)*", Seminário Mercosul e Metamorfoses do Mundo do Trabalho, Universidade Federal de Santa Catarina, promoção da Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina, 8 de novembro de 1993.
- "*Organização sindical brasileira: perspectivas históricas e aspectos legais*", Seminário Os Desafios da Organização dos Trabalhadores, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), promoção da Secretaria do Estado do Trabalho e Ação Social de Minas Gerais, Central Unica dos Trabalhadores e Centro de Estudos Sindicais, 3 de outubro de 1993.
- "*As novas tendências do sindicalismo brasileiro*", VII Congresso Estadual dos Sociólogos do Estado de São Paulo, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 28 de setembro de 1993.
- "*Bloco no poder e crises de hegemonia no período populista*", VII Congresso Estadual dos Sociólogos do Estado de São Paulo, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 27 de setembro de 1993.
- "*Tendências e possibilidades dos movimentos populares urbanos no Brasil atual*", IV Congresso Nacional do Partido Socialista Brasileiro, Maceió, Alagoas, 6 de setembro de 1993.
- "*A crise da universidade e a alternativa democrática*", Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 31 de agosto de 1993.
- "*Nova configuração do mundo do trabalho*", Ciclo de Conferências Relações Capital-Trabalho, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 25 de agosto de 1993.
- "*Direitos sindicais em um sistema democrático de relações de trabalho*", Central Única dos Trabalhadores (CUT), São Paulo, sede nacional, 2 de agosto de 1993.
- "*A política e o movimento sindical*", Escola Sindical 7 de Outubro, Belo Horizonte, Minas Gerais, 30 de julho de 1993.
- "*A Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a estrutura sindical brasileira*", Sindicato dos Metalúrgicos de Fortaleza, 15 de junho de 1993.

- "*O declínio do populismo e a ascensão do neocorporativismo no Brasil*", Programa de Mestrado em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 14 de junho de 1993.
- "*Os rumos da universidade no Brasil*", Mesa Redonda organizada pelo Centro Acadêmico de Ciências Humanas (CACH) no Dia de Mobilização Nacional organizado pela União Nacional dos Estudantes (UNE), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 4 de maio de 1993.
- "*Plebiscito, parlamentarismo e presidencialismo*", Instituto de Artes da Unicamp, 12 de abril de 1993.
- "*A organização sindical brasileira*", Seminário Contrato Coletivo e Organização Sindical, Câmara Municipal de São Paulo, 19 de março de 1993.
- "*O papel dos sindicatos na construção do socialismo no Brasil*", Ciclo de Debates O Socialismo e a Nova Ordem Internacional, Sindicato dos Bancários do Espírito Santo, Vitória, ES, 12 de março de 1993.
- "*O movimento sindical na sociedade brasileira na atualidade*", Ciclo de Debates O Socialismo e a Nova Ordem Internacional, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 12 de março de 1993.
- "*Ascensão do sindicalismo de classe média*", Mesa Redonda Para Aonde Vai o Mundo do Trabalho?, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 19 de novembro de 1992.
- "*Estado e sindicalismo no Brasil*", Mesa Redonda Política e Trabalho no Brasil, XVII Congresso Internacional da Latin American Studies Association (LASA), Los Angeles, Estados Unidos, 26 de setembro de 1992.
- "*A ascensão do sindicalismo de classe média*", Mesa Redonda Para Onde Vai o Mundo do Trabalho?, 9º Congresso Nacional dos Sociólogos, Universidade de São Paulo, 27 de agosto de 1992.
- "*A CUT e a estrutura sindical*", Sindicato dos Coureiros de São Paulo, 14 de agosto de 1992.
- "*Classe média e sindicalismo: uma nota teórica*", Sessão de Comunicação Coordenada Classe Média e Sindicalismo, 44ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC), São Paulo, 14 de julho de 1992.
- "*O funcionalismo público e a estrutura sindical*", Associação dos Servidores da Universidade de Campinas (ASSUC), 7 de julho de 1992.
- "*A estrutura sindical brasileira*", Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Araraquara, 11 de junho de 1992.
- "*A estrutura sindical brasileira*", Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e Farmacêuticas de Campinas, Valinhos, Paulínia e Sumaré, 3 de junho de 1992.
- "*Os comunistas brasileiros e o populismo*", Simpósio 70 Anos do Partido Comunista no Brasil, promoção do Arquivo Edgard Leuenroth, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 2 de junho de 1992.
- "*Integração universidade/empresa: a experiência da Unicamp*", Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 22 de maio de 1992.
- "*A liberdade sindical e a estrutura sindical oficial*", Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas, 7 de maio de 1992.

- "*Perspectivas atuais do sindicalismo brasileiro*", I Semana do Trabalhador, Central Única dos Trabalhadores (CUT) - Regional Grande São Paulo, 30 de abril de 1992.
- "*O sindicalismo de estado no Brasil atual*", Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, 28 de abril de 1992.
- "*O sindicalismo de estado no Brasil atual*", Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 7 de fevereiro de 1992.
- "*A luta pela liberdade sindical hoje*", 13 de Maio - Núcleo de Educação Popular, São Paulo, 18 de dezembro de 1991.
- "*O sindicalismo de estado no Brasil*", Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, CEBRAP, 2 de dezembro de 1991.
- "*A estrutura sindical e a luta dos trabalhadores*", Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 20 de novembro de 1991.
- "*A democratização do ensino público de terceiro grau*", Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 5 de novembro de 1991.
- "*Sindicalismo, revolução e estrutura sindical brasileira*", Centro de Cultura Social, Bairro do Brás, São Paulo, 26 de outubro de 1991.
- "*O sindicalismo brasileiro: da democracia populista à democracia dos monopólios*", Centro de Formação dos Trabalhadores da Saúde, Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, 21 de outubro de 1991.
- "*O que há de velho no novo sindicalismo*", Mesa Redonda sobre o Novo Sindicalismo, Sede do Diretório Municipal do Partido dos Trabalhadores de Campinas (SP), 9 de outubro de 1991.
- "*A participação dos trabalhadores na vida sindical: por que o sindicalismo brasileiro permanece um sindicalismo de minoria?*", Mesa Redonda: Trabalhadores e Sindicatos: Participação e Exclusão, VI Congresso dos Sociólogos do Estado de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 19 de setembro de 1991.
- "*Democratização das vagas da universidade pública*", Mesa Redonda Cursos Noturnos e LDB, Centro de Convenções da Unicamp, 20 de agosto de 1991.
- "*Declínio, reforma e preservação da estrutura sindical brasileira (1978-1990)*", Mesa Redonda Para Onde Vai o Sindicalismo Brasileiro?, 43ª Reunião Anual da SBPC, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1991.
- "*Classe média e sindicalismo: algumas observações teóricas*", Associação Campineira de Imprensa; promoção do Sindicato dos Professores de Campinas (SINPRO - Campinas), 6 de junho de 1991.
- "*A CUT e o socialismo*", CUT Regional Grande São Paulo 13 de maio de 1991.
- "*O movimento docente deve ser um movimento sindical?*", Faculdade de Educação da Unicamp, 23 de abril de 1991.
- "*Economicismo, corporativismo e estrutura sindical*", Federação Interestadual dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão, São Paulo, 20 de abril de 1991.
- "*Por que não há um sindicalismo socialista no Brasil?*", Diretório Municipal do Partido dos Trabalhadores de Jundiaí, 13 de dezembro de 1990.

- "*O sindicalismo de classe média*", Sindicato dos Psicólogos de São Paulo, 06 de dezembro de 1990.
- "*Persistência e declínio da estrutura sindical*", XIV Encontro da ANPOCS, Caxambu, MG, 25 de outubro de 1990.
- "*O medo da liberdade: um obstáculo à organização dos trabalhadores brasileiros*", 42a. Reunião Anual da SBPC, Mesa de Comunicações Articuladas: Trabalhadores, Cidadania e Democracia, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 16 de julho de 1990.
- "*Comissões de fábrica e sindicatos*", Seminário FASE-CPV sobre o tema COMISSÕES de Fábrica, Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Anexos de São Paulo, 7 de abril de 1990.
- "*Estrutura sindical e as dificuldades para a organização dos trabalhadores*", Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Material Plástico e nas Indústrias de Produção de Laminados Plásticos de São Paulo, 21 de fevereiro de 1990.
- "*Estrutura sindical e estado no Brasil*", 13 de maio - Núcleo de Educação Popular, São Paulo, SP, 31 de outubro de 1989.
- "*O legalismo sindical no Brasil*", XIII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), Caxambu, MG, 24 de outubro de 1989.
- "*Novas formas de gestão nas empresas, democracia e trabalhadores*", Simpósio Organização no Local de Trabalho, Poder e Democracia, promovido pela Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional (FASE) e pelo Centro Pastoral Vergueiro(CPV), São Paulo, SP, 12 de agosto de 1989.
- "*Um sindicalismo de retaguarda: as bases sociais do sindicato de estado no Brasil*", XII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), Águas de São Pedro, 27 de outubro de 1988.
- "*Sindicalismo de classe média e corporativismo no Brasil atual*", II Congresso dos Trabalhadores na Área de enfermagem do Estado de São Paulo, São Paulo, 06 de outubro de 1988.
- "*O sindicalismo no Brasil*", Depto. de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, 19 de abril de 1988.
- "*Greves no Brasil atual: um comentário crítico*", XI Encontro Anual da ANPOCS, Águas de São Pedro, 21 de outubro de 1987.
- "*O golpe de 1964 e o regime militar*", Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, agosto de 1987.
- "*A ideologia populista: raízes sociais e formas de manifestação*", Simpósio Nacionalismo e Populismo no Brasil, XXXIX Reunião Anual da SBPC, Brasília, 17 de julho de 1987.
- "*Greve e revolução*", Encontro Extraordinário do Grupo Classe Operária e Sindicalismo da ANPOCS, São Paulo, 13 a 14 de abril de 1987.
- "*Ideologias políticas no Brasil: liberalismo e populismo*", Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 05 de fevereiro de 1987.
- "*O fenômeno social do populismo através da história*", Seminário Populismo e Educação, 1ª Semana do Instituto de Ciências Humanas e de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, 29 de setembro de 1986.
- "*Vargas, a burguesia e o populismo*", Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 20 de agosto de 1986.

- "*O golpe de 1954 e suas conseqüências*", Ciclo de Conferências sobre Getúlio Vargas e a Economia Brasileira, Instituto de Economia, Departamento de Política e História Econômica da Unicamp, outubro de 1985.
- "*O sindicalismo de estado no Brasil*", Semana de História, Centro de Estudos Históricos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santos, 29 de setembro de 1983.
- "*Marxismo e historiografia Brasileira*", IIIª Semana de História, Departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, 21 de setembro de 1983.
- "*A ideologia populista e a luta sindical no Brasil atual*", Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, Instituto de Letras, História e Psicologia, 24 de maio de 1982.
- "*Sociedade civil ou frente democrática?*", Simpósio A Questão Democrática na Conjuntura Atual, XXXII Reunião Anual da SBPC, Rio de Janeiro, 9 de julho de 1980.
- "*Teoria marxista do estado*", Simpósio A Questão Democrática na Conjuntura Atual, XXXII Reunião Anual da SBPC, Rio de Janeiro, 4 de julho de 1980.
- "*Teoria marxista das classes sociais*", Centro de Intercâmbio de Pesquisas e Estudos Econômicos e Sociais (CIPES), São Paulo, 04 de maio de 1980.
- "*O regime militar e o bloco no poder*", XI Semana de Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Fundação Santo André, Santo André, SP, 3 de outubro de 1979.
- "*Movimento popular e crise do populismo*", Simpósio A Presença das Massas na História Republicana, XXXI Reunião Anual da Sociedade para o Progresso da Ciência, Fortaleza, CE, 18 de julho de 1979.
- "*Ideologia e processo de proletarização dos trabalhadores rurais - a região de Campinas, São Paulo*", Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Departamento de Antropologia, 21 de agosto de 1975.
- "*O 'Turmeiro': uma primeira abordagem*", XXVII Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Belo Horizonte, MG, 12 de julho de 1975.

VI. ENTREVISTAS E PARTICIPAÇÃO EM PROGRAMAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL

- “A pós-graduação no Brasil”, Matutandus Mutandis, jornal da Associação de Pós-Graduandos do IFCH-Unicamp, no Zero, novembro de 2002.
- “*Perspectivas do futuro governo Lula*”, Jornal Opção, Goiânia, 03 de novembro de 2002.
- “*A vitória de Lula e as perspectivas do seu futuro governo*”, uma hora, Programa Matéria Pública, TV Cultura – São Paulo, 28 de outubro de 2002.
- “*A vitória de Lula*”, cinco minutos, Rádio Educativa de Campinas, 28 de outubro de 2002.
- “*O primeiro turno das eleições de 2002*”, quinze minutos, Programa Bom Dia Campinas, Rádio Educativa de Campinas, 17 de outubro de 2002.
- “*As eleições de 2002*”, Jornal da Cidade, cinco minutos, TV Bandeirantes – Campinas, 08 de outubro de 2002.
- “*A educação sob o governo FHC*”, trinta minutos, TV Opinião, Rede TV Educativa, Catanduva, SP, 17 de julho de 2002.
- “*Perspectivas das eleições de 2002*”, entrevista ao programa Atualidades do Canal @TV de Campinas, dia 28 de junho de 2001.
- “*Uma visão marxista do processo educacional*”, Folha Dirigida, Rio de Janeiro, 21 a 27 de maio de 2002.
- “*Os trabalhadores e o 1º de maio de 2002*”, Programa Bom Dia Campinas, Rádio Educativa de Campinas, dia 1º de maio de 2002.
- “*Além da questão eleitoral – a crise na base do governo FHC*”, Jornal Opção, Goiânia, 10 de março de 2002.
- “*O marxismo precisa buscar alternativas ao neoliberalismo*”, Correio da Cidadania, Edição Campinas, Ano I, n. 3, fevereiro de 2002, p. 10-12.
- “*O desgaste do neoliberalismo*”, entrevista à Rádio Central de Senador Pompeu, Estado do Ceará, 26 de outubro de 2001.
- “*Perspectivas da eleição presidencial de 2002*”, entrevista à Rádio Vale de Limoeiro do Norte, Estado do Ceará, 26 de outubro de 2001.
- “*Os trabalhadores e o neoliberalismo*”, entrevista à Rádio Universitária de Fortaleza, Estado do Ceará, 26 de outubro de 2001.
- “*Neoliberalismo e as reformas da CLT*”, entrevista ao jornal do Sindicato dos Servidores Federais (Sint-Sef), ano 12, n. 135, outubro de 2001.
- “*A voz dos aliados*”, Semeando – boletim informativo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, Regional Metropolitana de Campinas, Ano I, no 4, p.2.
- “*A sucessão presidencial*”, entrevista ao Canal @Net Campinas, 21 de junho de 2001.
- “*O governo FHC*”, entrevista à Rádio Muda da Unicamp, 19 de junho de 2001.
- “*A situação do sindicalismo hoje*”, entrevista ao Programa Maria Lídia (Em Questão) da TV Gazeta de São Paulo, 01 de maio de 2001.
- “*As centrais sindicais e o dia 1º de maio*”, entrevista ao programa Jornal da Globo, 01 de maio de 2001.

- "*Neoliberalismo e burguesia no Brasil*", revista Quinzena, n. 295, São Paulo, 15 de dezembro de 2000.
- "*Os tentáculos do neoliberalismo*", Caderno Termático – suplemento do Jornal da Unicamp, novembro de 2000, pp. 3-4.
- "*A nova cara do sindicalismo brasileiro*", revista Teoria e Debate, ano 13, n. 45, julho/agosto/setembro de 2000. pp. 15-20.
- "*Neoliberalismo e trabalhadores*", Jornal da Associação de Docentes da Universidade Federal de Uberlândia, julho de 2000.
- "*O neoliberalismo no Brasil*", Rádio Unesp/Bauru, programa Boletim Jornalístico, 06 de maio de 2000.
- "*Defender a Universidade Pública*", Jornal Virtual do Curso de Jornalismo da Unesp de Bauru, 04 de maio de 2000.
- "*No sindicalismo do ABC, mudaram os métodos ou os parceiros?*", Revista Sem-Terra, ano 3, n. 11, abril/maio/junho de 2000. pp. 51-57.
- "*Desregulamentação do trabalho*", entrevista ao jornal Informação, do Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp, 25 de novembro de 1999, p. 4.
- "*O PSDB e a social democracia européia*", entrevista à Radio Eldorado AM, São Paulo, programa Notícias Eldorado/BBC, 10 de novembro de 1999, 30 minutos.
- "*A política neoliberal no Brasil*", entrevista à Rádio Universitária FM, programa Ponto de Vista, da Universidade Federal do Espírito Santo, 28 de outubro de 1999, 30 minutos.
- "*Tréplica a Ricardo Antunes*", revista Debate Sindical, ano 13, no 30, jun/jul/agosto de 1999, p. 57.
- "*As reformas trabalhistas de FHC*", entrevista ao jornal Correio da Cidadania, São Paulo, maio de 1998.
- "*Ensino público e ensino privado*", entrevista ao Programa Engenheiro 2011, Realização da Escola Politécnica da USP, Canal 20-NET, São Paulo, 29 de novembro de 1996.
- "*O governo FHC e o neoliberalismo*", entrevista ao programa Rádio Notícias, Rádio Verdes Mares, Fortaleza, 31 de outubro de 1996.
- "*O governo FHC e o neoliberalismo*", entrevista ao programa Bom Dia Ceará, TV Verdes Mares, Fortaleza, 31 de outubro de 1996.
- "*O neoliberalismo no Brasil*", entrevista à TV PUC, emissão a cabo pela NET São Paulo, 8 de julho de 1996.
- "*O sindicalismo e a crise econômica*", entrevista ao programa Rádio Bancários, Rádio FM 100.9, Fortaleza, Ceará, 13 de outubro de 1995.
- "*O sindicalismo brasileiro frente à plataforma neoliberal*", entrevista ao programa Rádio Livre, Rádio Metropolitana AM, Fortaleza, Ceará, 13 de outubro de 1995.
- "*A reforma administrativa do governo FHC*", entrevista à TV Ceará, programa TVC Notícias, Fortaleza, 13 de outubro de 1995.
- "*Sociólogo ataca subserviência econômica de FHC*", entrevista ao jornal Diário da Manhã, Goiânia, 22 de maio de 1995.
- "*As perspectivas do socialismo e de um governo Lula*", entrevista à revista Plural, Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, no 4, ano 3, jan/jul de 1995.

- "*Crítica sem simplificações: as mudanças contemporâneas e as perspectivas do sindicalismo*", entrevista ao jornal Folha Sindical, Florianópolis, no 290, 25 de janeiro de 1995.
- "*CUT muda e despreza intervenção do Estado*", entrevista ao Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1994.
- "*O sindicalismo na crise atual*", entrevista ao jornal Sinergia, Sindicato dos Trabalhadores em Energia Elétrica de Santa Catarina, novembro de 1994.
- "*Os sindicatos no Brasil*", entrevista ao programa Universidade Aberta, Rádio Barriga Verde, Florianópolis, Santa Catarina, 10 de novembro de 1994.
- "*Novidades da greve dos metalúrgicos paulistas*", entrevista Jornal Hoje, TV Cultura de São Paulo, 7 de novembro de 1994.
- "*Para que serve o movimento sindical?*", participação em mesa redonda do programa 25ª Hora da TV Record de São Paulo, São Paulo, 28 de janeiro de 1994.
- "*O suicídio de Getúlio Vargas e suas conseqüências*", entrevista concedida ao programa Jornal da Gente, TV Diário do Povo, Rede Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), Campinas, 24 de agosto de 1993.
- "*As perspectivas do socialismo e de um Governo Lula*", entrevista concedida à revista Plural, Revista da Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina, no 4, Ano 3, jan/jul/1993.
- "*Direitos sociais e sindicalismo no Brasil*", entrevista concedida ao programa Rádio Bancários, Rádio 100 FM, Fortaleza, Ceará, 17 de junho de 1993.
- "*O sindicalismo brasileiro na atualidade*", entrevista concedida ao programa Manchete 7:00 Horas, TV Manchete do Ceará, 15 de junho de 1993.
- "*Inserção social do engenheiro e seu trabalho: uma discussão crítica*", entrevista ao jornal Ponto de Vista, jornal do Centro Acadêmico Bernardo Sayão, maio de 1993.
- "*Parlamentarismo e presidencialismo*", entrevista sobre os sistemas de governo ao Serviço Brasileiro da BBC de Londres, rádio Central Brasileira de Notícias, programa Certas Palavras, 20 de março de 1993.
- "*Qual será o fim do governo Collor?*", entrevista sobre a crise do governo Collor, Jornal de Domingo, Campinas, 12 de julho de 1992.
- "*O comunismo acabou?*", entrevista sobre a crise do movimento socialista, Jornal da Unicamp, nº 65, Campinas, março de 1992.
- "*Impasses do sindicalismo*", mesa redonda sobre o sindicalismo brasileiro, jornal Em Tempo, nº 257, São Paulo, março de 1992.
- "*Oficializar para quê?*", entrevista sobre o sindicalismo do funcionalismo público, Jornal da AdUnicamp, Unicamp, Campinas, dezembro de 1991.
- "*As greves no Brasil*", Programa Scaringela Rádio Trânsito, Rádio FM-Imprensa, São Paulo, 28 de janeiro de 1991.
- "*Monarquia ou República*", Programa Fórum, TV Cultura, São Paulo, emissão em 15 de novembro de 1990.
- "*100 anos de República*", TV Cultura, São Paulo, emissão no decorrer do 2º semestre de 1989.

VII. ATIVIDADES DOCENTES

1. Atividades docentes no primeiro e segundo graus

- Curso de Madureza Ginásial e Colegial 'O Positivo', Campinas, SP, cargo: professor de História e de Geografia do Brasil, tempo de exercício: março de 1973 a julho de 1974.
- Cursos Vestibulares 'O CURSO', Campinas, SP, cargo: professor de História e de Geografia do Brasil, tempo de exercício: agosto de 1971 a dezembro de 1972.
- Grupos Escolares da Prefeitura de São Paulo, cargo: professor primário, tempo de exercício: junho de 1968 a outubro de 1969.

2. Atividades docentes no terceiro grau

- A) Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, cargo: professor assistente de Ciência Política, tempo de exercício: desde junho de 1983

Disciplinas Ministradas no Curso de Graduação em Ciências Sociais:

- a) A Formação do Estado Moderno;
- b) O Pensamento Político Liberal;
- c) Teoria da Ação Sindical;
- d) Monografia em Ciências Sociais.
- e) Sindicalismo e Política no Brasil (1978-1995)
- f) Política Neoliberal e Classes Sociais no Brasil

Disciplinas Ministradas no Programa de Pós-graduação em Ciência Política e no Doutorado em Ciências Sociais:

- a) Teoria da Organização Sindical: Classe Média e Sindicalismo;
- b) Leitura Dirigida (Temas Diversos);
- c) Seminário de Tese: Orientação de Elaboração de Projeto de Pesquisa.
- e) Teoria das classes Sociais e o Movimento Operário
- f) Teoria Política Contemporânea

- B) Faculdade Franciscana, Bragança Paulista, cargo: professor de Sociologia, tempo de exercício: fevereiro a agosto de 1981, Cursos Ministrados: Introdução à Teoria Sociológica.

- C) Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Cargo: professor de Ciência Política, tempo de exercício: fevereiro de 1979 a janeiro de 1981, Cursos Ministrados: Teoria dos Partidos Políticos.

D) Atividades Pedagógicas Extracurriculares:

- Coordenação do Grupo de Estudos: Marx e Hegel, 1º semestre 2003, 20 participantes, Centro de Estudos Marxistas (CEMARX), IFCH, Unicamp.
- Coordenação do Grupo de Estudos: Marxismo e humanismo teórico, 2º semestre de 2002, 15 participantes, Centro de Estudos Marxistas (CEMARX), IFCH, Unicamp.
- Coordenação do Grupo de Estudo: Introdução à questão da ruptura epistemológica na era de Marx, 1º semestre de 2002, 15 participantes, Cemarx, IFCH, Unicamp.
- Coordenação do Grupo de Estudo: Teoria política em Marx e Engels, 1º semestre de 2000, 5 participantes, Centro de Estudos Marxistas.
- Professor Participante do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, período: 1994-...
- Coordenação do Grupo de Estudo: O Capital, de Marx, (atividade que se desenvolveu de março de 1989 a novembro de 1990, reunindo seis estudantes do pós-graduação de Ciência Política).

VIII. OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS

1. Orientação de Pesquisas Concluídas

- Orientando: Luziano Pereira Mendes Lima, A Esquerda e os Movimentos Populares na Constituinte de 1986-1988, Mestrado, março 2002.
- Orientando: Marcos Vinicius Pansardi, Da revolução burguesa à modernização conservadora: a historiografia da Revolução de 1930, Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 25 de março de 2002.
- Orientando: Fernando Corrêa, O Partido Comunista do Brasil e a Política Neoliberal, Iniciação Científica, bolsa: CNPq, novembro de 2001.
- Orientando: Andriei da Cunha Guerrero Gutierrez, O Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado e a Política Neoliberal, Iniciação Científica, bolsa: CNPq, julho de 2000.
- Orientando: Danilo Martuscelli, O Partido dos Trabalhadores e a Política Neoliberal, Iniciação Científica, bolsa: Fapesp, julho 2000.
- Orientanda: Silvana Soares de Assis, A Apeoesp e as Reformas Neoliberais na Educação Pública Paulista, Programa de Mestrado em Ciência Política da Unicamp, agência financiadora: CNPq, 16 de dezembro de 1999.
- Orientanda: Márcia Corsi Moreira Fantinatti, Sindicalismo de Classe Média e Meritocracia: O Movimento Docente das Universidades Públicas, mestrado, bolsa: CNPq e CAPES, período de elaboração: março de 1996 a agosto de 1998.
- Orientando: Henrique José Amorim, O Declínio do Movimento Operário: uma Classificação Bibliográfica, Iniciação Científica, bolsa: CNPq, julho de 1996 a junho de 1997.
- Orientanda: Bianca Fanelli Morganti, As Determinantes do Surgimento do Movimento Operário à Época da Segunda Internacional: Uma Pesquisa Bibliográfica, Iniciação Científica, bolsa: FAPESP, novembro de 1996 a outubro de 1997.
- Orientando: Claudinei Coletti, A Estrutura Sindical no Campo - a propósito da organização dos assalariados rurais na região de Ribeirão Preto, mestrado, Programa de Mestrado em Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas, bolsa: CNPq, período de elaboração: março de 1991 a dezembro de 1996.
- Orientanda: Andréia Galvão, Participação e Fragmentação: A Prática Sindical dos Metalúrgicos do ABC nos Anos 90, Mestrado, Programa de Mestrado em Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas, bolsa: CNPq, período de elaboração: março de 1993 a dezembro de 1996.
- Orientando: Ângelo José da Silva, Crítica Operária à Revolução de 1930: Comunistas e Trotskistas, Mestrado, Programa de Mestrado em Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas, bolsa: CAPES e CNPq, período de elaboração: março de 1990 a dezembro de 1996.
- Orientando: Augusto Cesar Buonicore, Os Comunistas e a Estrutura Sindical Corporativa (1948 - 1952): Entre a Reforma e a Ruptura, Mestrado, Programa de Mestrado em Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas, bolsa: CNPq, período de elaboração: março de 1994 a agosto de 1996.

- Orientando: Liráucio Girardi Júnior, Classe Média, Meritocracia e Situação de Trabalho: O Sindicalismo Bancário em São Paulo de 1923 a 1944, Mestrado, Programa de Mestrado em Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas, bolsa: CNPq, período elaboração: março de 1991 a novembro de 1995.
- Orientando: José Carlos da Silva, Sindicalismo Bancário em Santa Catarina: Reforma e Persistência da Estrutura Sindical de Estado, Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Política da Universidade Federal de Santa Catarina, bolsa: CNPq, março de 1992 a setembro de 1995.
- Orientando: Paulo Nakazone, Organizações Operárias nos Locais de Trabalho em São Paulo na Conjuntura de 1978-1979, Mestrado, bolsa: CNPq, março de 1993 a julho de 1995.
- Orientanda: Sandra Regina Zarpelon, Sindicalismo e Política: A Ação Sindical na Crise do Regime Militar Brasileiro, Iniciação Científica, bolsa: CNPq, agosto de 1994 a julho de 1995.
- Orientada: Patrícia Vieira Trópia, Classe Média, Situação de Trabalho e Sindicalismo: o Caso dos Comerciantes de São Paulo, Mestrado, bolsa: CNPq e FAPESP, março de 1990 a novembro de 1994.
- Orientanda: Mônica Paranhos, O Impacto do Sindicalismo Populista entre os Trabalhadores Urbanos, Iniciação Científica, bolsa: CNPq, julho de 1993 a junho de 1994.
- Orientando: Guilherme Cavalheiro Dias Filho, O Partido Comunista Brasileiro e os Movimentos de Massa: análise da posição do PCB frente às greves de 1978-1980, Mestrado, bolsa CNPq, período: março de 1991 a abril de 1994.
- Orientando: Marcos Vinicius Pansardi, Republicanos e Operários: Os Primeiros Anos do Socialismo no Brasil (1889-1902), Mestrado, bolsa CNPq e FAPESP, período: março de 1990 a novembro de 1993.
- Orientanda: Mônica Paranhos, O Sindicalismo Brasileiro Atual: O que Há de Novo e o que Sobreviveu do Velho Sindicalismo Populista, Iniciação Científica, bolsa SAE Unicamp, período: março de 1992 a fevereiro de 1993.
- Orientanda: Andréia Galvão, O Debate Sobre o Perfil Político-ideológico do Novo Sindicalismo, Iniciação Científica, bolsa do CNPq, período: agosto de 1991 a julho de 1992.
- Orientando: Liráucio Girardi Júnior, Classe Média: Contribuições Marxistas para uma Análise Conceitual, Monografia de Graduação do Curso de Ciências Sociais da Unicamp, período: março a dezembro de 1990.
- Orientando: Guilherme Cavalheiro Dias Filho, A Reivindicação Resignada: O Paradoxo de Trotsky, Monografia de Graduação do Curso de Ciências Sociais da Unicamp, período: agosto de 1989 a junho de 1990.
- Orientando: Claudinei Coletti, Origem Rural e Padrões de Ação Operária no Brasil, Iniciação Científica, bolsa do CNPq, período: março de 1989 a fevereiro de 1990.
- Orientanda: Elaine Moreira, A Posição das Correntes Sindicais Frente ao Sindicalismo de Estado: de 1978 à Nova República, Iniciação Científica, bolsa do CNPq, período: junho de 1987 a junho de 1988.
- Orientando: José Carlos Pedro da Silva, Advocacia Trabalhista e Prática Sindical: um estudo de caso, Iniciação Científica, bolsa do CNPq, período: julho de 1987 a junho de 1988.

2. Orientação de pesquisas em curso

- Orientando: Cristiano Ferraz, A nova classe operária, Doutorado, início: março de 2002, Bolsa CNPq.
- Orientando: Andriei Gutierrez, O Trotskysmo e o Neoliberalismo no Brasil, Mestrado, início: março de 2002, Bolsa CNPq.
- Orientando: Silvana Soares de Assis, Os servidores públicos e as reformas neoliberais, Doutorado, início: março de 2002, Bolsa Capes.
- Orientando: Danilo Martuscelli, O Partido dos Trabalhadores na Conjuntura de Implantação da Política Neoliberal, Mestrado, início: março de 2002, Bolsa CNPq.
- Orientando: Vanderlei Carvalho, Imprensa e Neoliberalismo no Brasil: A Revista Veja e o Governo FHC, Mestrado, início: março de 2000.
- Orientando: Sandra Zarpelon, As Organizações Não Governamentais e a Política Social do Neoliberalismo, Mestrado, início: março de 2000, Bolsa: CNPq.
- Orientanda: Sandra Costa dos Santos, Crise Política e Movimento Cabano no Pará, Mestrado, início: março de 1999, bolsa: CNPq.
- Orientando: Sidney Tanaka, O Discurso de Fernando Henrique Cardoso, Mestrado, início: março de 1999.
- Orientanda: Andréia Galvão, A Estrutura Sindical Corporativa de Estado na Década do Neoliberalismo, Doutorado, bolsa: Capes, início: março de 1998.
- Orientando: Augusto Cesar Buonicore, Sindicalismo do Setor Público e Política Neoliberal, Doutorado, início: março de 1997.
- Orientando: Claudinei Colletti, O Movimento dos Sem-Terra, Doutorado, bolsa: CNPq, início: março de 1997.
- Orientanda: Patrícia Vieira Trópia, A Força Sindical e o Neoliberalismo, Doutorado, início: março de 1996.
- Orientando: Valdir Maurício Carnelocci, O Sindicalismo dos Professores Como Sindicalismo de Classe Média, Mestrado, matrícula trancada.
- Orientanda: Abiael Franco Santos, A Burguesia Compradora e o Bloco no Poder (1945-1964), Mestrado, matrícula trancada.

3. Bolsas de Estudo

- Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq, março de 2000 a fevereiro de 2002.
- Bolsa para Missão Docente no Exterior, Université de Bourgogne, Acordo Capes-Cofecub, dezembro de 2001.
- Bolsa Produtividade em Pesquisa do CNPq, março de 1998 a fevereiro de 2000.
- Bolsa para Missão Docente no Exterior, British Council, Convênio University of Manchester-Unicamp, fevereiro-março, 1999.
- Bolsa Produtividade em Pesquisa do CNPq, março de 1996 a fevereiro de 1998.

- Bolsa de Pós-Doutorado no exterior, FAPESP, janeiro a dezembro de 1997.
- Bolsa para Missão Docente no Exterior, Convênio Universidade de Campinas, Universidade de Brasília e Université de Paris 1 (Panthéon-Sorbonne), Acordo CAPES-COFECUB, 17 de novembro a 10 de dezembro de 1993.
- Bolsa Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível pós-doutorado, abril de 1993 a março de 1995.
- Bolsa Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível pós-doutorado, abril de 1991 a março de 1993.
- Bolsa de Doutorado, FAPESP, julho de 1982 a junho de 1983.
- Bolsa de especialização no exterior, CAPES, novembro de 1976 a outubro de 1978.
- Bolsa de Mestrado, FAPESP, março de 1975 a outubro de 1976.
- Bolsa Auxiliar de Pesquisa, Ford Foundation, junho de 1974 a julho de 1975.
- Bolsa Auxiliar de Pesquisa, FAPESP, outubro a dezembro de 1973.

4. Participação em Bancas Examinadoras

- Membro da banca de qualificação de mestrado de Maria Juvêncio Sobrinho, A luta pela democratização em Fernando Henrique Cardoso, Mestrado em Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 19 de dezembro de 2002
- Membro da banca de defesa de tese de doutorado de Jaime Cesar Coelho, Economia, poder e influência externa: o grupo Banco Mundial e as políticas de ajustes estruturais na América Latina nas décadas de oitenta e noventa. Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 13 de dezembro de 2002
- Membro da Banca de defesa de dissertação de mestrado de Roselene dos Anjos, O discurso da Central Única dos Trabalhadores em seu 7º Congresso, Mestrado em Linguística Aplicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Letras, 18 de outubro de 2002.
- Membro da banca de qualificação de doutorado de Patrícia Vieira Trópia, Sindicalismo e neoliberalismo no Brasil: um estudo da Força Sindical, Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 08 de outubro de 2002.
- Membro da banca de qualificação de doutorado de Andréia Galvão, Direito do trabalho e negociação coletiva no Brasil da década de 1990, Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1º de outubro de 2002.
- Membro da banca de qualificação de mestrado de Sandra Santos, A Cabanagem: uma situação de crise revolucionária no Brasil do período regencial, Mestrado em Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 16 de agosto de 2002.
- Membro da banca de defesa de dissertação de mestrado de Tania Maria Granzotto, Movimento de funcionários e docentes da Unicamp entre 1978 e 2001, Mestrado em

Educação, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 15 de agosto de 2002.

- Membro da banca de defesa de dissertação de mestrado de Luziano Mendes de Almeida, A atuação da esquerda no processo constituinte, Mestrado em Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 27 de março de 2002.
- Membro da banca de defesa de tese de doutorado de Marcos Vinicius Pansardi, Da revolução burguesa à modernização conservadora: a historiografia da Revolução de 1930, Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 25 de março de 2002,
- Membro da banca de defesa de dissertação de mestrado de Cristiano Lima Ferraz, Metamorfose do industrialismo no Estado de Bahia – Estado, produção e formação humana, Mestrado em Educação, Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 1º de março de 2002,
- Membro titular da banca de exame de monografia em Ciências Sociais de Davisson da Silva, O Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas frente ao desemprego, Curso de Graduação em Ciências Sociais da Unicamp, 12 de novembro de 2001.
- Membro titular da banca da dissertação de mestrado de Henrique Amorim, Crítica ao debate sobre a não-centralidade do trabalho, Programa de Mestrado em Sociologia da Unicamp, 16 de agosto de 2001.
- Membro titular da banca do exame de qualificação para dissertação de mestrado de Carlos Cesar Almeida, A crise do México de 1994-95 e o efeito tequila na América Latina, Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam) da USP, 14 de maio de 2001.
- Membro titular da banca de qualificação de mestrado de Rosinei Aparecida Naves, A General Motors no Mercosul, Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam) da USP, 27 de abril de 2001.
- Membro titular da banca da dissertação de mestrado de Luciano Cavini Martorano, Burocracia e Socialismo, Programa de Mestrado em Ciência Política da Unicamp, 07 de fevereiro de 2001.
- Membro titular da banca do exame de qualificação para dissertação de mestrado de Ivan Cotrim, Capitalismo Dependente em Fernando Henrique Cardoso, Programa de Mestrado em Ciência Política da Unicamp, 10 de janeiro de 2001.
- Membro titular da banca de dissertação de mestrado de Juan Guillermo Ferro, Estrutura e Política da FARC – Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, Programa de Mestrado em Ciência Política da Unicamp, 08 de janeiro de 2001.
- Membro da banca de exame de qualificação de doutorado de Marcos Vinicius Pansardi, O Debate Sobre a Revolução de 1930, Departamento de Ciência Política, IFCH, Unicamp, 20 de dezembro de 2000.
- Membro titular da banca do exame de qualificação de Marcos Vinicius Pansardi, O debate sobre a Revolução de 30, Programa de Doutorado em Ciências Sociais da Unicamp, 20 de dezembro de 2000.
- Seleção do Programa de Doutorado em Ciências Sociais, 13 candidatos, IFCH, Unicamp, 04 de dezembro de 2000.
- Membro titular da banca da tese de doutorado de Luciana Barbosa Áreas, Consentimento e Resistência: um Estudo Sobre as Relações entre Trabalhadores e

Estado no Rio de Janeiro (1930-1945), Departamento de História, IFCH, Unicamp 21 de setembro de 2000.

- Membro titular da banca de dissertação de mestrado de Flávio Antônio de Castro, A Farsa, os Farsantes e os Pedradores: A Estrutura Jurídico-Política do Estado Burguês e a Política de Transporte Coletivo Urbano em Campinas (1878 – 1999), Departamento de Ciência Política, IFCH, Unicamp, 18 de fevereiro de 2000.
- Membro titular da banca de dissertação de mestrado de Livia Cristina de Aguiar Cotrim, O Ideário de Getúlio Vargas no Estado Novo, Programa de Mestrado em Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 20 de dezembro de 1999.
- Membro titular da banca de dissertação de mestrado de Silvana Soares de Assis, A Apeoesp e as Reformas Neoliberais na Educação Pública Paulista, Programa de Mestrado em Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 16 de dezembro de 1999.
- Seleção do Programa de Doutorado em Ciências Sociais, 13 candidatos, IFCH, Unicamp, 04 de dezembro de 2000.
- Membro titular da banca de seleção para o Programa de Doutorado em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 01 de dezembro de 1999.
- Membro titular da banca de qualificação de Márcio Gonzaga Cardoso, De Escravista a Burguês – uma análise do Estado norte-americano, mestrando em Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 23 de novembro de 1999.
- Membro titular da banca do concurso público para professor Assistente Doutor do Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 16 de setembro de 1999.
- Membro da banca de tese de doutorado de Luciana Barbosa Áreas, Consentimento e Resistência: um Estudo Sobre as Relações entre Trabalhadores e Estado no Rio de Janeiro (1930-1945), Departamento de História, IFCH, Unicamp, 21 de setembro de 2000.
- Banca examinadora para seleção de candidatos ao Programa de Mestrado em Ciência Política do IFCH , Unicamp, dezembro de 1998
- Banca examinadora para seleção de candidatos ao Programa de Doutorado em Ciências Sociais do IFCH, Unicamp, dezembro de 1998
- Membro titular da banca examinadora da tese de doutorado de Leovegildo Pereira Leal, O Marxismo e a Revolução Cubana: a Teoria e a Prática, Programa de Doutorado em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 23 de julho de 1998.
- Membro titular da banca examinadora da dissertação de mestrado de Claudinei Coletti, A Estrutura Sindical no Campo - a propósito da organização dos assalariados rurais na região de Ribeirão Preto, Programa de Mestrado em Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas, 17 de dezembro de 1996.
- Membro titular da banca examinadora da dissertação de mestrado de Andréia Galvão, Participação e Fragmentação: A Prática Sindical dos Metalúrgicos do ABC nos Anos 90, Programa de Mestrado em Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas, 17 de dezembro de 1996.

- Membro titular da banca examinadora da dissertação de mestrado de Ângelo José da Silva, Crítica Operária à Revolução de 1930: Comunistas e Trotskystas, Programa de Mestrado em Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas, 16 de dezembro de 1996.
- Membro titular da banca examinadora da monografia de Henrique José Amorim, O Declínio do Movimento Operário: Uma Classificação Bibliográfica, Curso de Graduação em Ciências Sociais, 13 de dezembro de 1996.
- Membro titular da banca examinadora da dissertação de mestrado de Cesar Augusto Buonicore, Os Comunistas e a Estrutura Sindical Corporativa (1948 - 1952): Entre a Reforma e a Ruptura, Programa de Mestrado em Ciência Política, Unicamp, 30 de agosto de 1996.
- Membro titular da banca examinadora do exame de qualificação de Andréia Galvão, O Neocorporativismo e os Trabalhadores Metalúrgicos do ABC, Programa de Mestrado em Ciência Política, Departamento de Ciência Política, Unicamp, 23 de agosto de 1996.
- Membro titular da banca examinadora do exame de qualificação de Cesar Augusto Buonicore, A Crise do Populismo Sindical, Programa de Mestrado em Ciência Política, Departamento de Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 15 de abril de 1996.
- Membro titular da banca examinadora da tese de doutorado de Cláudio Antônio de Vasconcelos Cavalcanti, As Lutas e os Sonhos: um estudo sobre os trabalhadores de São Paulo nos anos 30, Programa de Doutorado em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 29 de março de 1996.
- Membro titular da banca examinadora da monografia de Graduação de Sandra Zarpelon, Sindicalismo e Política na Crise do Regime Militar: uma pesquisa bibliográfica, Curso de Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, 21 de dezembro de 1995.
- Membro titular da banca examinadora da dissertação de mestrado de Hamilton Garcia, Ocaso do Comunismo Democrático - o PCB na Última Ilegalidade (1964-84), Programa de Mestrado em Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas, 19 de dezembro de 1995.
- Membro titular da banca examinadora da dissertação de mestrado de Liráucio Girardi Júnior, Classe Média, Meritocracia e Situação de Trabalho: O Sindicalismo Bancário em São Paulo de 1923 a 1944, Programa de Mestrado em Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas, 21 de novembro de 1995.
- Membro titular da banca examinadora da dissertação de mestrado de Paulo Roberto Neves Costa, Burguesia Corporativismo e Democracia nos Anos 50: A Federação do Comércio do Estado de São Paulo, Programa de Mestrado em Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas, 27 de outubro de 1995.
- Membro titular da banca examinadora da dissertação de mestrado de José Carlos da Silva, Sindicalismo Bancário em Santa Catarina: Reforma e Persistência da Estrutura Sindical de Estado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, primeiro de setembro de 1995.
- Membro titular da banca examinadora do exame de qualificação de José de Lima Soares, Terceirização, Reestruturação Capitalista e Luta Sindical no ABC Paulista, Programa de Mestrado em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 22 de agosto de 1995.

- Membro titular da banca examinadora da dissertação de mestrado de Paulo Nakazone, Organizações Operárias nos Locais de Trabalho em São Paulo na Conjuntura de 1978-1979, Programa de Mestrado em Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 26 de julho de 1995.
- Membro titular da banca examinadora do exame de qualificação de Hector Saint-Pierre, Teoria da Guerra Revolucionária, Programa de Doutorado em Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 5 de julho de 1995.
- Membro titular da banca examinadora do exame de qualificação de Paulo Nakazone, Organizações Operárias nos Locais de Trabalho na Cidade de São Paulo no Período 1978-1979, Programa de Mestrado em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 3 de março de 1995.
- Membro titular da banca examinadora da monografia de graduação de Celso Rocha de Barros, A Aplicabilidade do Conceito Poulantziano de Estado Burguês ao Estado Soviético - 1917/1924, Curso de Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 21 de dezembro de 1994.
- Membro titular da banca do concurso interno para professor assistente doutor do Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 14 de dezembro de 1994.
- Membro titular da banca examinadora da dissertação de mestrado de Patrícia Vieira Trópia, Classe Média, Situação de Trabalho e Sindicalismo: o Caso dos Comerciantes de São Paulo, Programa de Mestrado em Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, IFCH, Unicamp, 28 de novembro de 1994.
- Membro titular da banca examinadora do exame de qualificação de Juan Guillermo Ferro, Os Movimentos Guerrilheiros na Colômbia Atual, Programa de Mestrado em Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-IFCH, Unicamp, 18 de novembro de 1994.
- Membro titular da banca examinadora da dissertação de mestrado de Antonio Carlos Galdino, O Partido Comunista do Brasil e o Movimento de Luta Armada nos Anos 60, Programa de Mestrado em Ciência Política, Departamento de Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 26 de abril de 1994.
- Membro titular da banca examinadora da dissertação de mestrado de Guilherme Cavalheiro Dias, O Partido Comunista Brasileiro e os Movimentos de Massa: análise da posição do PCB frente às greves de 1978-1980, Programa de Mestrado em Ciência Política, Departamento de Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 20 de abril de 1994.
- Membro titular da banca examinadora da tese de doutorado de Ângela Carneiro de Araújo, Construindo o Consentimento: Corporativismo e Trabalhadores no Brasil dos Anos 30, Doutorado em Ciência Política, Departamento de Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 7 de março de 1994.
- Membro titular da banca examinadora do concurso público para Professor Auxiliar de Ciência Política na Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 21, 22 e 23 de fevereiro de 1994.
- Membro titular da banca examinadora da dissertação de mestrado de Marcos Vinicius Pansardi, Republicanos e Operários: Os Primeiros Anos do Socialismo no Brasil - (1889-1902), Programa de Mestrado em Ciência Política, Departamento de Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, novembro de 1993.

- Membro titular da banca examinadora do exame de qualificação de Raul Burgos, Os Desafios para Uma Democracia Avançada na América Latina, Programa de Mestrado em Ciência Política, Departamento de Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 5 de outubro de 1993.
- Membro titular da banca examinadora da tese de doutorado de Iram Jácome Rodrigues, Trabalhadores, Sindicalismo e Democracia: A Trajetória da CUT, Doutorado em Sociologia, Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), 24 de setembro de 1993.
- Membro titular da banca examinadora do exame de qualificação de Marcos Vinicius Pansardi, Republicanos e Operários: os Primeiros Anos do Socialismo no Brasil, Programa de Mestrado em Ciência Política, Departamento de Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 1993.
- Membro titular da banca examinadora do exame de qualificação de Magali Aparecida Possan, Rearticulação do Movimento Sindical Metalúrgico de Campinas e Região (1978-1984), Programa de Mestrado em Sociologia, Departamento de Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 9 de julho de 1993.
- Membro titular da banca examinadora do exame de qualificação de Edilson José Graciolli, A Greve de 1988 na CSN, Programa de Mestrado em Sociologia, Departamento de Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 18 de junho de 1993.
- Membro titular da banca examinadora da tese de doutorado de Cecília Helena Ornellas Renner, O Rouxinol e o Pássaro Mecânico: Análise dos Acordos Coletivos dos Trabalhadores Metalúrgicos de 1978 a 1988, Doutorado em Sociologia, Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo (USP), 19 de abril de 1993.
- Membro titular da banca examinadora da dissertação de mestrado de Giovanni A. P. Alves, Marx, Engels e os Limites do Sindicalismo, Programa de Mestrado em Sociologia, Departamento de Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 9 de dezembro de 1992.
- Membro titular da banca examinadora do exame de qualificação de Hamilton Garcia, O Ocaso do Partido Comunista Brasileiro, Programa de Mestrado em Ciência Política, Departamento de Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 23 de novembro de 1992.
- Membro titular da banca examinadora do exame para ingresso no doutorado em Ciências Sociais, Área de Concentração "Trabalho e Sindicalismo", Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 26 de novembro de 1992.
- Membro titular da banca examinadora da monografia de graduação de Andréia Galvão, O Debate Sobre o Perfil Político-ideológico do Novo Sindicalismo, Curso de Graduação em Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, julho de 1992.
- Membro titular da banca examinadora do concurso público para Professor Assistente de Sociologia do Trabalho, Universidade Federal de São Carlos, 5 e 6 de dezembro de 1991.
- Membro titular da banca examinadora do exame para ingresso no mestrado em Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 4 e 5 de dezembro de 1991.

- Membro titular da banca examinadora do exame para ingresso no doutorado em Ciências Sociais, Área de Concentração "Trabalho e Sindicalismo", Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 22 de novembro de 1991.
- Membro titular da banca examinadora da dissertação de mestrado de Ricardo Coelho, A Linguagem da Campanha Para a Prefeitura de São Paulo de 1985, Programa de Mestrado em Ciência Política, Departamento de Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 19 de novembro de 1991.
- Membro titular da banca examinadora do concurso público para Professor Assistente de Ciência Política, Departamento de Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 14 e 15 de novembro de 1991.
- Membro titular da banca examinadora do exame de qualificação de Cláudio Antonio Vasconcelos Cavalcanti, Trabalhadores e Consciência de Classe no Brasil - 1930 - 1937, Programa de Mestrado em Sociologia, Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo (USP), 11 de novembro de 1991.
- Membro titular da banca examinadora do exame de qualificação de Celina Gomes de Oliveira, O Projeto Político da CUT, Programa de Mestrado em Sociologia, Departamento de Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 18 de setembro de 1991.
- Membro titular da banca examinadora do exame da qualificação de Giovanni Antonio Pinto Alves, Marx e os Sindicatos, Programa de Mestrado em Sociologia, Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 14 de junho de 1991.
- Membro titular da banca examinadora da dissertação de mestrado de Homero de Oliveira Costa, A Insurreição Comunista de 1935: O Caso de Natal, RN, Programa de Mestrado em Ciência Política, Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 3 de abril de 1991.
- Membro titular da banca examinadora de qualificação de Homero de Oliveira Costa. A Insurreição Comunista em Natal, RN, Programa de Mestrado em Ciência Política, Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 4 de março de 1991.
- Membro titular da banca examinadora da monografia de graduação de Liráucio Girardi Júnior, Classe Média: Contribuições Marxistas Para Uma Análise Conceitual, Curso de Graduação em Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, dezembro de 1990.
- Membro titular da banca examinadora da monografia de graduação de Emília Fernanda Salazar, Um Estudo Bibliográfico Sobre o Conceito de Totalitarismo, Curso de Graduação em Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, novembro de 1990.
- Membro titular da banca examinadora da dissertação de mestrado de Arnaldo José F.M. Nogueira, A Modernização Conservadora do Sindicalismo Metalúrgico de São Paulo, Programa de Mestrado em Sociologia, Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 27 de setembro de 1990.
- Membro titular da banca examinadora do exame de qualificação de Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida, Nação e Capitalismo, Doutorado em Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 6 de junho de 1990.

- Membro titular da banca examinadora da monografia de graduação de Guilherme Cavalheiro Dias Filho, A Reivindicação Resignada: o Paradoxo de Trotsky, Curso de Graduação em Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, junho de 1990.
- Membro titular da banca examinadora da monografia de graduação de Edilson José Gracioli, A Abordagem Socialista Clássica Sobre a Greve, Curso de Graduação em Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, junho de 1990.
- Membro titular da banca examinadora do concurso para ingresso no doutorado em Ciências Sociais, Área de Concentração Trabalho e Sindicalismo, Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, novembro de 1989.
- Membro titular da banca examinadora do exame de qualificação de Renato Monseff Perissinoto, O Bloco no Poder na Primeira República Brasileira, Programa de Mestrado em Ciência Política, Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 11 de outubro de 1989.
- Membro titular da banca examinadora do exame de qualificação de Arnaldo José F.M. Nogueira, A Modernização Conservadora do Sindicalismo dos Metalúrgicos de São Paulo, Programa de Mestrado em Sociologia, Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 28 de dezembro de 1989.
- Membro titular da banca examinadora do exame de qualificação de Juarez Rocha Guimarães, PT: Reforma ou Revolução?, Programa de Mestrado em Sociologia, Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 12 de julho de 1989.
- Membro titular da banca examinadora do concurso público para Professor Assistente na Área de Instituições Políticas Brasileiras, Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 20 de outubro de 1989.
- Membro titular da banca examinadora da monografia de graduação de Maria Cristina M.M. Campoy Santos, O Tenentismo e as Conexões com a Classe Média, o Proletariado Urbano e os Proletários Rurais na Década de 1920, Curso de Graduação em Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, junho de 1989.
- Membro titular da banca examinadora do concurso para ingresso no mestrado em Ciência Política, Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, novembro de 1986.

5. Assessoria Científica

- Assessor do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
- Assessor da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).
- Assessor da Agência Nacional de Promoción Científica y Tecnológica (ANPCyT), Argentina.
- Assessor da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).
- Assessor do Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa (FAEP) da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp.
- Assessor da Editora da Unicamp.

- Assessor da revista Idéias, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp.
- Assessor da revista Latin American Perspectives
- Assessor da Revista de Sociologia e Política, da Universidade Federal do Paraná

6. Pareceres Técnicos Sobre Projetos de Pesquisa e Trabalhos Científicos ⁽²²⁾

- Tema: Sindicalismo e Reformas Neoliberais, 2002.
- Tema: Sindicalismo e Democratização, 2002.
- Tema: Relações de Trabalho, 2002.
- Tema: Organização dos Trabalhadores nos Locais de Trabalho, 2002.
- Tema: Autogestão, 2002.
- Tema: Sindicalismo e Estrutura Sindical Corporativa, 2002.
- Tema: Sindicalismo e Privatização, 2002.
- Tema: Política Social e Participação Popular, 2002.
- Tema: Criminalidade, 2002.
- Tema: O Discurso Ideológico, 2002.
- Tema: Classes Sociais, 2002.
- Tema: Cooperativismo e Sindicalismo, 2002.
- Tema: Sindicalismo em Alguns Países da América Latina, 2002.
- Tema: O Conceito de Trabalho, 2002.
- Tema: Teoria da História, 2002.
- Tema: Democratização do Poder Local, 2002.
- Tema: Política Social e Poder Local, 2002.
- Tema: Representação Social da Criminalidade, 2002.
- Tema: Regulificação do Trabalhador, 2002.
- Tema: Criação de Emprego, 2002.
- Tema: Assistência Social, 2002.
- Tema: Política Social, 2002.
- Tema: Sindicalismo Industrial em São Paulo, 2001.
- Tema: Sindicalismo na América Latina, 2001.
- Tema: Sindicalismo e Privatização, 2001.
- Tema: Poder Político e Legitimidade, 2001.
- Tema: Neoliberalismo e Sindicalismo, 2001.

²² Para não trair o compromisso de sigilo, solicitado pelas instituições, editoras e revistas para as quais dou parecer, arrolei apenas o tema e o ano dos projetos de pesquisa, programas de eventos, livros ou artigos que examinei. Omito o tipo de trabalho (projeto de pesquisa, livro, artigo etc.) seu título e a entidade que solicitou o parecer.

- Tema: Sindicalismo na América Latina, 2001.
- Tema: Democracia e Socialismo, 2001.
- Tema: Estados Unidos e Mundo Árabe, 2001.
- Tema: Teoria da História, 2001.
- Tema: Marx e o Oriente, 2001.
- Tema: Sindicalismo Industrial em São Paulo, 2000.
- Tema: Privatização, 2000.
- Tema: Democratização, 2000.
- Tema: Sindicalismo na América Latina, 2000.
- Tema: Crise do Socialismo Real, 2000.
- Tema: Sindicalismo e Neoliberalismo, 2000.
- Tema: Direitos Humanos e Socialismo, 2000.
- Tema: Sindicalismo e Padrões de Industrialização, 2000.
- Tema: Movimentos Sociais no Brasil, 2000.
- Tema: Periferia Capitalista e Política Neoliberal, 2000.
- Tema: Política Brasileira Atual, 2000.
- Tema: Movimento Camponês no Brasil, 2000.
- Tema: Industrialização nas Áreas Periféricas, 2000.
- Tema: Sindicalismo na América Latina, 2000.
- Tema: Empresas Autogeridas no Brasil, 2000.
- Tema: Sindicalismo e Câmaras Setoriais, 1998.
- Tema: Ensino de Ciências Econômicas e Sociais, 1998.
- Tema: Gênero e Raça, 1998.
- Tema: Reforma Agrária e Assentamentos de Trabalhadores Rurais, 1998.
- Tema: Relações Internacionais do Sindicalismo Brasileiro, 1998.
- Tema: Crise do “Socialismo Real”, 1998.
- Tema: Sindicalismo e Privatização, 1998.
- Tema: Novas Tecnologias e Novas Formas, 1996.
- Tema: Desemprego na Grande São Paulo, 1996.
- Tema: Flexibilização da Jornada de Trabalho, 1996.
- Tema: Varguismo no Brasil, 1995.
- Tema: Horário Eleitoral Gratuito, 1995.
- Tema: Sindicalismo Brasileiro nos Anos 80, 1995.
- Tema: Sindicalismo e Imprensa, 1995.
- Tema: Transição Política no Brasil dos anos 80, 1995.
- Tema: Eleições no Município de São Paulo, 1994.
- Tema: Trabalho e Sociedade, 1994.

- Tema: Contrato Coletivo de Trabalho, 1994.
- Tema: Cultura e Democracia, 1994.
- Tema: Direito, Sociedade e Política, 1994.
- Tema: Narcotráfico e Política, 1994.
- Tema: Direito e Controle Social, 1994.
- Tema: Classes Médias, 1994.
- Tema: Trabalho e Classe Operária, 1994.
- Tema: A Transição Democrática, 1994.
- Tema: Sindicalismo e Reestruturação Produtiva, 1994.
- Tema: Empresários e Política no Brasil, 1994.
- Tema: Organizações Não-governamentais, 1994.
- Tema: Trabalhadores e Emigração, 1993.
- Tema: Sindicalismo no Brasil, 1993.
- Tema: Organização de Evento Científico, 1993.
- Tema: Organização de Evento Científico, 1993.
- Tema: Burguesia e Política de Estado na Primeira República, 1992.
- Tema: Neoliberalismo e Luta Sindical, 1992.
- Tema: Transformações Sociais no Campo, 1992.
- Tema: Associações de Classe Média, 1992.
- Tema: Trabalho e Automação, 1991.
- Tema: Crescimento Regional e Urbano, 1991.
- Tema: Trabalhador e Subjetividade, 1991.
- Tema: Greves no Brasil, 1989.
- Tema: Movimentos Populares Urbanos no Brasil, 1991.
- Tema: Sindicalismo Brasileiro, 1991.
- Tema: Pensamento Político, 1991.
- Tema: Movimento Estudantil no Brasil, 1991.
- Tema: Movimento Estudantil no Brasil, 1991.

7. Organização e coordenação de eventos científicos e culturais

- Evento: Palestra “Camponeses, escravos e a luta de classes na Grécia Antiga”, palestrante: Antonio Chevitarese, duração duas horas. Centro de Estudos Marxistas (Cemarx), IFCH-Unicamp, 21 de novembro de 2002.
- Evento: Seminário “Globalização e Forças Armadas no Brasil”, um palestrante e um comentador, duração de duas horas. Centro de Estudos Marxistas (Cemarx), IFCH-Unicamp, 06 de novembro de 2002.

- Evento: Mesa redonda sobre o tema “Socialismo utópico e socialismo do século XXI”, quatro participantes, duração de três horas. Centro de Estudos Marxistas (Cemarx), IFCH-Unicamp, 31 de outubro de 2002.
- Evento: Mesa redonda sobre o tema “Gorz, trabalho e política”, quatro participantes, duração de três horas. Lançamento do livro de Josué Pereira da Silva, *Gorz, trabalho e política*, IFCH-Unicamp, 29 de outubro de 2002.
- Evento: Mesa redonda sobre o tema “A Revolução de 1930”, dois participantes, duração de duas horas. Lançamento do livro de Ângelo José da Silva, *Comunistas e trotskistas: a crítica operária à revolução de 1930*, IFCH-Unicamp, 08 de outubro de 2002.
- Evento: Palestra sobre o tema “Classes sociais na Roma Antiga”. Palestrante: Pedro Paulo Funari, Centro de Estudos Marxistas (Cemarx), IFCH-Unicamp, 10 de setembro de 2002.
- Evento: II Colóquio Marx e Engels: Marxismo e Ciências Humanas, Presidente da Comissão Organizadora e da Comissão Acadêmica, período do evento: 19 a 23 de novembro de 2001, participantes: 53 pesquisadores brasileiros, de diversos Estados do país, distribuídos em nove mesas redondas e três mesas de comunicações coordenadas, Centro de Estudos Marxistas (Cemarx), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.
- Evento: Mesa-redonda “Sociedade e economia na China Hoje”, Centro de Estudos Marxistas (Cemarx), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 11 de outubro de 2001.
- Evento: Conferência de Isabel Monal “O jovem Marx”, Centro de Estudos Marxistas (Cemarx), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 17 de setembro de 2001.
- Evento: Conferência de Décio Saes “Balanço atualizado do pensamento althusseriano”, Centro de Estudos Marxistas (Cemarx) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 17 de agosto de 2001.
- Evento: Organização dos depoimentos, gravados em fita de vídeo para o Arquivo Edgard Leuenroth, de Duarte Pereira, ex-dirigente da Ação Popular (AP) 24 de abril e 03 de julho de 2001.
- Evento: Seminário Internacional 130 Anos da Comuna de Paris, presidente da Comissão Organizadora e da Comissão Acadêmica, período do evento: 22 e 23 de maio de 2001, participantes: treze pesquisadores brasileiros e franceses distribuídos em três mesas redondas e duas conferências, local: Centro de Estudos Marxistas (Cemarx), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp
- Evento: Mesa-redonda de lançamento do livro *A Obra Teórica de Marx*, Anfiteatro da Faculdade de História da USP, dia 26 de abril de 2001.
- Evento: Palestra “A Ação Popular na história da esquerda”, proferida por Duarte Pereira, Centro de Estudos Marxistas (Cemarx), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 24 de abril de 2001.
- Evento: Seminário: Neoliberalismo e Movimentos Sociais, Expositor: Salvador Sandoval, local: Cemarx, IFCH, Unicamp, data: 21 de dezembro de 2000.
- Evento: Mesa Redonda: A Atualidade do Marxismo, Lançamento do livro *A Obra Teórica de Marx*, participação: três palestrantes, Auditório do IFCH, Unicamp, data: 12 de dezembro de 2000.

- Evento: Seminário: A Crise Argentina, Expositor: Atilio Boron, local: IFCH, Unicamp, data: 14 de dezembro de 2000.
- Evento: Mesa Redonda: Marxismo e Política, Lançamento das revistas *Crítica Marxista e Praga*, participação: de cinco palestrantes, local: Auditório do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP), data: 13 de julho de 2000.
- Evento: I Colóquio Marx e Engels: Aspectos da Obra de Marx, Seminário acadêmico nacional sobre a obra de Marx com cinco mesas redondas, três sessões de comunicações e uma sessão de painel, instituição promotora: Centro de Estudos Marxistas (Cemarx), IFCH, Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, cidade: Campinas, SP, participação 70 pesquisadores de doze Estados do Brasil, Membro da Comissão Científica e da Comissão Organizadora, 16 a 18 de novembro de 1999.
- Evento: 150 Anos do Manifesto do Partido Comunista - Teoria e História, membro da comissão organizadora, Centro de Estudos Marxistas (Cemarx), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, participação de catorze pesquisadores brasileiros e dois estrangeiros em cinco mesas redondas que versavam sobre temas relativos ao título do seminário, 28, 29 e 30 de abril de 1998.
- Evento: Seminários de Pesquisa do Centro de Estudos Marxistas (Cemarx) do IFCH - Unicamp, coordenador, Cemarx, seminário sobre a questão ambiental na obra de Marx e outro sobre o método de exposição no livro O Capital, envolvendo três pesquisadores, segundo semestre de 1996.
- Evento: Simpósio O Neoliberalismo no Brasil, coordenador, 48ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, participação de quatro pesquisadores brasileiros que fizeram palestra sobre o tema do simpósio, 8 de julho de 1996,
- Evento: VIII Congresso Estadual dos Sociólogos - SP, membro da Comissão Científica e da Comissão Organizadora, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mesas redondas, câmaras técnicas, cursos e sessões de comunicações envolvendo dezenas de pesquisadores, 9 a 11 de outubro de 1995.
- Evento: O Golpe de 64: 30 Anos, membro da Comissão Organizadora, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sete mesas redondas, com a participação de 28 pesquisadores brasileiros; programação artística e cultural referente ao tema do evento - espetáculos teatrais, musicais, filmes etc, 21 a 24 de março de 1994.
- Evento: VII Congresso Estadual dos Sociólogos do Estado de São Paulo: NOvas e Velhas Crises: Desafios das Ciências Sociais, membro das Comissões Científica e Organizadora, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, 25 mesas redondas, 10 Câmaras Técnicas, 11 sessões de comunicações coordenadas e 3 cursos relacionados direta ou indiretamente com o tema do Congresso. O Congresso contou com a participação de cerca de 160 pesquisadores brasileiros na condição de expositores, 27 a 29 de setembro de 1993.
- Evento: I Simpósio de Ciência Política: Parlamentarismo e Presidencialismo, membro da Comissão Organizadora, Departamento de Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, por pesquisadores brasileiros, de oito comunicações - quatro delas teóricas, e quatro sobre o Brasil - em torno do tema título do Simpósio, 10 de novembro de 1992.
- Evento: Mesa Redonda "Para Onde Vai o Mundo do Trabalho?", coordenador, IX Congresso Nacional dos Sociólogos, Universidade de São Paulo, quatro comunicações

apresentadas por pesquisadores brasileiros sobre o tema da mesa redonda, 27 de agosto de 1992.

- Evento: Sessão de Comunicação Coordenada "Classe Média e Sindicalismo", coordenador, XLIV Reunião Anual da SBPC, Universidade de São Paulo, comunicações apresentadas por pesquisadores brasileiros sobre o tema da sessão, 14 de julho de 1992.
- Evento: XVI Encontro Anual da ANPOCS, participação como debatedor convidado na sessão "Tendências do Sindicalismo Contemporâneo", Caxambu, Minas Gerais 22 de outubro de 1992.
- Evento: Reunião Anual do GT Classe Operária e Sindicalismo da Associação Nacional de pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais(ANPOCS), organizador, XV Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, Minas Gerais, apresentação por pesquisadores de diversos Estados do Brasil, de nove comunicações sobre o tema geral "Relações de Trabalho e Movimento Sindical no Brasil", outubro de 1991.
- Evento: Seminário Temático: O Sindicalismo Brasileiro nos Anos 80: Balanço e Perspectivas, organizador, XIV Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, Minas Gerais, programação: apresentação, por pesquisadores brasileiros, de sete comunicações sobre as transformações do sindicalismo brasileiro ao longo da década de 1980, outubro de 1990.
- Evento: Mesa Redonda "Para Aonde Vai o Sindicalismo Brasileiro?", organizador, XLIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC), Rio de Janeiro, RJ, quatro comunicações, apresentadas por pesquisadores brasileiros, sobre o tema título da Mesa Redonda, 17 de julho de 1991.
- Evento: Palestras do Meio-Dia, organizador, Curso de Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Unicamp, cerca de 30 palestras, proferidas por professores do IFCH, sobre temas variados destinadas aos alunos de graduação em Ciências Sociais, período: 1989-1990.
- Evento: Seminário Sobre Trabalho e Dominação no Cotidiano Operário, Departamento de Ciências Sociais, IFCH, Unicamp, debatedor do texto de John Humphey: "News Forms of Work Organization in Industry: Their Implications for Labour Use and Control in Brazil", 29, 30 e 31 de agosto de 1989
- Evento: Simpósio "Nacionalismo e Populismo no Brasil", organizador, XXXIX Reunião Anual da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC), Brasília, DF, quatro comunicações, apresentadas por pesquisadores brasileiros, sobre o tema título do Simpósio, 17 de julho de 1987.
- Evento: Simpósio "A Questão Democrática na Conjuntura Atual", organizador, XXXII Reunião Anual da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC), Rio de Janeiro, RJ, quatro comunicações, apresentadas por pesquisadores brasileiros, sobre a luta pela democracia na conjuntura de crise do governo militar do Gal. João Batista Figueiredo, 9 de julho de 1980.

8. Traduções

- original: "À Propos de la Théorie Marxiste de la Valeur: une Critique à Sraffa", revista Communisme, no 24, Paris, 1976, tradução: "*A Propósito da teoria Marxista do Valor: uma Crítica a Sraffa*" in revista Teoria e Política, nº 5/6, Editora Brasil Debates, São Paulo, 1984.

- original: Bréaud e Nouret: "Eléments d'analyse Marxiste des Crises", Paris, 1976, tradução (em colaboração com Décio Saes e Lúcio Flávio de Almeida): "*Elementos para uma Análise Marxista das Crises*", revista Teoria e Política, nº 3, Editora Brasil Debates, São Paulo, 1982.
- original: Anclois, Bréaud e Nouret: " Exposé Critique de la Théorie Revisioniste du Capitalisme Monopoliste d'État" Paris, 1976, tradução: "*Exposição Crítica da Teoria Revisionista do Capitalismo Monopolista de Estado*", revista Teoria e Política, nº 1, Editora Brasil Debates, São Paulo, 1981.
- original: Vladimir Lenin: La Fallite de la II Internationale, Paris, 1963, tradução (em colaboração com Maria Luiza Gonçalves): "*A Falência da II Internacional*", São Paulo, Editora Kairós, 1979.

9. Concursos

- Aprovado em primeiro lugar no concurso para seleção de docentes, realizado pelo antigo Conjunto de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no mês de setembro de 1982 – cerca de 40 candidatos participaram do concurso.

10. Jornalismo

- Editor de suplementos e matérias especiais do semanário Movimento, período: janeiro a novembro de 1981.
- Editorialista do semanário Movimento, período: de 20 de abril de 1981 (edição no303) a 12 de outubro de 1981 (edição no328).

IX. SOCIEDADES E PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS E CULTURAIS

- Assessor científico da Fapesp, do CNPq, da SBPC, da Agencia Nacional de Promoción Científica y Tecnológica (ANPCyT) da Argentina, da Revista de Sociologia e Política, da revista Crítica Marxista e da revista Latin American Perspectives.
- Membro da Comissão de Publicações do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (2002 – 2004)
- Membro do Conselho Editorial da revista Debate Sindical, Editora do Centro de Estudos Sindicais, São Paulo, (1996 - ...).
- Membro do Centro de Estudos Marxistas (Cemarx), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), da Universidade de Campinas (Unicamp),(1996 - ...).
- Membro do Comitê Editorial da revista Crítica Marxista, Editora Brasiliense, (1993-...).
- Membro do Conselho Editorial da Revista de Sociologia e Política, publicação do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná, (1993-...).
- Membro do Conselho Editorial da revista Latin American Perspectives, Riverside, California, Estados Unidos da América, (1993-...).
- Membro do Conselho de Colaboradores do Cadernos da CUT, publicação da Central Única dos Trabalhadores, São Paulo,(1990-1994).
- Membro do Conselho Fiscal da Associação de Amigos do Arquivo Edgard de Leuenroth, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), (1990-1992).
- Coordenador do Grupo de Trabalho Classe Operária e Sindicalismo da Associação Nacional de Pesquisa e pós-graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), (1989-1991).
- Membro da Comissão de Publicações do Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), (1987-1988).
- Membro do Comitê Editorial da revista Teoria e Política, Editora Brasil Debates, São Paulo, (1980-1985).
- Membro da Diretoria do Centro de Intercâmbio de Pesquisas e Estudos Econômicos e Sociais (CIPES), São Paulo, (1979-1981).
- Membro do Conselho Editorial do jornal Movimento, São Paulo, (1979-1981).
- Sócio da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC).

X. FUNÇÕES ADMINISTRATIVAS, ÓRGÃOS COLEGIADOS e COMISSÕES DE ALTO NÍVEL

- Representante docente MS-5 na Congregação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, 2001-2003.
- Representante docente MS-4 na Congregação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, 2000-2001.
- Diretor do Centro de Estudos Marxistas (Cemarx) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, 1999 a 2002.
- Presidente da Comissão Para a Criação do Curso de Direito da Unicamp, órgão criado pela Reitoria da Universidade - março a agosto de 1996.
- Presidente do Conselho Deliberativo dos Centros Internos de Pesquisa do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1995 a 1996.
- Diretor Associado do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), de março de 1993 a dezembro de 1996.
- Chefe do Departamento de Ciência Política (DCP), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1991-1993.
- Membro da Comissão de Estudo Para a Implantação dos Cursos de Graduação Noturnos na Unicamp, órgão criado pela Pró-reitoria de Graduação e pela Comissão Central de Graduação, 1990-1991.
- Presidente da Comissão de Avaliação do Trabalho Didático dos Docentes do Departamento de Ciências Sociais, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1990-1991.
- Membro da Comissão Central de Graduação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1989-1991.
- Coordenador do Curso de Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1989-1991.
- Representante docente MS-3 na Congregação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1989-1991.
- Representante docente MS-2 na Congregação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1987-1989.

XI. ORGANIZAÇÃO DE GRUPOS DE PESQUISA

- Idealizador e coordenador do Projeto Integrado de Pesquisa do CNPq intitulado *Neoliberalismo e trabalhadores no Brasil*. O projeto tem uma equipe de onze pesquisadores, dentre professores, doutorandos e mestrados, está sediado no Centro de Estudos Marxistas (Cemarx) da Unicamp e teve início no ano 2000. Já produziu uma publicação, intitulada *Neoliberalismo e lutas sociais no Brasil*, citada neste currículo.

Campinas, abril de 2003.

Armando Boito Jr.